

A romantic couple is shown in a close embrace, kissing. The man, on the left, has short brown hair and a beard, wearing a dark jacket over a white t-shirt. The woman, on the right, has long, wavy brown hair and is wearing a dark denim jacket. They are outdoors, with a blurred background of buildings and a street. The overall mood is intimate and affectionate.

*O Tempo
não
apaga*

CRYS CARVALHO



O Tempo Não Apaga

Crys Carvalho
2017

Copyright © 2017 Crys Carvalho

Revisão: Mariana Monni
Diagramação Digital: Denilia Carneiro

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

O Tempo Não Apaga
Crys Carvalho

1ª Edição
2017

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2.](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20.](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

Prólogo

“O amor surge quando aprendemos a admirar as qualidades de uma pessoa, que com sua simples presença, nos faz sentir especial.”

(Autor Anônimo)

Maio de 2007

O céu estava lindo, Helen e Matheus estavam deitados na areia da praia admirando a beleza da noite. Apenas o som da água batendo nas pedras e a música distante quebravam o silêncio. Eles sempre iam à praia em noites de lua cheia.

E agora, ele a analisava com ar de quem poderia ler sua alma.

— Você está ouvindo? — Matheus sussurrou em seu ouvido.

— O quê? — ela falou, fitando-o.

— Nossa música. Está tocando no rádio. — A voz dele soou cheia de emoção.

— É mesmo? — Helen disse baixinho — E desde quando a gente tem uma música?

Ah! É claro que ela sabia. Seria impossível esquecer a maneira como aqueles olhos oceânicos brilharam ao vê-la no primeiro encontro. Nunca esqueceria a música que tocava quando ele, finalmente, a beijou. *Palavras ao Vento*, com certeza era perfeita para eles.

— É claro que temos. Uma não. Nós temos várias, mas esta lembra a primeira vez que nos beijamos. Será que você esqueceu?

— Acho que sim — mentiu ela, que nunca foi boa atriz e isso tinha que admitir — Você poderia me fazer recordar esse dia memorável — disse entre risos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Com todo prazer — disse, olhando-a nos olhos, colocando a mão entre suas madeixas castanhas e puxando-a para perto até seus lábios se encontrarem em um beijo suave e doce. Se amavam e isso sempre foi evidente — Quero ter você para sempre...

Ela o interrompeu com mais um beijo.

— Te amo, morena — ele sussurrou em seu ouvido mais uma vez — Você quer casar comigo?

Teria ela ouvido direito? Ele a estava pedindo em casamento?

— O que disse? — Sua voz falhou por um momento.

— Quer casar comigo? — Ele disse, levantando-se e sacudindo a areia de sua roupa. Ajudando-a levantar também, embora as pernas de Helen estivessem completamente trêmulas, por um momento achou que brincava com ela — É sério. — O rapaz pareceu ler seus pensamentos. — Quero me casar com você!

— Aceito! Sim, sim! — Ela gritava feito uma maluca — Quero ser sua esposa, quero me casar com você! — Não era um sonho. Eles se casariam mesmo — Ah amor, é lindo! — Exclamou quando o namorado colocou o anel em seu dedo.

Ele pousou os lábios em sua mão direita. Aproveitou o momento e beijou-a como se fosse a primeira vez, erguendo-a e rodopiando pela praia. Matheus amava Helen desde que a viu pela primeira vez e sempre soube que ela seria a mulher com que dividiria sua vida. Nada mais importava, contanto que a tivesse para sempre.

Capítulo 1

Aproximadamente sete anos depois...

Helen tentava esquecer a razão que causou o fim de seu casamento com Fernando, que fora um bom marido. Pelo menos não tinha o que se queixar dele. Porém, em sua vida sempre haveria Matheus que, apesar de as pessoas dizerem que tinha sido apenas uma paixão passageira, lhe deixara um enorme vazio quando se foi. Por mais que tentasse esquecer o passado, ela simplesmente não conseguia. Tudo isso por um único motivo: o amaria para sempre.

Haviam namorado por dois anos e meio. Um dia ele estava ali, lhe fazendo tantas promessas. No outro, simplesmente sumiu de sua vida. Entretanto, Helen sentia sua presença em absolutamente tudo a sua volta. Todo esse tempo sem telefonemas e sem notícias quase a enlouqueceu. Ainda procurava entender por qual motivo o noivo — um homem que era o sonho de qualquer mulher — a havia deixado sem ao menos dar uma mísera explicação. Juntar os seus cacos e seguir em frente foi uma tarefa muito difícil. Mesmo assim, o fez. Só que às vezes se pegava remoendo o passado.

Conheceu o ex-marido, cunhado de sua melhor amiga, alguns meses após o sumiço do noivo e se encantou por Fernando que, em alguns aspectos, a fazia se lembrar do outro. Com exceção da cor dos olhos e dos cabelos, eram muito parecidos. Mesma altura, físico atlético e o olhar que parecia decifrar tudo sobre ela. Foi Fernando quem a ajudou a superar a depressão profunda e ficou ao seu lado naqueles momentos que nada parecia fazer sentido em sua vida. Com o tempo, nasceu uma amizade e cumplicidade; depois veio a paixão. Amor não, esse espaço já estava preenchido e sabia muito bem separar os sentimentos que a dominavam. Talvez por isso tivesse aceitado seu pedido, afinal, em um casamento, quando o fogo dos primeiros

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

anos se acaba, só o que resta é a amizade. Então, após quase dois anos de namoro, se viu casada com uma pessoa maravilhosa, mas incapaz de fazê-la esquecer de Matheus. Pensou que, com o tempo, aquele amor que nutria por ele morreria, mas ao contrário do que imaginou, seus sentimentos não mudaram. Apenas percebeu que havia se enganado e se deu conta de que ela e o marido eram melhores como amigos do que amantes.

E a cada dia, sentia como se parte dela estivesse deixando de viver. Fernando, é claro, percebia o que se passava no coração de sua esposa. Após três anos de convivência, era muito fácil decifrá-la. Helen achava nem um pouco justo o que estava fazendo com ele. Principalmente por ele tê-la apoiado e ajudado a superar toda aquela dor; sentia como se o estivesse traindo. Com esse pensamento em mente, tomaram a decisão mais sensata: separar-se. Fernando fez questão de que ela ficasse com o apartamento. Foi compreensivo, e no fim se tornaram bons amigos.

Helen tinha uma vida economicamente confortável. Formada em biomedicina, trabalhava no melhor laboratório da cidade e tinha verdadeira paixão pelo que fazia.

Alguns meses após a separação, sua mãe faleceu, o que foi bem difícil superar. Contou com o apoio de Tatiana e Fernando para se reerguer e por pouco não entrou em depressão novamente. Passou um tempo indo de casa para o trabalho e vice-versa, mas agora estava descontando os atrasados. Nos últimos meses, foi a tantos lugares que nem podia contá-los. Fez novos amigos, se enturmou com a vizinhança, começou a fazer academia, radicalizou cortando as madeixas longas e trocando a cor para ruiva. Como sua melhor amiga dizia, tinha se transformado em outra pessoa, porém, nenhuma dessas coisas a fez esquecer Matheus.

Exatamente agora, quando estava finalmente recomeçando sua vida, um ano após o divórcio, escutou alguns rumores de que o ex-noivo estava de volta à cidade. E isso a perturbou por semanas. Sentiu todo aquele turbilhão de emoções lhe invadindo novamente. *Como seria encarar aquele par de olhos azuis após tanto tempo? Será que aquele olhar ainda faria seu coração disparar? Como ele reagiria quando a visse?* Essas eram apenas algumas das muitas perguntas que não saíam de sua cabeça.

Achou as respostas mais cedo que imaginava. Descia do carro, no

estacionamento do seu prédio com uma vizinha, quando viu ninguém menos que Matheus segurando uma garotinha no colo. Seu coração quase parou. De repente, não sabia mais como respirar. Sentiu suas pernas trêmula se, para sua surpresa, a vizinha a apresentou para ele, que estranhamente agiu como se a visse pela primeira vez.

— Prazer, Matheus Lopes — disse, estendendo-lhe a mão — Esta é minha filha Olivia, nós mudamos há algumas semanas. E você mora aqui no prédio também?

Quase teve uma síncope, com tanta informação. Não podia esconder o misto de surpresa e alegria ao vê-lo ali, mas não conseguiu entender porque ele pareceu tão indiferente. Por trás de todas as mudanças — gritantes — que notou logo que seus olhos se encontraram, Matheus continuava o mesmo. Um pouco mais velho, claro. Porém, ele parecia mais másculo; havia perdido aquele ar jovial, apesar do sorriso estampado no rosto que se escondia sob uma barba espessa. Os olhos azuis ainda traziam a mesma intensidade, só que agora eram vistos através de óculos modernos. O cabelo castanho claro, antes caindo sobre os olhos, agora estava estilizado em um corte social despojado. Havia algo nele que a fazia querer deixar todas as mágoas para trás e se jogar naqueles braços, sentir o gosto da sua boca na dele, se embriagar com o seu cheiro. Suas velhas feridas se abriram novamente.

Capítulo 2

Helen estava triste e desapontada. Como aquele homem podia lhe causar tantas emoções controversas e fingir que não a conhecia? Aquilo foi mais do que podia aguentar. Uma semana após o reencontro, recebeu um convite para um jantar no salão de festas do prédio. Na verdade, parecia uma reunião de condomínio, porque praticamente todos os moradores do Edifício Valentin estavam presentes, inclusive o novo vizinho, acompanhado por uma loira escultural e sua filhinha. A mulher aparentava ter a mesma idade de Helen, que só então percebeu se tratar um jantar de boas-vindas ao casal.

Eles estavam radiantes de alegria. Os três juntos eram a imagem perfeita da família feliz, o que a incomodou bastante, principalmente devido ao fato de o homem continuar agindo como se ela fosse uma completa desconhecida. Céus! Havia entregado seu coração aquele idiota anos atrás, quando era apenas uma adolescente boba, mas isso não lhe dava o direito de ignorá-la. Mergulhada em seus conflitos internos, nem notou a presença do ex-marido no jantar.

— Uma garota tão legal como você não devia ficar sozinha pelos cantos — Fernando disse tentando animá-la e arrastando-a para o meio da pista de dança — Bem que podia me apresentar aos seus novos vizinhos.

— Ah, por favor, Fernando, pare com isso. Eu mal os conheço direito — ela desconversou.

Helen nunca iria se acostumar com a intensidade que Fernando a fitava todas as vezes que estavam juntos. Seus olhos castanhos claro eram realçados pelo cabelo igualmente castanho e liso. Gostava da maneira como ele parecia não se importar com o passado deles. A amizade vinha em primeiro lugar, e o resto não era da conta dos outros! Ainda dançavam a primeira música quando notou Matheus dançando com a esposa, bem próximo a eles. Aliás, ninguém tinha as apresentado ainda. Tudo o que sabia era seu nome, pois ouviu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

alguém chamá-la de Samantha durante o jantar. Logo que a música acabou, deixou Fernando dançando sozinho. Não conseguia ficar olhando para o casal feliz ao lado; não deveria ter tantos sentimentos por aquele homem e não sabia de que maneira esquecer tudo aquilo.

Lourdes, uma de suas vizinhas, sentou-se ao seu lado e começou a tagarelar sem parar. Helen não ouvia uma palavra sequer, seus olhos percorriam o salão seguindo o ex-noivo. Já havia passado mais de uma hora quando finalmente seus olhares se cruzaram, deixando as penas de Helen bambas. Ficou surpresa ao notar que Fernando conversava animadamente com Matheus e sua esposa, sorrindo como se fossem velhos conhecidos. Incrível como aquele homem imbecil ainda lhe causava as mesmas emoções. Envergonhada por estar encarando um homem casado, desviou o olhar. Vendo o jeito que o ex-marido estava animadinho, seria capaz de apresentá-la aos dois, já que adorava fazer piada apresentando a ex-mulher para novos colegas.

Então aconteceu o inevitável. Ao fim do jantar, após horas se esquivando para que não fosse novamente apresentada ao dono do seu coração e sua família perfeitinha, Fernando tratou de estragar tudo.

— Helen, venha aqui — estava muito empolgado e sob o efeito do álcool ingerido durante o jantar — Quero te apresentar a umas pessoas!

Óbvio que não queria ir, mas foi praticamente arrastada em direção aos novos vizinhos.

— Matheus, Samantha, essa é Helen Coimbra, minha adorável amiga e ex-mulher. — Ele fez uma careta, depois foi logo exibindo um sorriso travesso.

— Prazer, Matheus Lopes — disse seu antigo noivo, sorrindo e estendendo-lhe a mão — Você mora aqui no prédio? — Ficou confusa, já que haviam sido “apresentados” uma vez.

— Acho que já fomos apresentados — disse, tentando não parecer idiota.

— Ah! Desculpe — falou, desapontado — Um prazer revê-la.

— É um prazer conhecê-la finalmente. Sou Samantha Lopes, Fernando já falou de você o suficiente para ficarmos curiosos. — Notou que a mulher estava surpresa ao vê-la. Os olhos dela, estranhamente, lembravam os de ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Matheus.

— O prazer é meu. — Sua voz saiu sem graça. Aquilo parecia loucura. Ele tinha elevado o nível da canalhice ao fingir, por duas vezes em poucos dias, que não a conhecia. — O que estão achando do apartamento novo? — Foi a única coisa que veio a sua mente para dizer naquele momento constrangedor.

— Ótimo! Você podia nos visitar um dia desses — a mulher sugeriu.

— Claro que irá. — Fernando respondeu antes que Helen pudesse dizer qualquer coisa — Ela vem tentando ser boa vizinha ultimamente, não é mesmo Helen?

— Ah, sim, é claro! — Disse de maneira distraída, pois estava ocupada analisando Matheus. *Ai meu Deus!* Aquele olhar fazia a adrenalina correr em suas veias loucamente, mas havia algo diferente nele que ainda não conseguia identificar.

Todos riram e não soube o que tinha feito de tão engraçado.

— Não achei que fosse gostar tanto de morar aqui novamente — o homem tentou desviar o assunto, mas a olhava intrigado, deixando-lhe sem ar por um momento — Olivia está adorando tudo isso.

— Quem? — Perguntou, tentando fugir do olhar dele, mas de uma maneira que não sabia explicar sentia-se presa.

— Minha filha, aquela garotinha — respondeu, desviando o olhar para a garotinha brincando do outro lado do salão, que por sinal lembrava muito ele e a esposa — talvez já a conheça também.

— Oh, sim. A vi no estacionamento, como poderia esquecer? — Precisava urgentemente sair dali, antes que cometesse alguma loucura — Nossa! A filha de vocês é linda — mencionou quando a garotinha se aproximou, correndo para os braços da mãe.

Não entendeu os olhares surpresos de Samantha, Matheus e Fernando.

— Deve haver um engano — ouviu a voz aveludada de Samantha, que deixou escapar um sorriso — Não somos casados. E por sinal, nem poderíamos se quiséssemos. Por mais que ame esse homem, ele simplesmente não pode ser meu — o tom dela foi dramático.

Agora estava entendendo nada. Helen não sabia se ficava feliz por

descobrir que não eram casados ou se ficava triste por saber que, apesar disso, a mulher o amava.

— C-como assim? — gaguejou, questionando o que havia acabado de ouvir.

— Ah, me desculpe, querida. Esqueci de mencionar que Matheus e Samantha são irmãos — Fernando disse antes que ela pudesse estrangulá-lo com seu olhar.

Inacreditável! Irmãos? Como assim? Até onde sabia, ele não tinha irmãos. Pelo visto, não conhecia nada da vida dele. Ao menos isso explicava os olhares que o ex-marido trocava com Samantha.

— Me desculpe, vi a aliança de Matheus... — disse, desconcertada. Só então percebendo se tratar da aliança que talvez carregasse em seu dedo caso ele não tivesse bancado o covarde.

— Não precisa se desculpar, Helen - foi a vez de Matheus explicar o mal-entendido — As pessoas sempre fazem esse tipo de confusão conosco. — O homem finalizou com aquele sorriso torto que a deixava desnorteada.

Aquilo foi muito estranho. Porque usava aliança e, ao mesmo tempo, fingia não a conhecer?

Fernando e Samantha foram buscar mais bebida e levaram Olívia com eles, que insistia em correr em volta da tia pedindo-lhe algo. Ela e Matheus ficaram a sós.

— Como você consegue fazer isso, Matheus? — explodiu de repente. Estava com tanta raiva que queria esganar esse cara.

— Desculpe, mas sobre o que você está falando? — o homem parecia realmente confuso — Eu... Eu nem sei direito o seu nome.

— Não se faça de bobo, como pode fingir que não me conhece? Usar essa aliança e não saber de nada? Como pôde? — ela cuspiu as palavras.

— Desculpe, mas deveria conhecê-la? O que tem de errado com a minha aliança? — disse, arrumando seus óculos.

Agora parecia mais confuso ainda, porém ser sincero. Não entendeu a reação dele.

— Que bonitinho, se fazendo de esquecido, mas quem faz as perguntas aqui sou eu. Admita que está querendo me torturar. Fugir não foi suficiente?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Eram anos reprimidos.

— Olha, moça, você deve estar me confundindo com alguém ou sei lá o que — acusou, visivelmente irritado — já morei nessa cidade há seis ou sete anos e essa aliança não tem significado claro para mim, mas sinceramente não faço ideia de quem seja você!

— Como assim “essa aliança realmente não tem significado claro para mim”, “não faço ideia de quem é você”? Seu idiota, mentiroso — Helen estava gritando. Ele a puxou para um lugar reservado, esperando que ninguém tivesse escutado qualquer coisa que ela disse.

— Não sei por qual motivo está gritando comigo — disse, tentando controlar os ânimos; sua voz soou estranhamente calma —, mas seja lá qual for o caso, você deve me escutar! Eu. Não. A. Conheço — fez uma pausa entre cada palavra, fazendo que com ela parecesse uma débil mental — Está me confundindo com outra pessoa.

— Não estou confundindo você com ninguém, seu babaca. Poderiam ter se passado até mesmo cem anos que o reconheceria em qualquer lugar do mundo. — Helen podia sentir o rosto queimando, as lágrimas quentes borrando sua maquiagem, o ódio crescendo e transbordando por todo seu corpo. Esmurrava o peito dele sem encontrar as palavras para descrever o que sentia.

Matheus segurou os braços dela com força e ela foi caminhando para trás até sentir-se chocar contra a parede. Estava presa. Ele se aproximou ainda mais, sem desviar os olhos e fazendo com que ela se perdesse em um oceano de incertezas. A respiração descompassada dele dançava nos lábios dela, e o cheiro do homem por quem ainda era apaixonada lhe invadia os pulmões.

— Pare! — ele ordenou em um tom ameaçador, a centímetros de sua boca, e Helen sentiu seu corpo estremecer. Ele não estava fingindo, constatou por fim.

— Ei, o que está havendo aqui? — Samantha perguntou com espanto ao se deparar com o irmão apertando os braços da vizinha.

— Nada — Matheus afirma, se afastando, mas sem tirar os olhos dela — Não é mesmo, Helen?

— Nada mesmo. — Não conseguiu encará-lo e sua voz falhou — Já...Estava de saída. — foi tudo o que conseguiu dizer antes que começasse a
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

PERIGOSAS

chorar.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 3

Saiu correndo, esbarrando nas pessoas sem saber ao certo para onde ir e acabou sentando na beira da piscina. Pelo menos, ali ficaria sozinha. Abraçou a si mesma e se derramou em lágrimas, pensando na conversa com Matheus. Por que parecia não se lembrar dela? O que ele quis dizer com “essa aliança não tem significado claro para mim”? Algo terrível tinha acontecido ou estava por acontecer, podia sentir. Todos aqueles acontecimentos juntos apenas confirmavam algo que sempre suspeitou: jamais deixaria de amá-lo. Mesmo que não significasse nada para ele, de alguma maneira estavam ligados para sempre, mas só queria entender a razão de brincar com os sentimentos dela?

— Olá — ouviu a voz de Samantha —, por que você sumiu? Fernando está te procurando. A viu passar correndo, mas não conseguiu acompanhá-la, então me ofereci para te procurar. — Percebeu que Helen enxugava as lágrimas do rosto, então sentou ao seu lado. — Ei, por que está chorando?

— Porque sou uma boba. — Tentou rir de si mesma.

— É pelo que o meu irmão fez? Se for, peço desculpas. Ele não teve a intenção. Às vezes é grosso mesmo, ainda mais com pessoas desconhecidas — a mulher disse, frisando a última palavra — Sempre discutimos por causa disso.

— Não. O problema é que não sou uma desconhecida.

— Não entendi?!

— Tivemos uma história inacabada e, não sei por qual motivo, ele diz não me conhecer — confessou, as lágrimas voltando novamente — Me sinto uma idiota, nem sei porque estou abrindo minhas feridas outra vez, mas aquele homem lá dentro deixou meu coração em frangalhos, virou a minha vida de pernas para o ar e simplesmente sumiu. Agora aparece do nada,

quando já tinha me acostumado a conviver com essa dor, e diz que o estou confundindo com outra pessoa. Não. Isso... — hesita - isso é mais do que eu poderia suportar.

Samantha pousou a mão em seu ombro tentando confortá-la. De alguma maneira, aquele gesto acalmou Helen.

— Como é? — indagou — Você e Matheus, tipo, namoraram? Há quanto tempo isso? Tem como provar? — a mulher questionou em um misto de surpresa e desapontamento.

— Sim. Ele desapareceu por sete anos, deixando para trás uma noiva em desespero. É praticamente impossível que não se lembre de mim. — Segurou seu pingente entre as mãos e abriu revelando foto deles a Samanta. — Olhe só, está vendo? É ele, não sou louca.

— Então é mesmo a garota dele — disse aproximando-se e tocando o pingente.

— Queria que alguém pudesse me explicar por que ele não se lembra de mim, de tudo que aconteceu e da maneira como partiu meu coração. Só pode estar fingindo, não existe outra explicação. — Só agora absorveu e compreendeu o que Samanta falou. — Espere, o que disse? Você sabia? — Tinha que ser brincadeira tudo aquilo.

— Me escute — a mulher pediu, hesitando por um momento, sem encará-la — Talvez não seja assim tão impossível o meu irmão ter esquecido algumas coisas. Existe algo sobre Matheus que precisa saber e talvez possa explicar o mal-entendido que está acontecendo.

— Não respondeu a minha pergunta — Helen percebeu coma a mulher se desvencilhava da resposta, mas não insistiu. No momento, o mais importante era saber o motivo pelo qual Matheus dizia não a conhecer —, mas continue.

— Exatamente há sete anos, descobri que tinha um irmão que morava nesta cidade. Meu pai o abandonou com sua mãe. Ele só me revelou isso porque estava à beira da morte e necessitava do perdão do filho. Então, resolvi procurar pelo meu irmão abandonado para que pudesse ver nosso pai antes que morresse. Quando o localizei, ele se recusou a ir, mas insisti e consegui convencê-lo a vir o mais rápido possível. Para nosso desespero, ele sofreu um grave acidente na viagem. Matheus levou uma pancada na cabeça

que o deixou em coma. Nenhum documento foi encontrado, o que impediu que encontrássemos sua família ou, no caso, você.

— Meu Deus! — exclamou Helen, levando a mão à boca— Foi por isso que não tive notícias dele. — As coisas começavam a clarear. Finalmente.

— Como havíamos combinado de nos encontrar — Samantha cruzou os braços e encarou Helen de um jeito estranho, como se tivesse tentando convencê-la de suas verdades —, e ele não apareceu, decidi procurá-lo, mas só consegui localizá-lo três dias após o acidente em um hospital de uma cidade próxima. Apesar do coma, os médicos estavam otimistas, pois ele reagia bem ao tratamento. Certa noite, pouco antes de acordar, chamou o nome de alguém, mas nunca achei que fosse algo para dar importância. Após dois meses, ele acordou, mas havia sequelas. — Era isso que Helen temia. Aí estava a explicação para a atitude inesperada de Matheus. -As memórias tinham sido afetadas, os médicos não sabiam dizer ao certo o que tinha perdido. Até descobrirem que não se recordava de absolutamente nada antes do acidente, foi muito difícil enfrentar tudo isso. Eu tinha dezoito anos e inúmeras responsabilidades, meu pai morreu nesse intervalo de tempo — relata.

— Sinto muito — Helen disse, desconfiada. A história parecia fantasiosa e certinha demais, como se já tivesse sido ensaiada muitas vezes.

— Quanto a Matheus — os olhos de Samantha se encheram de lágrimas —, por algum milagre, seus movimentos e conhecimentos não foram afetados. Em um ano tive praticamente que começar do zero. Tanto com ele, que pouco conhecia, como comigo mesma. Algumas coisas se resolveram com o tempo. Às vezes ele lembra, mas é apenas por um curto espaço de tempo.

— Nossa, essa é uma história fantástica — Talvez isso explicasse o motivo de sentir como se uma parte dela estivesse morrendo quando o noivo se foi —, porém não justifica nada. Por que não veio atrás da vida dele aqui?

— Desculpe, mas tive medo. Talvez por meu irmão ter deixado bem claro, antes de visitar meu pai, que não nos queria em sua vida, tive muitas dificuldades em provar nosso parentesco. No início, foi bastante complicado, pois não sabia absolutamente nada sobre ele. Tivemos que aprender juntos e

confiar nas poucas memórias que voltaram ao longo dos anos. E depois, foi o medo de que não me aceitasse em sua vida se descobríssemos a verdade.

— Só que se tratava da vida dele, Samantha — argumentou Helen— Eu passei todos esses anos pensando que tinha sido abandonada.

— Me desculpe, por favor, achei que soubesse. — A irmã de Matheus a encarou, procurando indícios de algo que talvez pudesse ter sido ocultado — Entenda, precisava cuidar dele e protegê-lo. Tive medo de que alguma coisa aqui me impedisse de fazer isso. Tente entender. — Samantha enxugou as lágrimas que escorriam. — Depois de tudo que passou, meu irmão precisava de cuidados especiais e, com o dinheiro que papai tinha deixado, podia cuidar dele e viver confortavelmente — tentava se justificar.

— Sinto muito, mas isso não justifica nada. — Helen não conseguiu disfarçar a raiva. *Como aquela mulher podia achar que estava certa?*

— Eu sei. Deixe-me explicar o que aconteceu — ela suplicou — Percebi muito tarde meu erro. Dois anos mais tarde, Matheus conheceu a mãe de Olivia, começaram a namorar e, em seguida, ela engravidou, mas não conseguia lidar com a doença dele e não queria aquele bebê. Matheus assumiu as responsabilidades com a criança. O apoiei. Ele quis voltar pra cá, mas tive medo. Só que no fim do ano passado, essa decisão tornou-se inevitável.

— Caramba! Então ele realmente falava a verdade quando disse não me conhecer. — A mulher só queria proteger o irmão, Helen percebeu, mas isso não lhe dava o direito de fazer o que fez.

— Sim, e não o culpe por isso. Se tiver que culpar alguém, que seja a mim — soava muito sincera ao assumir a culpa pelo que fez — Talvez inconscientemente meu irmão saiba quem você é, por isso quis tanto vir para cá. Às vezes ele tem algumas lembranças, mas elas somem tão rápido quanto apareceram. Ultimamente, até o que aconteceu recentemente ele não consegue lembrar com clareza.

— O que Matheus tem realmente? Existe alguma chance de ele voltar a lembrar?

— É um tipo de amnésia. Ele não se lembra do que ocorreu em sua vida antes do acidente, apenas poucas coisas que sabia sobre ele. *Amnésia retrograda*, é o termo correto utilizado pelos médicos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Existe alguma chance de ele se lembrar de mim? — Isso era o que a preocupava.

— Para ser sincera, não tenho certeza. Têm dias que Matheus não consegue saber quem sou, tenho a impressão de que a doença está afetando as memórias recentes. — Os olhos de Samantha estavam marejados. Ela estava evidentemente abalada com o que havia confessado. — Desculpe, mas não sei se ele irá, algum dia, se lembrar de você. Às vezes, não se recorda da própria filha — diz com pesar — Acho que falei demais. Chega de sessão divã por hoje. Vamos, acho que tem gente preocupada como nosso sumiço, inclusive Matheus. — Enxuga as lágrimas e tenta rir. — Chega de chorar por hoje, viu mocinha?

Helen percebeu que havia uma chance de se tornarem amigas.

— Samantha, posso te perguntar uma coisa?

— É claro que pode, Helen.

— Você sabia? Sabia sobre mim, sobre quem realmente fui para ele?

Ela hesitou por um momento, fechou os olhos e quando os abriu estavam cheios de lágrimas novamente.

— Sim. E... Por favor, me desculpe. Nunca pensei nas consequências dessa decisão. Perdoe-me — Samantha diz numa tentativa de justificar outra vez seus erros.

— Nesse exato momento, simplesmente não posso dizer que entendo e perdoo. Não estaria sendo justa comigo mesma. Só me responda uma última coisa: ele sabe? Sabe que tinha alguém que esperava por ele todos esses anos? — exigiu saber.

— Talvez — Samantha colocou a cabeça entre as mãos e as lágrimas ameaçaram cair novamente —, mas tive medo de contar e agora... Agora acho que já é tarde, tenho medo de confundi-lo ainda mais.

— O que fiz lá dentro, o que falei, pode prejudicá-lo de alguma maneira? — Helen perguntou assim que se deu conta que talvez pudesse ter causado algum dano.

— Quanto a isso, não se preocupe. Amanhã ele não se lembrará do motivo que fez com que você gritasse. Contanto que não o assuste como fez hoje — Samantha disse com pesar —, vai ficar tudo bem. Mais uma vez, me

desculpe. Fui muito egoísta. Não quero ser sua inimiga de maneira alguma.

— Tudo bem. Só não posso esquecer tudo, nem mesmo dizer que a perdoei. — Alguma coisa lhe dizia que a irmã de Matheus escondia muitas outras coisas. Cedo ou tarde, ela iria descobrir.

Capítulo 4

Matheus ficou confuso com a explosão da vizinha. Ela parecia convencida de que ele a conhecia, e a determinação em seus olhos âmbar dizia que havia algo muito estranho em tudo aquilo.

Conseguiu se lembrar de quando a viu pela primeira vez no estacionamento. Naquele momento, teve a sensação de conhecê-la, mas também não era o tipo de mulher que um homem esquece facilmente. Mais baixa do que ele alguns centímetros, a vizinha era uma bela mulher. Tinha pernas bem torneadas, a cintura fina, e o rosto delicado se ajustava perfeitamente aos seus cabelos ruivos que caíam sobre o ombro. Apesar disso, não se recordava de tê-la visto; não depois do acidente.

Os últimos anos não estavam sendo fáceis e para ter um mínimo de normalidade em sua vida, sem depender da irmã, tinha que manter um caderno de anotações, além de manter seus compromissos rigorosamente agendados em seu Smartphone. Sua câmera fotográfica tinha a função de ajudá-lo a se lembrar das pessoas. Na antiga casa, tinha um mural com fotos e respectivos nomes daqueles que faziam parte do seu cotidiano. Todas as manhãs ao se levantar, costumava olhá-las só para se certificar de que ainda os reconhecia. Com a mudança, precisou fazer um novo quadro e ficava constrangido quando não conseguia lembrar o nome dos vendedores da loja, até mesmo dos vizinhos que via quase todos os dias.

Era arquiteto e por causa da doença não conseguia exercer a profissão em tempo integral. Fez pós-graduação em arquitetura de interiores, era apaixonado pelo ofício, trabalhava eventualmente como consultor em um escritório de arquitetura, e nas horas vagas ajudava a irmã na administração dos negócios que, por sua vez, o ajudava com Olivia. Seu trabalho lhe permitia passar a maior parte do tempo em casa, mas às vezes ficava difícil conseguir se concentrar no que estava fazendo. Quando isso acontecia,

Samantha o obrigava a parar e concentrar as atenções na filha.

As mudanças de hábitos não estavam lhe fazendo muito bem. Na semana anterior, tinha feito muitas coisas erradas no trabalho. Se esquece de ir ao uma reunião com cliente, deixou sua pasta com um projeto importantíssimo no caixa do supermercado e, no dia seguinte, ele havia acordado sem saber onde estava e quase machucou a irmã quando ela entrou em seu quarto para guardar as roupas dele no armário.

— Espere, Matheus— ela disse naquela manhã tentando acalmá-lo — sou eu, Samantha, sua irmã.

— Conheço você? — Ele ficava muito nervoso quando acordava assim. Para sua sorte, a irmã já havia se habituado a esse tipo de episódio ao longo dos anos. — Desculpe, Sam. — Então, ele se lembrava de quase tudo. — Tem mais alguma coisa que devo saber?

Por essa razão sempre mantinha o caderno de anotações e seu Smartphone por perto. Não sabia muito sobre a sua vida antes do acidente. Tinha seu apartamento ali em São Felipe, mas nunca teve coragem o suficiente para visitá-lo novamente. Sempre foi estranho pensar que não conhecia sua própria casa. E havia a caixinha de veludo com as alianças que o deixava muito confuso.

Estava procurando coragem para ir atrás do seu passado. O apartamento dele não havia sido ocupado por outra pessoa, o que não significava que estivesse abandonado. Samantha queria preservá-lo intacto.

A cada dia, as coisas se tornavam mais complicadas para ele.

Por muitas vezes, não conseguia lembrar o nome da filha, mas tinha certeza de uma coisa: ela era a sua razão de viver. Sabia disso quando o abraçava naqueles dias em que sua vida parecia não ter sentido algum. Matheus amava a filha e a irmã, e prometeu a si mesmo que elas seriam as únicas mulheres de sua vida após a decepção com a mãe de Olívia.

E agora, aquela vizinha maluca tinha feito uma bagunça em sua cabeça. Depois daquela noite, na qual havia perdido o controle, mesmo não sabendo o motivo, vinha pensando nela com frequência, embora nem lembrasse mais o seu nome. A mulher carregava uma mágoa enorme e sentiu raiva de vê-la tão frágil. Ao mesmo tempo, se sentiu atraído por ela. Quando ficou a centímetros de sua boca, usou todo seu autocontrole para não tomá-la em um

beijo desesperado.

Dois dias que a tinha visto e agora, deitado em sua cama tentando dormir, fazia anotações em seu celular sobre a vizinha. Tentava, em vão, lembrar o nome dela quando ouviu uma batida em sua porta.

— Matheus, está acordado? — A voz aveludada da irmã o trouxe de volta.

— Sim, estou. Entre — disse, enfiando o celular embaixo do travesseiro.

— Já tomou seus comprimidos? — Samantha sentou-se na cama.

— Claro que sim — respondeu — Olivia já dormiu?

— Sim, feito um anjinho. No que está pensando? — ela quer saber.

— Nada em particular. — Algo em sua irmã estava estranho. - Mas não foi para saber o que estou pensando que veio, foi?

— Não, estou preocupada com sua saúde. Acho que devíamos consultar seu médico — sugeriu. Matheus coçou a cabeça impaciente quando Samantha começou a falar de suas preocupações — Semana passada, acordou sem saber nada de si mesmo. Sem falar nos erros que tem cometido no trabalho.

— O que fiz de errado na loja?

— Nada que não pudesse ser reparado. Por enquanto... Está vendo, Matheus? Acho que não deveria trabalhar até o fim de semana.

— Por quê? — Mesmo não sendo adepto à ideia, pensou que aquela poderia ser uma boa oportunidade para ir atrás de sua história.

— Por que não tenta cuidar um pouco de si mesmo e dar mais atenção a sua filha nos próximos dias? — Samantha era super protetora e sempre fazia esse tipo de coisa com ele. — Tem certeza de que tomou a medicação direito nesses últimos quinze dias?

— Talvez — disse, fazendo careta. Estava tentando fazê-la rir, mas não conseguiu — Ok, foi só uma brincadeira. Marquei no Smartphone data, hora, tirei uma foto também, para o caso de querer confirmar a veracidade dos fatos — indica o calendário em sua mesa.

— Não preciso, acho que acredito em você — riu finalmente — mas o que está te incomodando? Teve novas lembranças?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Nada. Aqui tudo parece tão estranho para mim.

— Voltou a ver Helen? — perguntou desconfiada.

— Quem é... — Ah! Era esse o nome da vizinha — Helen. — Tinha que escrever o nome dela logo, senão esqueceria novamente. — Ah, a vizinha. Não, eu não a vi, por quê?

— Por nada, só queria saber. — Após se levantar, beijou a testa do irmão, desejando-lhe boa noite.

Ele tinha a sensação de que a irmã escondia algo, mas talvez fosse só coisa da sua cabeça. Logo que saiu, Matheus correu para o quarto da filha, que dormia profundamente, deitou-se ao lado dela e a abraçou.

— Me desculpe, princesa — disse baixinho — Papai anda tão perdido.

Olivia se mexeu e colocou sua mão pequenina no rosto do pai, como se estivesse aceitando suas desculpas. Tinha tanto medo de um dia esquecer aquele rostinho meigo. Talvez fosse por isso que a fotografava tanto e espalhava as fotos por todos os cômodos da casa. Escrevia, todos os dias, sobre as descobertas que ela fazia e havia, inclusive, feito uma tatuagem em seu punho com o nome dela; era uma maneira de mantê-la viva em suas memórias.

Matheus estava sentado sozinho em uma mesa de restaurante e olhava impacientemente para o relógio. Esperava alguém que devia ter chegado às oito horas, mas quinze minutos já haviam passado e nada de ela aparecer. Ansioso, se virava a cada vez que escutava a porta se abrindo.

Levantou decidido a ir embora e quando ergueu a cabeça foi surpreendido por uma bela mulher, vestida elegantemente, de pé diante dele. Seu rosto lhe pareceu familiar, porém naquele momento não conseguia lembrar se a conhecia. Seu coração disparou e tinha dificuldades de raciocinar; tinha certeza de que havia esperado por ela a vida inteira. Admirou-a por um breve momento. Ela parecia um tanto tímida, mesmo assim bela. Seus cabelos castanhos estavam presos em uma trança, o vestido preto realçava suas curvas, a forma como ela o olhava o deixou confuso, mas ela era perfeita. Puxou a cadeira para que a moça sentasse e ela lhe sorriu, mas seu olhar pareceu triste.

— *Acho que demorei um pouco - ela disse, timidamente.*

— *Sem problemas, mas por que está tão triste? — indagou, preocupado.*

— *Você não sabe quem eu sou. Não é mesmo, Matheus?*

Ele procurou as palavras certas.

— *Está enganada. Sei que é a mulher que vou amar por toda a minha vida — disse, prendendo o olhar dela no seu — Posso não saber o seu nome, mas isso não importa.*

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e quando falou, sua voz saiu trêmula.

— *Então por que demorou tanto?*

Matheus, acorda! A irmã chamava seu nome, apreensiva.

— *É, papai, acorda. Tem que me levar para escola — Olivia parecia eufórica.*

Abriu os olhos e deu graças a Deus quando, reconheceu aqueles rostos. Só que não reconheceu o quarto.

— *Onde estou? — disse, sonolento.*

— *No meu quarto. — Sua filha estava radiante — Papai dormiu comigo! — ela cantarolava.*

— *Que horas são, hein? — indagou, ainda tomado pelo sono.*

— *Hora de levantar e levar Olivia para aula. Hoje você tem muitas coisas para resolver. — Sam puxava os lençóis dele. — Acho bom começar a anotar aí na sua agenda o que vai fazer, já que tem a cabeça oca.*

— *Papai não tem cabeça oca — a filha repreendeu a tia.*

— *Meu Deus, não se pode mais dormir nessa casa? — Puxou a coberta e virou para o outro lado. — Depois reclamam quando não consigo saber quem são as duas, me deixem dormir mais um pouco.*

— *Não! - elas disseram em coro, puxando o cobertor.*

— *Vamos levantar, seu dorminhoco. — Samantha fingia estar zangada. — Olivia já está atrasada.*

Levantou-se com a sensação de estar esquecendo algo importante, mas
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

não conseguiu saber o que era.

Foi para o próprio quarto se arrumar. Eram seis da manhã e a aula da filha só começava às sete e meia, porém o trânsito até a escola era caótico. Para evitar atraso, teria que sair com pelo menos quarenta minutos de antecedência. Tomou um banho e, com a água morna escorrendo pelo corpo, recordou-se de ter sonhado, mas não conseguia saber com o que. Após se secar, pegou o celular e desbloqueou a tela. As anotações da noite anterior estavam logo à sua frente, leu o que estava escrito e sentiu o já conhecido aperto em seu peito. Por mais que tentasse, mais uma vez não conseguiu lembrar o nome da vizinha.

Helen passou os dias seguintes se odiando por ter feito aquela cena com Matheus. Só voltou a vê-lo uma semana após o jantar. Samantha ficou preocupada, talvez por sentir-se culpada, e tinha ligado para ela a semana inteira para ver como estava. As ligações acabaram por deixá-las mais próximas. Além disso, Tatiana que estava louca para saber se ela já havia reencontrado o ex. Por enquanto, estava evitando responder as perguntas da amiga.

Não seria por muito tempo, apenas o suficiente para resolver o que iria dizer, inclusive a Matheus. Tentaria manter a melhor amiga longe de sua casa, pois ela se o visse, não entenderia o que estava acontecendo. E, francamente, não estava com paciência para explicar nada a ninguém. Pelo menos por enquanto. Qualquer atitude desse tipo poderia deixá-lo ainda mais confuso.

Para piorar, durante a semana havia encontrado o seu anel de noivado, enquanto mexia em suas coisas, e aquilo trouxe à tona recordações que vinha tentando esquecer.

Uma joia magnífica, pois Matheus alegou que merecia o seu melhor. Um anel solitário em ouro branco com vinte três pontos de diamantes; na parte interna, uma inscrição que a machucava sempre que lia: *Neogear*

“Nunca Esqueça O Quanto Eu Amo Você”. Lembrou-se das palavras dele ao colocá-la em seu dedo.

Olhando aquilo, ficava difícil acreditar que o antigo noivo não fazia a menor ideia de quem ela era.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Chegou da academia por volta das oito da manhã. Entrou no elevador de cabeça baixa e revirando sua bolsa a procura das chaves de sua casa. Quando levantou o olhar, sua surpresa foi tamanha que, por um momento, ficou sem ar. Lá estava ele.

O silencio foi constrangedor e o homem parecia incomodado. Franzia a testa e apertava a placa de metal do cordão entre os dedos. O mais engraçado era que ela conhecia cada um daqueles gestos e o que significavam; no fundo, ainda era o mesmo cara por quem se apaixonara.

— Oi — finalmente resolveu quebrar o silencio, e ainda faltavam dez andares, mesmo que parecessem vinte.

— Oi. — Estava tenso, podia sentir pela maneira como a fitou. Então, Helen se lembrou deque queria pedir desculpas e essa era a oportunidade.

— É... Desculpe-me pelo outro dia. Bebi mais do que deveria — mentiu — Devo ter confundido você com outra pessoa.

— Ah, sim — disse, lembrando-se de que haviam se desentendido. Aquele devia ser o motivo, então. — Aquilo realmente foi estranho — estava blefando, claro, depois de um tempo convivendo com o esquecimento, havia aprendido algumas técnicas, mas ela devia ter bebido muito para tê-lo confundido com sei lá quem — Considere-se desculpada... — Fechou os olhos tentando lembrar-se do nome dela — Droga — disse entre dentes — Perdão, mas qual seu nome mesmo?

— Helen, o meu nome é Helen. E a sua filhinha— disse tentando mudar de assunto —, como vai? Como é mesmo o nome dela?

— Está bem, obrigada, nome dela é... — Ele puxou a manga da camiseta e virou o punho — Olivia. É isso.

Ela moveu a cabeça em um sinal afirmativo. Acidentalmente, suas chaves caíram no chão e ambos estenderam as mãos para pegá-las. No momento em que se tocaram, Helen pôde sentir cada terminação nervosa do seu corpo respondendo a ele. Foi dominada pela saudade.

— Helen, você está bem? — A voz dele soou preocupada e perigosamente perto de seu rosto.

— Ah... Claro. — gaguejou. Ele tinha uma pequena cicatriz no supercílio. Outra atrás da orelha esquerda descia até o pescoço. Talvez fosse

esse o motivo de ele usar barba. Como ainda não tinha notado aquilo? Sentiu uma enorme vontade de tocá-las.

— Tem certeza? — Ele estendeu a mão para ajudá-la a levantar. — Você está ficando pálida — disse, tocando uma mecha ruiva dela e colocando atrás da orelha. Helen sentiu as pernas falharem, a profundidade do olhar a convidava para tantas coisas. Sentiu a mão livre dele segurar firme sua cintura, os corpos agora colados. O coração de Matheus batia descompassado, no mesmo ritmo do dela, e seu cheiro a embriagou. Aquele sempre fora o lugar que desejou estar, ela pensou, inclinando a cabeça e fechando os olhos, um leve sorriso brincou nos lábios dela. A mão dele traçou o desenho do sorriso de Helen, lhe trazendo pequenos arrepios pelo corpo.

Não faça isso, por favor. Por favor. Aquela voz dentro de sua cabeça implorava. Ele não podia simplesmente ter esquecido tudo o que viveram juntos, de alguma maneira tinha que se lembrar dela.

O azul dos olhos dele a inundava, a mão dela se agarrava a sua camiseta como se dependesse daquilo para manter-se de pé. Sentiu a barba bem cuidada fazendo cocegas em seu rosto. Ele inalou o cheiro da mulher, levando a mão à nuca dela. Seus lábios, então, se encontraram em um beijo desesperado. Naquele milésimo de segundo, Matheus soube quem ela havia sido em sua vida.

A porta do elevador se abriu, chegando ao andar dele, que se afastou cedo demais e sem maiores explicações.

Helen levou a mão aos lábios. *Quem era aquele homem que a tinha beijado com tanto desespero?* Ele parecia outra pessoa e não ia conseguir evitar ficar perto dele. Não depois daquele beijo que lhe tirou o chão.

Droga! A quem queria enganar? Sempre foi ele e ninguém poderia mudar isso.

O telefone tocou assim que abriu a porta de casa. Era seu pai querendo notícias.

“Nem queira saber”, cogitou por um momento dar essa resposta, mas quando abriu a boca, o que saiu foi outra coisa.

— Papai, estou ótima — Tirando a parte do elevador, quis acrescentar. — E o senhor?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Ah, estou muito bem. Já te contei que arrumei uma namorada?

— Não! — disse sem nenhuma surpresa. O homem havia cismado que iria casar de novo, mesmo que as filhas não quisessem — Papai, por favor, não inventa.

— Ah! Você está com ciúmes de mim? Filha, preciso de alguém para cuidar de mim — disse entre risos — e já vou avisando que vou me casar.

— Mas, papai, Daiane não está cuidando bem de você? — disse, referindo-se à enfermeira que cuidava dele — Helena já sabe disso?

— Filha, não se trata disso. Casar é saber que você vai ter alguém com quem compartilhar suas alegrias e tristezas; é ter o seu melhor amigo, companheiro e amante em uma única pessoa. — Parou de ouvir o pai e começou a pensar si mesma. Ele usava os mesmos argumentos que anos antes ela tinha usado para convencê-lo de que deveria aceitar seu casamento com Matheus.

Conversaram um pouco em pouco tempo estavam se despedindo. E ela ficou novamente sozinha com seus pensamentos.

As palavras de seu pai não saiam de sua cabeça. “Casar é saber que você vai ter alguém com quem compartilhar suas alegrias e tristezas; é ter o seu melhor amigo, companheiro e amante em uma única pessoa.”.

Foi sempre assim que quis o ex-noivo, ao seu lado, compartilhando uma vida juntos. E o novo Matheus arrancava sensações e a fazia sentir coisas que nem mesmo ela sabia sentir.

Capítulo 5

Helen passou o dia pensando no beijo. Chegou cedo do trabalho, tentou assistir um filme, mas não conseguiu. Então, resolveu caminhar um pouco no parque e acabou encontrando a irmã de Matheus.

— Oi, como vão as coisas? — Samantha perguntou, erguendo a sobrinha no colo.

— Ainda estou confusa com tanta informação na minha cabeça, mas está tudo bem. E vocês, como vão? — disse, referindo-se a ela e à sobrinha.

— Eu estou ótima, mas a Olivia está resfriada, mas não é nada grave. — Colocou a sobrinha no chão novamente. — Nossa, isso aqui é lindo — disse, apreciando a vista — Nada melhor que ar puro, hein?

— Verdade. Eu costumo vir caminhar aqui no fim da tarde. O bom é que nunca está cheio demais — ela voltou-se para a garotinha — E você tá gostando do parque Olivia?

— Tô, aqui é legal. Só lá em casa que é chato — resmungou a menina. Helen riu.

— Mas por quê? Você não tem coleguinhas lá no prédio?

— Tenho, mas elas são todas maiores do que eu e não querem brincar comigo.

— Acho que conheço uma garota do seu tamanho que mora aqui perto. Que tal se eu levar você para brincar com ela um dia?

— É mesmo? Você deixa tia Sam?

— Claro que sim!

A garotinha exibiu um sorriso tímido para Helen, sua mais nova colega.

— Vou ligar para a mãe dela e depois confirmo com sua tia, combinado?

Olivia balançou a cabeça afirmativamente e começou a correr atrás de uma borboleta.

— Não vá muito longe, querida — Samantha disse virando-se para a vizinha — Acho que precisamos conversar sobre uma coisa.

— Também acho. Eu confesso que estou curiosa sobre... Sobre seu irmão, como ele está?

— Matheus está bem, só um pouco agitado nos últimos dias, ele tem dificuldades com a mudança de hábitos — disse, tentando parecer natural.

— O vi hoje. No elevador. Ele não conseguiu se lembrar do meu nome. — Não confiava naquela mulher o bastante para falar sobre o beijo.

— Pois é, eu sei. É melhor se acostumar com isso porque vai acontecer com mais frequência do que imagina.

— Nossa, é muito estranho. Achei que essas coisas só acontecessem em filmes!

— Bem-vinda à vida real! — Ela exibiu um sorriso sem graça. — Mas não é exatamente sobre isso que queria falar. Será que pode me contar um pouco sobre a história de vocês, sobre a vida dele antes do acidente?

A pergunta a pegou desprevenida.

— Não sei, Samantha. — Sempre foi muito difícil falar sobre esse momento de sua vida. — Não gosto muito de falar sobre isso.

— Desculpe, mas é que preciso saber mais sobre a vida dele e o que aconteceu entre vocês dois.

— E por que não fez isso antes? — A pergunta foi inevitável.

— Achei que não fosse necessário, confesso que foi egoísmo da minha parte — ela disse, constrangida. Ao menos estava sendo sincera, pensou Helen — Agora sei o quanto estive errada. Por favor, me diga. Preciso saber — ela suplicou.

— Tudo bem — Helen assentiu.

Por causa da dor que seguiu o abandono, Helen tentava esquecer tudo aquilo. Havia dado um fim em boa parte do que trazia lembranças dele, sobrando apenas as pequenas coisas das quais não conseguia se livrar facilmente.

As fotos e aquela droga de pingente. E havia também o anel no fundo de sua gaveta.

Mas já que teria que se torturar contando a história deles para Samantha, que fosse da maneira correta. Voltou sete anos no tempo, para época em que seus dias pareciam tão perfeitos que ela chegava a duvidar; quando podia, todos os dias, ouvir o homem de sua vida dizer que a amava e quando isso não exigia que ele se lembrasse dela. Fechou os olhos e, de repente, tudo tinha voltado ao normal.

Haviam se conhecido no trabalho de Helen, que na época era atendente de laboratório. Quando seus olhos se encontraram, ela teve a certeza de que aquele era um momento especial. Ainda não sabia o quanto. Aqueles olhos a cativaram de tal forma que ela soube, imediatamente, que não os esqueceria jamais.

Por coincidência, ele morava na mesma república que o namorado de sua melhor amiga e só precisaram do primeiro encontro para saber o quanto eram perfeitos juntos.

Ele era órfão, sua mãe morreu quando ele tinha quinze anos, e não conheceu o pai. Após o falecimento dela, Matheus decidiu ir para São Felipe, onde conseguiu passar no vestibular para arquitetura em uma das melhores faculdades do estado e acabou morando na república para estudantes.

Quando a conheceu, estava no quarto ano do curso e tinha conseguido um estágio em uma construtora, o que o levou a Helen aquela manhã.

Ela morava com os pais e sua irmã mais velha. Estava com quase dezoito anos e trabalhava no laboratório. Semanas antes de Matheus aparecer no seu trabalho e mudar sua vida para sempre, ela tinha passado no vestibular para biomedicina. Se apaixonar foi uma das melhores coisas que aconteceu em sua vida.

Após a formatura, Matheus ganhou uma promoção na empresa que trabalhava. Depois de dois anos de namoro, achou que estava na hora de eles oficializarem o relacionamento, afinal, Helen era a pessoa com quem queria passar o resto de sua vida. Já tinha seu apartamento e nada os impedia de se casarem.

Então, a surpreendeu com o pedido de casamento.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Em um ano se casariam. Marcaram a data, começaram a arrumar os preparativos para a festa e a adaptar o apartamento para ambos. Tudo corria muito bem, mas três meses antes do casamento, ele simplesmente desapareceu e Helen teve que cuidar de tudo que já tinham agendado: salão da festa, bufê, decorador, vestido. Tudo isso lhe doeu bastante, só que o sumiço dele machucou muito mais. Tudo levava a crer que havia se arrependido e fugido do compromisso.

Naquele dia, havia deixado um recado estranho na caixa postal dela, avisando que precisava fazer uma viagem urgente para resolver uns problemas e assim que chegasse ao destino, ligaria e explicaria tudo. Só que a ligação não aconteceu. Seu telefone estava sempre fora de área. Passaram-se um, dois, cinco, dez, vinte dias, um mês e nenhuma notícia dele.

Helen ficou arrasada, repassava tudo em sua mente e não encontrava o motivo para aquilo ter acontecido. Por que ele faria aquilo com os sentimentos dela? De uma hora para outra, abandonou tudo que conquistou com esforço e sumiu. Helen decidiu que não iria procurá-lo; talvez isso só piorasse as coisas e se machucaria mais. Decidiu esquecê-lo, por mais que doesse. Essa era a decisão mais sensata.

Só que isso a levou a uma terrível depressão. Não saía de casa, abandonou o emprego, trancou a faculdade, não comia direito e atentou contra a própria vida algumas vezes. Seus pais e sua irmã já não sabiam o que fazer. Ela ignorava até a melhor amiga, não cuidava nem de si mesma.

Após semanas de muita insistência, Tatiana conseguiu convencê-la a sair de casa, conhecer gente nova, fazer algo que ocupasse a sua mente. Até mesmo conseguiu que retomasse o curso e foi a principal responsável por conhecer Fernando.

O ex-marido ganhou cada vez mais espaço em sua vida e foi o grande responsável por sua recuperação. Por fim, soube que jamais amaria alguém que não fosse Matheus.

Capítulo 6

Tudo aquilo só podia ser uma brincadeira do destino!

Helen estava em seu quarto com todas aquelas fotos espalhadas sobre sua cama. Em algumas delas, ele tinha feito questão de escrever no verso, e as palavras doíam muito agora. Tocou seu pingente em forma de coração e sentiu uma lágrima solitária molhar seu rosto. Foram muitas promessas quebradas, e a contida naquele pingente, em seu anel de noivado e em todas aquelas fotos a machucavam demais. Ela não queria esquecer o que viveram.

Tê-lo tão perto e tão longe se tornou uma tortura.

Depois de contar a Samantha o que aconteceu entre eles, sentia-se mais aliviada. Pelo menos conseguiu falar tudo sem surtar. Como poderia ser possível que alguém esquecesse completamente um amor de verdade? Isso não seria faltar com a promessa feita?

Havia apenas uma coisa de que tinha certeza desde a primeira vez em que o viu em seu prédio: o queria de volta em sua vida mais que qualquer outra coisa no mundo. Não podia deixar esta chance passar. Embora não soubesse de que maneira ela o conquistaria novamente, estava otimista.

Na manhã seguinte, antes de ir para o trabalho, retirou o anel de sua gaveta e o colocou em seu dedo. Estava decidida a fazer com que ele se lembrasse dela ou, até mesmo, reconquistá-lo se fosse preciso. Não havia muitas evidências sobre os dois, apenas as fotos, alguns amigos — que se lembrariam dele caso o vissem — e a aliança que ele usava mesmo sem lembrar o seu significado real.

Quando estava descendo para o trabalho, topou com Samantha no elevador e não pode deixar de notar seu olhar, que era um misto de espanto e surpresa, ao ver o anel no dedo de Helen. Imaginou que fosse uma mistura de surpresa e arrependimento, mas achou melhor não perguntar nada.

Encontrou-se com Tatiana na hora do almoço. A amiga era enfermeira e as duas trabalhavam juntas no mesmo hospital.

— Oi — Tatiana disse, tirando seu jaleco — Por que tenho a impressão que alguém está fugindo de mim, hein? O que foi? Por que está me ignorando há uma semana?

— Oi. Bom dia pra você também. — Helen estava tentando esconder sua euforia.

— Vamos pular essa parte, tudo bem? Iremos logo ao que interessa. Por que está me evitando? Podia ao menos ser mais discreta... — disparou, só agora percebendo a euforia da amiga — Ao menos posso saber por que está com esse olhar de quem achou a mina do tesouro? E por que está usando esse anel?

— Já que você não quer ir devagar, te cotarei de uma vez, mas tem que prometer que vai agir civilizadamente e não vai me interromper. E, a proposito, eu não estou te ignorando!

— Tudo bem, prometo que não vou interromper. — Tati parecia uma garotinha mimada que acabara de ser contrariada. — Ah, tenho uma surpresa pra você, mas só vou contar assim que disser o que está aprontando.

— Ele voltou mesmo.

— Ele quem, criatura? — Tatiana estava impaciente.

— Matheus, eu o vi e...

— Viu? Quando? Então por isso que...

— O que disse sobre me interromper, Tatiana?

— Desculpe, fiquei curiosa — disse, empolgada.

— Posso continuar? — Tati assentiu. — Há mais ou menos quinze dias, descobri que ele mora no meu prédio com a irmã e a filha.

— Filha de quem, cara pálida?

— Dele — A amiga arregalou os olhos -, mas há um problema. Ele parece não saber quem eu sou.

— Que conversa é essa? Ele ficou maluco, bateu com a cabeça ou o que?

— Bom, foi quase isso...

Contou tudo, desde as apresentações ao beijo no elevador, sobre a doença dele a maneira como esquecia os nomes das pessoas.

— Credo, que coisa louca. Se eu contar, ninguém acredita. E essa Samantha é confiável?

— Acho que sim, mas ainda estou decidindo. Ela contou algumas mentiras básicas para o irmão. Em todo caso, não contei sobre o anel.

— Penso que você fez bem. Espere aí! Essa Samantha não é, por acaso, a que Fernando conheceu na festa?

— Sim, a própria. Ele ficou caidinho por ela, o sem vergonha. — Era divertido falar do ex-marido com Tatiana, porque ela queria controlar a vida do cunhado a todo custo.

— Acho que você deve fazer alguma coisa, se bem que... Com esse anel monstro aí, talvez ele possa lembrar que pagou uma fortuna por ele — riu travessa — Eu estou grávida — disse de supetão.

— O que? Eu ouvi direito? — Helen exclamou, completamente surpresa pela revelação.

— Sim, ouviu direitinho. Por isso precisava tanto da minha amiguinha ausente essa semana.

Parabenizou a futura mamãe, almoçaram juntas e colocaram o papo em dia. Tatiana prometeu fingir que não conhecia Matheus quando o visse. Pelo menos isso estava resolvido e agora viria a parte mais difícil.

Dois dias se passaram desde que colocara o anel e nada de Matheus vê-la. O seu trabalho estava exaustivo. Confirmar os resultados de exames e assinar laudos era cansativo. Quando chegava ao fim do dia, estava tão cansada que só queria sua cama. Nesta tarde, depois do trabalho, teria que passar no consultório de Fernando, que a essa altura sabia sobre a volta do ex-noivo dela. A cunhada fofqueira fez questão de ir até lá mesmo depois de Helen pedir para que guardasse segredo. Ele tinha ligado nos dias anteriores para ver se estava bem, mas queria vê-la pessoalmente, e ela tinha necessidade de conversar com o amigo.

— Helen, você sabe que odeio te ver sofrer. — Estavam sentados no consultório dele conversando. — E se esse cara não tivesse ruim da cabeça eu juro que iria esmurrá-lo agora mesmo pelo tanto que te fez chorar.

— Tá, mas o que eu faço? Não sei como agir. Ele me beijou, mas não é como se ele soubesse que eu sou. Coloquei esse anel, mas e se nada acontecer, o que faço?

— Gostaria muito de ter a resposta perfeita, mas não tenho, por incrível que pareça. — Sabia que ele estava sendo sincero. — Que tal você seguir o que o seu coração diz, hein?

— É uma ideia... — Já tinha se cansado de bancar a coitadinha. Fernando tinha dito uma coisa certa e, provavelmente, como todas as vezes, seguiria seu conselho. Então se lembrou das palavras do pai mais uma vez.

Aquela história de casamento... Um absurdo, ele tinha quarenta e sete anos e, como diziam, estava “enxuto”, mas não conseguia sequer imaginá-lo com outra mulher que não fosse sua mãe.

— Ah, te contei que meu pai quer se casar?

— Não. É sério? O velho já quer casar novamente? — Trocaram ideias sobre o assunto e Fernando convenceu Helen de que nem precisava aborrecer a irmã com este assunto.

Sempre foi um ótimo amigo, lamentava pelo casamento que não havia dado certo. Despediram-se e ela seguiu para seu apartamento.

Já passava das oito horas quando finalmente chegou e foi imediatamente tomar um belo banho. Estava vestindo a roupa de dormir quando a campainha tocou. Ao abrir a porta, ficou surpresa ao ver quem estava em pé diante dela.

Capítulo 7

— Oi, boa noite — Matheus disse, ajustando os óculos e enfiando as mãos nos bolsos da calça — Sam me pediu para pegar alguma coisa aqui, ela te ligou?

Helen já havia esquecido a ligação de Samantha à tarde pedindo que lhe emprestasse seu secador de cabelos, porque o dela tinha pifado.

— Ah, claro. — Saiu da frente da porta, dando espaço para que ele passasse. Ficou sem graça por estar tão malvestida, ou melhor, tão pouco vestida compara a ele. — Entre, sente-se, fique à vontade. Vou buscar e já volto. — Intencionalmente, passou a mão em seus cabelos ruivos, afim de que notasse o anel em seu dedo.

Ao que tudo indicava o objetivo tinha sido alcançado com sucesso.

Matheus não sabia que a vizinha estava noiva, nem sabia se tinha visto o anel em seu dedo na última vez, mas não podia confiar em sua cabeça.

Talvez por isso, sentiu-se triste ao ver aquele anel. Ninguém disse que a mulher ia casar, ou será que havia esquecido? Estar perto dela o fazia se sentir vivo. Não podia imaginar o motivo, mas era muito bom vê-la de novo e sentir seu cheiro adocicado. Como ela sugeriu, sentou-se para esperar e, de repente, já estava imaginando como seria tê-la novamente em seus braços. Perto dela, era sempre difícil não perder o controle.

— Pronto, aqui está — a voz dela o tirou de seus devaneios.

Com um aceno de cabeça, pegou a sacola e continuou sentado olhando-a fixamente. Que mulher! Seus cabelos ruivos molhados caindo sob seus ombros desnudos era uma bela visão. Sabia que alguma coisa em seu rosto lhe parecia familiar.

Não conseguia lembrar o nome dela mais uma vez.

— Está gostando da cidade? — Helen puxou conversa.

— Bom, não sei se já disse isso a você, mas na verdade já morei aqui, apesar de não me lembrar. Estou gostando, sim. Achei a cidade um pouco agitada.

— Ah... Acho que já falou sobre isso, mas por que você não lembra? — Helen fingiu não saber o motivo.

— Sofri um acidente e perdi grande parte das minhas memórias — ele respondeu, pensativo — Isso foi há sete anos, e nunca consegui me recuperar.

— Sinto muito — Helen realmente sentia. O amava e poderia estar ao seu lado até hoje, não fosse o fato de Samantha preferir tomar as rédeas da situação. — Então você não sabe absolutamente nada sobre seu passado?

— Não. Pouquíssimas coisas, mas é muito aleatório. — Ela gelou ao ouvir a resposta. — Por exemplo: de conversas com uma mulher que suponho ser a minha mãe, só que não consigo ver o rosto dela...São coisas assim, geralmente vem e vão.

— E a sua irmã? Não lhe contou sobre a sua vida por quê? — já que estavam conversando, aproveitou para tentar descobrir se Samantha havia dito a verdade para ele. E para ela.

— Acho que sabia muito pouco sobre mim. Somos filhos de mães diferentes, sabe?

— Ah, e você não tinha alguém antes disso, sei lá, uma namorada, amigos...

— Para ser sincero, não sei, mas provavelmente não! Samantha disse que estava indo embora da cidade e não tinha ninguém. — Helen ficou atônita ao ver até onde a irmã dele foi com as mentiras. Ele percebeu que a expressão dela havia mudado, assumindo uma nitidamente assustada e com um pouco de raiva. Ele sentiu que tinha falado demais, além disso, estava ficando tarde. A irmã devia estar preocupada. — Desculpe, mas tenho que ir.

Matheus levantou-se e caminhou até o hall de entrada. Helen o acompanhou. Estavam frente a frente, paralisados, e ele teve que admitir: a mulher era maravilhosa. Sentiu o aroma dela invadir suas narinas, seu corpo se acendeu, os olhos se encontraram e seu coração acelerou. Foi dominado pelo desejo de beijá-la novamente. Ele nunca mais ia parar de querê-la.

Helen estava em transe, presa naqueles olhos oceânicos. Matheus

encurtou a distância entre eles, pressionando seu corpo contra o dela e a encostando contra a porta. O hálito quente dela acariciou seu rosto. Havia uma força que o puxava para aquela mulher, não conseguia, e nem queria, evitar.

Quando seus lábios se tocaram, ele sentiu uma corrente elétrica percorrer seu corpo. A envolveu em seus braços - em um abraço quente -, queria sentir o calor dela. Lembrou-se da promessa de que nunca iria amar alguém além da irmã e da filha. Pareceu-lhe tão boba agora.

A mulher se afastou de repente.

— Por que você faz isso? Me beija, me tira o chão? — A vizinha indagou, mas não parecia ser uma pergunta direcionada a ele. Estava confusa e com os olhos cheios de lágrimas.

— Desculpe — Matheus disse, porém sem arrependimento algum, fitando-a — É algo que não consigo explicar.

— O que você não consegue me explicar, Matheus? — Sentiu borboletas no estômago. Ele tinha que saber quem ela era para fazê-la sentir tudo aquilo. O modo como ele agia colocava em questão se ele realmente não se lembrava dela.

Levou a mão aos seus lábios e sorriu, confusa, para si mesma. Não podia acreditar que aquele homem — que amava tanto — a beijara novamente. Na verdade, mal podia acreditar que a desejava muito mais que antes.

— Essa coisa de beijar você, de não conseguir me afastar— Ele segurou o queixo dela com a mão, gentilmente, impedindo-a de olhar para qualquer outra coisa que não ele. — Acho melhor eu ir antes que faça algo que possa me arrepender depois — disse sem ao menos mover-se do lugar — Me desculpe novamente. Boa noite.

O que tinha na cabeça? Vento, provavelmente, ele pensou.

A mulher continuava encostada a porta com um sorriso bobo nos lábios que o deixava confuso.

— Você me deu boa noite e não saiu do lugar — Ela disse por fim destrancando a porta.

— Ah, isso. — Ele passou a mão pelos cabelos bagunçados, um tanto

desconcertado. Quando se aproximou dele e sentiu seu cheiro novamente, foi tomado por sentimentos conflitantes. Quando ela estava prestes a fechar a porta, ele se lembrou de perguntar sobre o anel. Não era da sua conta, mas queria saber.

— Quando vai se casar? — disse de uma vez enquanto ela arregalava os enormes olhos castanhos.

— Casar? Eu?

— É, você tá usando um anel bem grande no dedo.

— Isso é apenas uma lembrança boa, mas não estou noiva — Helen estendeu a mão, ele segurou e acariciou a joia com um sorriso vitorioso nos lábios.

Ele conhecia aquele anel, de alguma maneira sabia seu significado. Por que uma pessoa o daria alguém sem a intenção de firmar um compromisso sério?

Saber que ela não estava em um relacionamento com outra pessoa o deixou mais tranquilo. A puxou para si, lhe acariciou os cabelos enquanto o olhar intenso dela encontrava o seu. Com a mão da mulher espalmada em seu peito, tomou aqueles lábios quentes novamente, devorando, consumindo em uma explosão de sentimentos que o faziam querer ficar ali para sempre, cativo dos seus beijos, rendido ao seu olhar.

Que diabos ele estava fazendo? Se afastou, nem conhecia aquela mulher. A viu uns pares de vezes, e já estava ali, se entregando aos seus instintos primitivos.

— Acho melhor eu ir. Boa noite — disse, virando-se sem olhar para trás, deixando-a em um estado de euforia e confusão.

Samantha, durante as últimas semanas, vinha se sentindo um tanto culpada. Tinha sido muito egoísta e não pensou bem nas consequências ao optar por apagar o passado de seu irmão. Passou todos aqueles anos imaginando como seria a mulher que o fez recusar seu convite de ir conhecer o pai. Sempre soube quem era ela, porque inúmeras vezes Matheus sussurrou seu nome quando estava em coma. Além disso, havia todas aquelas fotos espalhadas pelo apartamento dele, mas nunca imaginou que um dia ficaria

frente a frente com Helen.

Não saber nada tornou as coisas bem difíceis no início, mas também contribuiu para que mentisse sobre fatos importantes. Fez coisas das quais se arrependeria pela eternidade, mas agora não tinha como voltar atrás em suas decisões idiotas tomadas no ápice da raiva. Provavelmente, seu irmão nunca a perdoaria pelo que fez, e seu coração doía só de pensar no que aconteceria se um dia ele descobrisse o que realmente aconteceu.

Descobriu uma prova de que ele tinha um grande motivo para voltar quando visitou o apartamento dele para buscar suas coisas. Eram muitas evidências de sua vida antes do acidente, além de porta-retratos espalhados por toda a casa. Quando se deu conta disso, Samantha tomou outra decisão pela qual se arrependeria para sempre. Jamais mencionaria essa parte do passado dele, jamais falaria sobre o que poderia significar aquela droga de caixinha de veludo. Simplesmente o entregou como parte de seus objetos pessoais e logo depois se arrependeu de não tê-la juntado aos demais objetos escondidos em seu velho baú.

Quando Helen contou sobre eles, por causa do sentimento de culpa, simplesmente acreditou em tudo sem se dar conta de que nada foi dito sobre um possível casamento. Quando tomou ciência do fato, quis duvidar de tudo. Tentou descobrir mais alguma coisa ao pedir a ela que lhe contasse mais sobre o que viveram. E a história realmente a convenceu, até porque a mulher não poderia mentir com tanta convicção, mas em nenhum momento havia mencionado a palavra casamento.

Fez muitas coisas das quais não se orgulhava. Havia uma longa lista, incluindo uma carta, enviada meses depois do acidente, em nome do irmão dispensando a noiva por motivos banais e que não foi mencionada em momento algum.

Na manhã seguinte, quando viu o anel na mão dela, sentiu-se um lixo. Conhecia aquele anel das fotos do apartamento dele. Como podia ter sido tão egoísta e ter pensado apenas em si mesma? Definitivamente, teria que arrumar uma maneira de consertar as coisas.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 8

Matheus perguntou, durante o percurso de volta para casa, o que fora aquilo no apartamento da vizinha. Estar no mesmo ambiente que ela o deixava irracional e despertava seus instintos mais primitivos. Sentia todo seu corpo se acender com a proximidade dela. Era como se ela fizesse parte de sua vida desde sempre e não conseguia evitar o ímpeto de tomá-la em seus braços, tocar a maciez dos seus cabelos, ter o gosto dela em sua boca. Queria o cheiro doce dela impregnado em seu corpo. Era uma mistura de saudade e loucura incontrolável que ele nunca entenderia.

Deveria escrever sobre isso, não queria esquecer como tudo tinha acontecido. Ainda podia sentir o perfume adocicado, o hálito fresco e a intensidade com que os olhos âmbar o fitavam. Passou o resto da noite com aquele momento em sua mente, mas com a sensação de estar esquecendo algo importante. Lembrava-se do que tinham conversado, mas não sabia por qual razão havia perguntado quando ela se casaria. O que ela respondeu? Aliás, ela ao menos respondeu?

— Planeta Terra chamando Matheus — a irmã praticamente gritava com ele — Por acaso você ouviu uma palavra do que eu disse?

— Hum... O que foi? — Para ser sincero havia entendido perfeitamente a pergunta dela, mas queria ganhar tempo. — O que disse?

— Que o prédio está pegando fogo — ela falou, com um tom de deboche — O que aconteceu, Matheus? Lembrou-se de algo?

— Não, não. Só estou pensativo mesmo. E então, o que queria?

— Que você pegasse minha escova de cabelo, por favor. — Ela estava secando o cabelo na sala, e ele se tocou de onde vinha aquele barulho infernal.

— Onde está?

— Na pia do meu banheiro.

Matheus estava intrigado com algo e não sabia o porquê, mas foi atender ao pedido da irmã. Não encontrou a escova onde Samantha havia dito. Estava procurando no armário sob a bancada da pia quando encontrou a caixinha de veludo entre as toalhas. Tinha deixado lá no dia anterior.

— Matheus, achou a escova? — Ouviu Sam perguntar.

— Não, estou procurando.

Na verdade, já tinha encontrado, mas o conteúdo da caixinha sempre o deixava intrigado.

H. Neogeav, leu em uma das alianças, a mesma que sempre usava para espantar as garotas atiradas da nova cidade, já que não encontrou outra maneira de se esquivar delas. Só que tinha certeza de que a caixinha guardava algo muito importante do seu passado. Apertou o pequeno objeto na palma mão e o colocou no bolso da calça. Voltou para sala sem a escova.

— Cadê? Você a encontrou?

— O que tinha que encontrar?

— A escova, Matheus — Ela revirou os olhos. — Deixa pra lá. Eu mesma vou pegá-la.

H. Neogeav

Lembrou-se das palavras novamente, passou a mão por cima da caixinha em seu bolso e foi para o seu quarto.

A primeira letra tinha que ser uma abreviação — do quê, ele não sabia —, mas a palavra não lhe era estranha. Lembrava-se de tê-la pesquisado no Google e, provavelmente, fez alguma anotação sobre ela. Abriu a gaveta do criado e começou a folhear sua velha agenda.

O significado sempre o surpreendia: **Nunca Esqueça O Quanto Eu Amo Você.**

Encontrou algo sobre a palavra que, agora conseguia recordar, sempre o fazia sentir um aperto no peito. Nesses momentos, tinha certeza de que havia perdido uma parte muito importante da sua vida.

Tratava-se de um casal juntos há cinquenta anos que jogavam um jogo que haviam começado desde o início do namoro. A regra era simples: um tinha que escrever a palavra “*Neogeav*” num lugar inesperado para o outro

encontrar. Quando encontrasse, deveria escrevê-la em outro lugar e assim sucessivamente. Eles se revezavam deixando “*Neogean*” escrita por toda a casa, e não havia limites para onde a palavra poderia surgir. O amor entre eles era profundo e o relacionamento era baseado em devoção.

Até que a mulher foi acometida por um câncer que a consumia dia-a-dia, mas o marido não a abandonou e esteve ao seu lado em cada momento, amando-a e confortando-a, orando e pedindo a Deus que cuidasse dela. Então, ela partiu. Mas o homem amou a esposa até o último momento.

Depois de ler aquela história, começou a pensar que talvez devesse lembrar-se de uma coisa importante sobre sua vida, mas ele não conseguia. Havia apenas aquele vazio em seu coração.

Eu podia quebrar a cara desse idiota, Fernando cogitava. Soube de quem se tratava no momento em que viu Matheus naquele jantar, pois tinha visto muitas vezes aquele rosto nas fotos que Helen escondia. A primeira vez que as viu, teve vontade de confrontar a esposa, mas depois percebeu que de nada adiantaria. Só a faria sofrer. Decidiu, então, fingir que nunca as tinha visto.

Porém, sempre quis era quebrar a cara desse sujeito; com que direito a abandonara? Sem falar na carta idiota, que com explicações ilógicas que havia interceptado. Graças a Deus, Helen nunca soube nada sobre isso.

Imaginava que, cedo ou tarde, ele apareceria novamente. Cogitou várias formas de fazê-lo pagar por tudo que fez a sua ex, mas quando o conheceu e descobriu sobre sua doença, percebeu que tinha uma grande possibilidade de que ele não fosse o responsável pelo envio daquela carta sem pé e nem cabeça. Uma outra pessoa havia feito aquilo, e jurou descobrir quem. Tinha evitado visitá-la depois do jantar porque estava pensando em formas de conseguir o que queria.

Quando a cunhada ligou à tarde e contou o que realmente havia acontecido a Matheus, sobre a doença dele, sentiu que precisava fazer alguma coisa. Por maior que fosse seu amor por Helen, Fernando só poderia ter sua amizade. E mais do que qualquer pessoa, desejava que ela fosse feliz. Tinha se cansado de ver aquele sorriso sem brilho no rosto dela. Quantas noites acordou com ela chorando? Quantas vezes a consolou? Esse cara teria que

merecê-la primeiro. Fernando teria que saber se tudo aquilo não passava de uma farsa, e se Matheus ainda a amava. Quando tivesse certeza, pensaria em alguma coisa para fazer.

Existiam poucas pessoas em São Felipe que reconheceriam Matheus se o vissem, e as probabilidades de toparem com ele eram mínimas.

E todas, inclusive a irmã dele, sabiam que ele e Helen haviam compartilhado algo lindo e único. Esses amigos do passado, provavelmente, fariam alguma coisa para juntar os dois, porém ninguém podia despejar a verdade de uma hora para outra.

Capítulo 9

Matheus acordou com a conhecida sensação de vazio. Ligou o som e começou a se organizar para tomar banho. Foi quando a música começou a tocar no rádio e o fez parar aquilo que estava fazendo para ouvi-la. Aquele vazio transformou-se em uma dor insuportável; recordou-se da noite anterior, da maneira como tinha beijado a vizinha, e por um instante teve a impressão de que aquele vazio poderia ser preenchido por ela.

Levou a filha para a aula e, ao voltar, o porteiro entregou-lhe a correspondência. Um envelope branco, apenas com seu nome impresso, chamou sua atenção. Ao abri-lo, notou que havia uma folha de papel colorida dobrada ao meio e nela também pôde ler o seu nome, só que agora em uma letra elegante. Na parte superior, a data mostrava ter sido escrito há exatos nove anos, mas o que surpreendeu foi o conteúdo escrito.

Sabemos que amor verdadeiro é algo raro e valioso, e muito difícil de encontrar, mas quando aparece logo reconhecemos. No meio de tanta gente nesse mundo, é complicado achar alguém que combine conosco, que encaixe. Quando encontramos, não podemos deixar escapar. Precisamos valorizar esse acontecimento e respeitar o amor acima de tudo.

Quando bati os olhos em você, senti algo diferente, algo que nunca havia sentido. De repente, me vi envolvida e apaixonada. Para minha felicidade, era recíproco. Há um ano que não nos desgradamos, e posso dizer que, se depender de mim, não desgradaremos jamais.

Meu amor, eu quero ter você para sempre em minha vida. Eu desejo que esse ano se multiplique até chegar ao infinito.

Neoeav

H. Amor eterno...

Quem teria lhe enviado aquilo? Tentou, em vão, lembrar-se de já ter

lido a carta alguma vez. *Neogaeav*, ele já tinha visto aquela palavra em algum lugar. Será que a carta tinha realmente sido escrita para ele? Droga, por que não conseguia saber de nada antes do acidente? Será que aquele vazio em seu peito se devia ao fato de ter amado a pessoa que tinha escrito aquelas palavras?

Aquela palavra o deixou com uma sensação estranha. Sua agenda estava aberta na página que havia lido na noite anterior sobre a palavra nas alianças. Talvez, tudo não passasse de uma grande coincidência, ou será que havia alguma ligação entre aquela carta e suas alianças? Achou pouco provável, ninguém esconderia algo tão importante dele. E se as peças que estava juntando provassem que realmente existia uma mulher em sua vida antes do acidente, quem seria ela? Sua irmã saberia da existência dela? Tantas perguntas e Matheus não fazia a menor ideia das respostas.

Tudo estava ficando muito confuso. Queria, de algum jeito, saber como foi a sua vida antes, e alguns fatos só confirmavam suas suspeitas de que havia perdido uma lembrança muito importante. Será que tinha mudado tanto assim que ninguém o reconhecia mais naquela cidade? Alguém devia saber quem era e por isso teria lhe enviado o envelope. Queria investigar sobre sua vida, mas não tinha ideia por onde começar. Talvez devesse ir ao seu antigo apartamento; quem sabe não encontraria algo que esclarecesse um pouco as coisas?

Depois de passar a manhã inteira procurando pela chave, Matheus tomou a decisão de ir até lá. Aproveitou que a filha estava na aula de natação.

Estacionou o carro em frente ao prédio elegante de quatro andares que tinha alguns traços que lembravam muito seus próprios trabalhos. Apesar de saber que havia morado lá, estar ali não lhe trazia lembrança alguma. Hesitou por um breve instante e por fim entrou na portaria, um espaço simples, porém bem elaborado.

— Boa tarde. — Só então notou o porteiro do prédio. — Posso ajudar?

— Boa tarde, acho que sim. É que tenho um apartamento nesse prédio, e ele não é utilizado há alguns anos, e não sei ao certo onde fica — Matheus disse, pegando as chaves e olhando o número gravado na pequena placa de metal — É o de número vinte e cinco.

— Desculpe, sou novo aqui. Aguarde um momento que vou verificar

— o homem requisitou, voltando-se para o computador — Terceiro andar, à esquerda.

Matheus seguiu apreensivo. Quando chegou à porta do apartamento, precisou de alguns momentos antes de abri-la.

De início, não viu nada que prendesse sua atenção. Tudo estava coberto e muito limpo. Sua irmã realmente tomava conta dessas coisas. Contudo, a parede da sala de estar chamou sua atenção. Havia um enorme quadro coberto por um lençol branco. Até onde sabia, não costumava colecionar obras de arte. Puxou o tecido, prendeu a respiração e soltou-a lentamente. *Que droga!* Sim, era ele, em trajes de gala, bem mais novo e sem as cicatrizes, ao lado de uma linda mulher mascarada, também em trajes de gala, que espalmava a mão direita sobre o peito dele exibindo um anel magnífico em seu dedo anelar. Eles se olhavam de maneira tão intensa que Matheus quase podia tocar o sentimento através da foto. Não fazia a mínima ideia de quem poderia ser aquela mulher.

De alguma forma, ele conhecia aquele olhar, mas não conseguia reconhecer a garota. Aquilo o deixou paralisado momentaneamente, até perceber que havia uma marca d'água na foto com seu nome. Ficou perplexo. Em algum momento da sua vida, fora um fotógrafo profissional!

Sim, provavelmente ainda amava aquela garota. Seu coração saltava descompassadamente no peito com a possibilidade de conhecê-la. Aquele anel... Já o tinha visto. Que porcaria de cabeça era a dele, não conseguia ao menos lembrar onde tinha visto aquela joia.

Tudo parecia fazer sentido agora. Aquela devia ser a importante parte perdida de sua vida. Em sua cabeça, formavam-se tantas perguntas, mas era impossível respondê-las. Sempre soube que tinha habilidades como fotógrafo, talvez lá no fundo também sempre soube da existência daquela mulher. Só não imaginara que fosse dessa forma. Claro que havia as alianças, que implicitamente indicavam que poderia ter alguém em sua vida antes de toda essa bagunça começar. Além disso, havia a carta que recebera mais cedo e a coincidência com vazio que sentia nos últimos anos, mas francamente não acreditava na possibilidade de amar alguém no passado. Só que aquela foto dizia o contrário. O olhar dele para ela deixava claro que estava completamente apaixonado e o sentimento era recíproco. O problema é que

só se podia ver seu rosto parcialmente e aquilo o intrigou, pois desse modo não poderia saber de quem se tratava. Não com a cabeça pouco confiável dele. O que teria acontecido a ela?

Entrou no quarto e na cabeceira da cama havia uma frase que fez seu coração acelerar conforme a lia.

“Que o nosso amor pra sempre viva, minha dádiva, quero poder jurar que essa paixão jamais será... Palavras”. Neoqeav

Aquela... Aquela, com certeza, era a letra da música que o deixava com um aperto no peito. Um sentimento de culpa o fez pensar que parte dele tinha se perdido para sempre. Como poderia não fazer a mínima ideia de quem era aquela mulher? A euforia tomava todo o seu corpo. Precisava respirar um pouco de ar fresco. Dirigiu-se até a varanda, que escondia um pequeno jardim muito bem cuidado, com uma variedade de espécies de orquídeas. Até parecia que alguém tinha estado lá há pouco tempo. Sentou no banquinho de madeira, fechou os olhos e tentou organizar os pensamentos. Como era possível que alguém esquecesse uma vida inteira?

Então, ele viu uma palavra rabiscada em quase toda a superfície do banco.

— Neoqeav — disse para si mesmo — Acho que deveria me fazer lembrar algo.

Ele havia quebrado a promessa e nem ao menos sabia quem era aquela pessoa que lhe despertava aqueles sentimentos. Agora, os danos pareciam ter sido maiores do que havia imaginado. Voltou para a sala e pôs-se a admirar o quadro. Aquele anel... Por que o intrigava tanto? Alguém em algum lugar carregava aquele anel, e tinha a impressão de já tê-lo visto.

Agora tudo começava a fazer sentido. Há muito tempo desconfiava de que Samantha escondia algo importante sobre sua vida. Talvez devesse confrontá-la.

Mais tarde, em sua casa, Matheus pensava nos acontecimentos daquele dia. Estava exausto e desgastado emocionalmente. Tomou um banho e se deitou um pouco para descansar, mas não conseguia parar de pensar no que tinha encontrado naquele apartamento. Falaria com a irmã e tentaria esclarecer alguns pontos. Pegou seu caderno de anotações e começou a escrever sobre as descobertas do dia. Acabou adormecendo.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 10

Matheus estava em uma praia com a moça de olhos castanho-dourado. A lua cheia iluminava a noite, e tinha uma sensação de déjà vu. Por mais que tentasse, não conseguia se lembrado nome dela.

O aroma tentador o deixava sem ar. Estava deitado em seu colo e tinha um ímpeto de beija-la até não poder mais. A proximidade o deixava inquieto e o desejo de tê-la para si apenas aumentava; não pode resistir. E a sensação ao tocar sua pele e sentir seus lábios macios o trouxe a lembrança de Helen. Abriu os olhos e foi invadido pelo olhar intenso da mulher! Aquilo não poderia ser possível, o rosto era o mesmo, apenas mais jovem e com cabelos castanhos.

Como seria possível que aquela mulher fosse Helen?

O desejo, o beijo, o perfume, o que sentia... Tudo era o mesmo que sentia com a vizinha. E ele soube que a amava. Não se tratava de um sentimento novo, mas sim de uma chama que esteve apagada por muito tempo e se reacendia, consumindo todo seu ser.

— Eu amo você — disse num sussurro com a cabeça enterrada no pescoço dela, inalando o perfume doce que lhe invadia os pulmões e o deixava tonto. Enquanto uma mão percorria a maciez dos cabelos dela, a outra a trazia para mais perto. Ele ouvia o descompasso do próprio coração. Fez uma trilha de pequenos beijos caminhando em direção aos lábios dela, parando algumas vezes para gravar as sensações. Não tinha muito controle sobre si mesmo estando com ela em seus braços. Seus lábios se tocaram devagar, com as mãos dela puxando para mais perto tentando diminuir uma distância que nem sequer existia.

— Por quê? — Helen disse ofegante afastando-se dele.

— Eu te amo e não sei ao certo o porquê. Muito menos como. — Não

sabia de onde vinha todo a aquele sentimento, mas explicava de forma exata o que sentia naquele momento. — Apenas te amo sem maiores explicações — declarou, acariciando o rosto dela que tinha os olhos marejados. A beijou novamente e sentiu-se enfeitiçado por aquela mulher. Amava-a muito, além da própria vida.

— Matheus... — Ela se afastou novamente, tocando o rosto dele. — Me prometa uma coisa?

— Qualquer coisa — afirmou, encostando a testa na dela com os olhos ainda fechados.

— Prometa que não vai me abandonar nunca mais?

Sentiu a dor de um soco no estômago. Formulava a resposta quando escutou alguém gritar seu nome.

— Matheus, o que é que você ainda está fazendo aqui? Cadê a Olivia? Eu não posso acreditar que você não foi buscá-la. — Abriu os olhos e Samantha estava em pé diante da cama dele.

— Ah, me desculpe — disse assim que notou a cara de brava da irmã — Eu estava tão cansado e acho que apaguei. — Foi então que recordou que precisava buscá-la na casa da babá, que era sua vizinha.

— Onde esteve a tarde toda? Te liguei várias vezes e você não atendeu. — Ela ficava possessa sempre que tentava falar com ele e não conseguia. — Um dia, ainda quebro essa porcaria de celular. Falei para você que a Marly ia sair. Ela acabou tendo que levar Olivia, sabe por quê? Porque o pai dela estava tirando uma soneca. Ah, Matheus, faça-me o favor.

— Ei, calma. Vou buscá-la agora, ok? Eu posso não fazer a mínima ideia de onde anda meu celular, mas tenho certeza de que não sou a única razão para você estar com os nervos à flor da pele. Então, por favor, me diga o motivo pelo qual estou aqui, ainda tonto de sono, ouvindo a senhorita gritar comigo? — Sua irmã estava histérica. Com certeza tinha acontecido algo, que não envolvia ele ou a filha, para deixá-la tão chateada daquele jeito.

— Me desculpe — ela falou, e riu, ao perceber o estardalhaço que havia feito — É que eu quase bati o meu carro agora pouco. Discuti com um idiota no trânsito. Quando entrei aqui em casa, não vi a minha sobrinha e te encontrei dormindo, fiquei louca.

— Relaxa, Sam. Vá tomar um banho, deite um pouco. Eu vou colocar uma roupa e buscar minha filha, mas fica calma — começou a sorrir e fingiu estar com raiva — Senão, quem vai ficar louco sou eu.

— Engraçadinho — ela deu um sorrisinho tímido -Tudo bem, mas vê se não demora, viu? Já passa das seis da tarde, está anoitecendo e sua filha está na rua — disse com tom de reprovação — Antes que me esqueça, amanhã a Helen nos convidou para jantar com alguns amigos dela. Eu disse que iríamos. Ah, e nem adianta você dizer que não vai. Você precisa conhecer pessoas novas. Outra coisa, acho bom você começar a usar sua câmara, porque sua cabeça está pouco confiável ultimamente.

— Quem é Helen? — Matheus disse, um pouco confuso, sacudindo a cabeça e tentando, em vão, se lembrar do rosto da pessoa que Sam acabara de citar.

— A vizinha. Aquela do secador lembra?

Ele riu para si mesmo. *Que porcaria de cabeça eu tenho!*

Sam saiu do quarto e Matheus ficou pensando na vizinha e em seu convite. Tinha que ser sincero com si mesmo, apesar de não se lembrar do rosto dela, sabia que a mulher mexia muito com ele. Talvez, não devesse pensar nela desse jeito, ainda mais depois de descobrir que provavelmente ainda amava uma ex-namorada, por ora desconhecida. Apesar do impasse, lembrou-se dela, da noite anterior, do beijo, da confusão de sentimentos que sentiu e da maneira como seus olhos âmbar o fitaram. O sorriso dela fazia o mundo de Matheus parar por alguns instantes. Desejou vê-la novamente.

Resolveu tomar uma chuveirada, precisava relaxar um pouco antes de buscar a filha. Então, se lembrou do sonho que lhe parecera tão real, mas agora era como um borrão que foi se apagando conforme a água lavava seu corpo. Todos os acontecimentos da tarde lhe deixaram ainda mais confuso.

Helen não parava de pensar em Matheus e nos beijos que a pegaram de surpresa. Não eram as mesmas sensações de antes. Tudo acontecia de forma intensa, pondo em questão o fato de ele não se lembrar dela, pois, a partir do momento que a tocava, um fogo avassalador parecia lhe invadir. Ela podia sentir como se de alguma forma ele soubesse quem ela era, como se os anos separados tivesse ampliado tudo o que ele sentira antes, como se o corpo se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lembrasse das sensações que o cérebro apagou.

Ficou rolando na cama muito tempo pensando sobre o que mais Samantha poderia ter escondido dele. Que história maluca era aquela de que o ex-noivo estava indo embora para casa do pai quando o acidente aconteceu sem nem ao menos conhecê-lo? Ela mesma havia dito que ele não aceitou bem a ideia de conhecê-los. Helen sabia que, no fundo, a outra mulher só queria protegê-lo, da maneira errada, claro. Teria que conversar a respeito com sua “ex-quase-cunhada”.

Finalmente dormiu e quando acordou estava bem-disposta para ir ao trabalho. Passavam-se das três da tarde quando recebeu uma ligação de Tatiana.

— Amiga, eu e Lucas tivemos uma ideia não sei se você vai gostar — ela estava eufórica.

— Que ideia mirabolante vocês tiveram agora? Eu acho que aguento qualquer coisa.

— Que tal uma reunião na sua casa no sábado à noite? Apenas nós, o Fernando... E você convida a tal da Samantha e o Matheus com a filha para que possamos conhecer melhor os seus novos vizinhos. — Não podia esperar menos de Tatiana, pensou Helen.

— Eu posso saber qual o objetivo dessa visita a minha casa, com direito a ex-marido e ex-noivo, todos juntos como uma grande família?

— Ah, qual é, Helen? Só achamos que seria bom ver o Matheus de novo e a única pessoa que pode nos ajudar a fazer isso sem deixá-lo em choque é você. Prometo que vamos nos comportar direitinho. E aí, o que acha?

— Eu acho que você e seu marido estão ficando malucos. Como irei colocar o Matheus frente a frente com pessoas que já o conhecem, mas fingindo o contrário? Não sei... Antes preciso conversar com a Samantha.

— Uma droga o Vini não estar aqui. Aquele bobão faz uma falta... Sempre consegui te convencer a fazer qualquer tipo de bobagem — ela relembra.

— Confessa que está com saudade do seu irmão, Tati — Helen diz, rindo da amiga — Mas ele realmente faz muita falta. Ah! Já ia me

esquecendo de um pequeno detalhe. Talvez Matheus não queira vir a minha casa.

— Por que isso agora? — perguntou a amiga, já impaciente.

— Ele me... Beijou novamente ontem!

— Que história é essa? Você não disse que ele tinha ficado ruim da cabeça e não fazia a mínima ideia de quem você era? — Tatiana disparou, evidentemente confusa.

— E falei a verdade, mas ontem ele veio até a minha casa buscar uma coisa para a Sam e entre uma conversa e outra acabou me beijando. E não foi um beijo qualquer. Foi uma coisa de sentimentos, desejo, sei lá. Só sei que, no final, ele saiu de repente sem olhar para trás, me deixando sem chão. E tem mais. Também viu o anel e não deu sinais de que se recordava de qualquer coisa. Achou que eu estava noiva.

— Nossa, que maluquice. O que disse a ele?

— Que não, que foi apenas uma boa lembrança. Tive a impressão de que ele estava com ciúmes de mim, mas foi só uma ideia que me ocorreu. Já te contei sobre as cicatrizes dele?

— Não! Que cicatrizes são essas? — Tatiana quis saber.

— Acho que são do acidente, amiga. Ele fica tão irresistível com elas — Helen suspirou.

— Ah tá. Agora, me diga por que um homem não iria à casa da mulher que agarra descaradamente todas as vezes que estão sozinhos?

— Sua doida, ele está diferente. Sei lá, mais maduro, mais intenso. Ele me intimida, faz as coisas sem pensar nas consequências. Me deixa plantada e vai embora sem olhar para trás, como se não fosse nada de mais me beijar — Helen confessou, pensativa — Talvez ele simplesmente não queira ir a minha casa.

— Parece que alguém tá caidinha pelo ex-noivo de novo... Só não entendi o porquê de você ter que falar com a sua cunhadinha. Ela já é sua amiguinha, não é? — Os diminutivos usados pela amiga eram, certamente, intencionais.

— Pare de ser ciumenta, Tati. Ela é super protetora e talvez ache que não deva ir. Por causa disso, preciso saber primeiro.

— Está bem, fale até com o Papa, contanto que amanhã estejamos todos juntos como nos velhos tempos. Tirando a Samantha, e sem o paspalho do meu irmão. — Podia visualizar a careta que a amiga fez ao dizer o nome da irmã de Matheus.

Tinha certeza de que Tatiana e Lucas estavam aprontando alguma. Teria que ficar de olhos bem abertos. Procurou o número da irmã de Matheus em sua agenda e discou os números. Ao contrário do que pensou, Samantha achou a ideia ótima. Helen ligou de volta para a amiga com a boa notícia.

— E então, o que a senhorita super protetora disse? — Questionou ansiosa.

— Que... — criou uma pausa de suspense — É uma ótima ideia!

— Ah, agora estou começando a achar que vou adorar conhecer essa sua nova amiguinha.

— Para de bancar a chata, Tati, e me conte o que faremos, então, amanhã.

— Nós podíamos assistir a um filme, comer aquela lasanha maravilhosa que você faz e jogar conversa fora. O que acha?

— Sabia! Por que não disse logo que queria comer minha lasanha? — Tatiana adorava a comida de Helen e inventava qualquer desculpa para fazê-la cozinhar.

— Está bem, admito. O que você acha da ideia?

— Sei lá, só um frio na barriga. — Só de pensar na situação, ela já ficava apreensiva.

— Para de ser boba — zangou Tatiana — Ninguém vai falar a verdade para ele.

— E se ele reconhecer alguém e ficar confuso? Infelizmente, não temos como saber se vai dar certo.

— Pare já com isso, Helen — a amiga ralhou mais uma vez — Ele é bem grandinho e já tem uma babá, que por sinal não vê problemas com o convite. — Enquanto Tati não conhecesse Sam, ela ficaria com o pé atrás e não confiaria na mulher. — Ah, você tem que ligar para Fernando. Além disso, tem que escolher uns filmes bons na Netflix para gente não perdermos tempo.

Depois de desligar o telefone, passou um longo tempo pensando no encontro do dia seguinte. Por que se preocupava tanto? Se ele reconhecesse alguém, seria até bom. Percebeu que todo o seu medo se devia a um único motivo: e se, de repente, ele se recordasse de tudo? Será que estaria preparada para isso? Será que teria coragem de assumir que ainda o amava?

Passou no supermercado depois do trabalho para fazer umas compras. Encontrou sua vizinha, Marly, no estacionamento com as duas filhas e a garotinha filha do ex-noivo.

— Quando você vai me levar para brincar com aquela garota, Helen?
— A pequenina disse, rodopiando em volta dela.

— Que tal amanhã à tarde? — Sugeriu.

— Acho que você tem que falar com o papai.

Olivia ficou com Helen enquanto Marly fazia suas compras e monitorava as duas filhas. Não demorou muito para que a pequena se sentisse à vontade e começasse a tagarelar, contando-lhe sobre a escola, a aula de balé, natação, os coleguinhas, a professora e sua família. Era uma garotinha muito esperta e inteligente. Sentiu uma onda de carinho por Olivia, que a cativava a cada palavra. Na volta, cismou de ir com a nova amiga e, quando chegou ao condomínio, Helen subiu, equilibrando suas compras e a menina em seus braços, para deixá-la na casa da vizinha.

— Papai! — A menina gritou antes de entrarem no apartamento de Marly, sacudindo-se para ser colocada no chão. Então os olhos de Helen encontraram os de Matheus, que acabara de sair do elevador e observava atentamente a cena entre a ela e a filha.

— Oi, princesa — disse, pegando-a no colo — Boa noite, Marly. Desculpe-me pela demora. Dormi e acabei perdendo a hora.

— Sem problemas, a Olivia não dá trabalho algum. E então, vamos entrar? Vocês já se conhecem, não é mesmo?

— Helen... — ele olhou para a mulher encantadora ao seu lado, aliviado por recordar-se do nome, e estendeu-lhe a mão — Nos conhecemos, sim. Boa noite, tudo bem com você?

— Tudo ótimo — *muito melhor agora*, ela pensou quando suas mãos se tocaram. O aroma amadeirado dele a deixou tonta.

— Papai, a Helen disse que vai me levar amanhã à tarde pra brincar com uma garota. Você deixa? — Olivia perguntou, fazendo beicinho.

— Me desculpe, Matheus, é que havia prometido para ela dias atrás e crianças não se esquecem das coisas. Até já conversei com Samantha. Tem algum problema? — Helen tentava se explicar, tocando um pingente que até agora ele não tinha notado, ou talvez simplesmente não se lembrava.

— Não. Se você já falou com a Sam, por mim tudo bem. — Impressionante a maneira como ela o deixava perturbado com pequenos gestos.

— Eba! Amanhã vou passear com a Helen! — A garotinha cantarolou, abraçando as pernas da vizinha. Matheus ficou surpreso ao ver o brilho nos olhos da filha. Tudo indicava que Helen, de alguma maneira, havia conquistado o carinho dela.

Capítulo 11

— Pra que tanto macarrão, tia Helen? — A garota perguntava impaciente, debruçando-se sobre a mesa.

— Ah, minha querida, você não conhece meus amigos — respondeu calmamente a pergunta da filha de Matheus — Tem uma grávida, a Tatiana, que come feito um leão. Isso sem falar no marido e o cunhado dela — disse, rindo — Então, tem que ser muita lasanha. Me passa a cebola, por favor, Olivia.

— Por que as pessoas choram quando cortam cebola, hein? — Questionou, passando a tigela. Sentando na cadeira junto ao balcão, colocando as mãozinhas sob o queixo — Elas ficam tristes?

— Não, acho que é por que irrita os olhos, mas vou te contar um segredo — disse, baixando a voz e deixando a garota empolgada — Sei um jeito de não chorar cortando cebolas, quer saber como?

— Quero. — Balançou a cabeça afirmativamente — E vou ensinar pra tia Sam. Tadinha, ela chora tanto cortando cebolas.

— É só colocar na geladeira um tempinho antes de cortar. — Piscou com um olho só, fazendo a menina sorrir. — Onde você guardou o pote com molho de tomate?

— Ali. — Ela apontou para o outro lado da mesa — Que horas começa o jantar?

— Umas oito e meia, por quê?

— Nada. É que eu *tô* com fome. Que horas são agora?

— Seis e quarenta. Por que não disse que estava com fome? Você gosta de bananas?

— Sim — a menina respondeu e ficou em pé no assento da cadeira, tentando visualizar o que Helen estava fazendo.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Cuidado pra não cair — alertou, ao vê-la na ponta dos dedos em cima da cadeira— Vou pegar para você. Não precisa ficar com vergonha quando estiver com fome. Me peça que eu pego alguma coisa para você.

— Descasca pra mim?

— Claro!

Havia levado Olivia para conhecer a filha de sua prima Carol. As meninas se deram muito bem e brincaram bastante. Depois, Helen as levou ao parque, tomaram sorvete e no fim do dia estavam exaustas. Depois disso, a garota se apaixonou pela vizinha. Matheus precisou ir a uma reunião com um cliente e acabou se atrasando para buscar a filha. E lá estavam elas.

Helen havia sido promovida a tia da garota em algumas horas.

Foi divertido passar a tarde com ela. A menina era muito parecida com o pai. Desde a cor dos olhos, aos gestos que fazia com as mãos. Helen levava jeito com crianças, mas não era lá tão experiente. Tinha um sobrinho de três anos que só conhecia por fotos no Facebook. Também tinha Isabella, filha de sua prima Carol, que algumas vezes ficava em sua casa. As crianças sempre traziam novos ares aos seus dias.

Devido à demora do pai, Olivia pediu para ajudar Helen a cozinhar enquanto esperava. Já eram sete horas, havia terminado de montar a lasanha e a pequena tinha se sujado toda. Antes que alguém a visse naquele estado, achou melhor dar um banho na criança. Foi quando a campainha tocou.

— Desculpe o atraso. Como disse ao telefone, tive uma reunião de emergência com um cliente — Matheus se justificou, arrumando a pasta de couro nos ombros, assim que Helen abriu a porta.

— Sem problemas. Entre, por favor.

— Obrigada, onde ela está?

— Está no banho. Se sujou toda me ajudando com a lasanha — Helen sorriu lembrando-se do rostinho dela cheio de molho de tomate. — Sente-se. Acho que vai demorar um pouco.

Ele tentava lembrar-se do nome de sua vizinha. Isso vinha acontecendo com mais frequência do que gostaria. Talvez fosse o fato de ficar sempre tão tenso quando estava perto dela. Era complicado não ter nada que pudesse ajudá-lo a recordar-se disso. Tinha que associar o nome dela a alguma coisa

antes que pudesse passar vergonha.

— Tia Helen, quem foi que chegou? — Olivia gritou, curiosa, do banheiro.

Ele se sentiu aliviado ao ouvir a voz da filha o salvando.

— Seu pai — a mulher respondeu, satisfazendo a curiosidade da garotinha — Espere um pouco que já estou indo pegar a toalha.

— Ela deu muito trabalho, Helen? — Matheus quis saber, ainda em pé do lado de fora do apartamento.

— Não, imagina. — Ele tinha um jeito intimidador de olhar para ela que a fazia estremecer e não saber ao certo o que dizer. — Não vai entrar? — O homem passou a mão pela barba e riu — Pode ficar à vontade, vou procurar uma toalha para ela.

Matheus não tinha prestado muito atenção no apartamento da outra vez, até porque, a dona dele parecia ser bem mais interessante. Bem decorado, notou. Tinha que admitir que ela tinha bom gosto. Os cômodos eram bem divididos, mas achou grande demais para uma mulher sozinha. Ouviu o riso de sua filha vindo do quarto. Ela parecia estar se divertindo com a vizinha. Estava na cara que as duas se davam muito bem.

— Pronto, aqui está sua garotinha. Limpa e cheirosa como a recebi.

— Papai. — Olivia correu para abraçá-lo. — Eu ajudei a tia Helen a fazer a lasanha. Nós vamos esperar para comer, não é?

— Nós vamos comer sim, filha. Só que antes a gente vai para casa buscar a tia Sam. O papai tem que tomar banho também. — Helen sorriu com aquela cena, porque era exatamente do jeito que sempre imaginou. Sempre soube que ele seria um ótimo pai.

— Tia Helen, você convidou a Isabella para comer a lasanha, não é?

— Não, minha querida. A tia esqueceu, mas fica para outro dia — Helen confessou, passando a mão na cabeleira loira de Olivia.

— Bem, Helen, estamos de saída. Daqui a pouco voltamos. Mais uma vez, desculpe-me pelo o atraso e muito obrigada por ficar com ela — disse enquanto segurava a mão da filha.

— Tudo bem. Eu vou acompanhá-los até a porta.

— Filha, não vai agradecer a Helen por ter cuidado de você? —
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Matheus disse assim que chegaram à porta.

— Obrigada tia. Daqui a pouco eu venho pra gente comer a lasanha, tá bom? — disse, balançando as mãozinha se depois abraçando a vizinha.

Helen a pegou nos braços, a apertou e beijou. Matheus ficou observando aquela cena e, por alguns momentos, a mulher não lhe pareceu ser real. Quando ela lhe devolveu Olivia, seus olhos se encontraram e ambos ficaram presos um no outro por um longo minuto.

— Papai, vamos. A gente tem que voltar logo — A voz da menina os tirou do transe.

Assim que eles saíram, Helen foi tomar banho e se arrumar para esperar os amigos. Estava nervosa só de pensar em Matheus no meio daquelas pessoas que já o conheciam, mas que ele não fazia a mínima ideia de que eram. Prendeu o cabelo em um rabo de cavalo e colocou um vestido longo bem leve. Estava fazendo a maquiagem quando a campainha tocou.

Abriu a porta e se deparou com Fernando, que lhe sorria, com uma orquídea azul nas mãos.

— Meu Deus, como está linda essa mulher. Se eu não fosse seu ex-marido, você estava perdida — falou, lhe dando um sorriso, girando-a e abraçando-a com a mão livre — Boa noite. E aí, tudo bem?

— Por enquanto, sim. Ah, Fernando, eu estou com um friozinho na barriga. Será que isso vai dar certo?

— Trouxe essa orquídea para você, pois sabia que estaria tensa desse jeito. — Ele entregou o pequeno jarro a ela — Isso não é hora de dar chique. Dará tudo certo. E se não der, estou aqui. A Tati também. Se bem que não sou grande coisa e a Tati então só causa confusão. Só o Vini é bom com essa coisa de apoio moral, mas de qualquer forma você pode contar comigo.

— Ah, é muito bom ter amigos como vocês. Tem notícias do Vini? — ela perguntou.

— Aquele ingrato deve estar muito ocupado com as pesquisas e as muitas mulheres caindo aos seus pés. Aposto que até esqueceu que tem amigos no Brasil.

— Ele é seu melhor amigo, não devia falar assim. Essa pesquisa é

importante para a carreira dele! — ralhou Helen — Quem diria que o Vini seria um renomado neurologista, com reconhecimento internacional?

— Aquele cara realmente superou minhas expectativas. Talvez ele esteja de volta na semana que vem. A pesquisa já foi concluída, mas você sabe como é o Dr. Vinicius — debochou do amigo. Sua fama, realmente, não era das melhores.

— Você bem que queria estar no lugar dele que eu sei — Helen comentou com um tom acusador.

— Claro! Só não queria ter a Tatiana como irmã. Ela o deixa maluco com tantas mensagens por dia o ameaçando. — Ambos riram do infortúnio do amigo.

— Falando na Tati, você sabe por que estão demorando tanto? Ela disse que sete e meia estaria aqui e até agora nada! — Helen reclamou.

— Não se preocupe, falei com o Lucas agora mesmo. Eles pegaram um congestionamento, mas já estão chegando. O que você fez para a gente comer? — Ele disse, abrindo a geladeira.

— Lasanha e pudim, aquele que você adora.

— Não acredito! Estava com saudades da sua comida e só estou comendo porcaria — ele disse, colocando um pouco d'água no copo e sentando na cadeira do balcão — Você não sente falta?

— De quê?

— Da gente, das coisas que fazíamos juntos...

— Sabe que às vezes sim. Se lembra de quando resolvemos pintar a sala por que você cismou que a cor lembrava... Como é que disse mesmo? Cor de...

— Caixão de prefeitura! Lembro sim, com certeza. — Fernando pareceu triste por um breve segundo — Foi uma pena que não deu certo entre nós, não é mesmo? Ah, eu não acredito! — exclamou, parecendo bravo de repente, e Helen se assustou.

— Que foi?

— Eu não acredito que estou bancando o ex-marido abusado, quando, na verdade, estou caidinho pela sua convidada. Me perdoe — ele mudou de assunto.

— Que história é essa, hein?

— Acho que estou apaixonado pela sua “ex-quase-cunhada”. — Ele amava ser dramático. — De onde saiu aquele furacão de mulher? Só de pensar nela, fico todo nervoso.

— Seu safado! Eu vi como você olhava para ela na festa. Até parecia um lobo selvagem. Controle-se ou a pobre mocinha vai fugir de você. — Helen se desmanchou em risos.

— É, pelo visto não sou o único. Não é mesmo, querida? — Ele fez uma expressão engraçada — Fiquei sabendo que você bancou a babá hoje. Me conte como foi.

— Seu bobo, você anda sabendo de coisas demais. — Helen deu-lhe um tapa no ombro. — Até que foi bem divertido, sabe... Fazia muito tempo que não me divertia desse jeito. Ela é muito esperta, inteligente, fala pelos cotovelos. — Helen falava com tanta empolgação que Fernando não resistiu em fazer um comentário.

— Tem gente babando pela filha alheia ou será seu instinto maternal falando mais alto?

— Você está demais hoje, Fernando — ela disse, sorrindo — Fica só tocando nas minhas feridas. Você sabe que eu tenho muita vontade de ser mãe, mas até agora não deu.

— Não precisa ficar brava. É constrangedor, só que eu posso aguentar. — Ele a olhou travesso. — Acho que precisamos parar de ficar contando segredinhos um para o outro. É nisso que dá. Você vai receber seus amigos assim mesmo, com um lado do rosto maquiado e o outro não? — disse apontando para o rosto de Helen e rindo.

— O quê? Ah, fala sério! Tinha esquecido. Você fala demais Fernando, acabou me distraindo. Se eles chegarem, atenda a porta. Por favor, tente não espantar meus convidados com as suas histórias malucas.

— Olha, sabe que eu não posso prometer, mas vou tentar.

Capítulo 12

Helen foi para seu quarto terminar de se arrumar. Estava dando os últimos retoques quando ouviu as vozes de Matheus e Samantha conversando animadamente e foi dominada pela insegurança. Abriu seu armário, pegou uma pequena caixa, ajoelhou-se e começou a mexer em suas lembranças. Eram fotos, cartões e cartas de outro tempo de sua vida, mas procurava uma em especial. Pronto, lá estava ela. Observou-a por um longo momento e ficava impossível acreditar que aquele casal, se olhando apaixonadamente, agora não passavam de completos estranhos. Helen leu a frase no verso da foto.

Talvez tenha sido um beijo e nada mais, mas eu fiquei assim: apaixonado por você.

Neogean.

Aquela foto foi a mesma escolhida por ambos para decorar a sala de jantar do apartamento dele. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Depositou as lembranças de volta na caixa e a colocou de volta no armário.

Tocou o pingente.

Neogean.

Abriu-o e lá estavam eles, felizes no relicário que ela nunca conseguiu deixar de usar. Nem mesmo Fernando a julgou por isso. Fechou o pingente e levou as duas mãos ao rosto. O anel se enroscou em seus cabelos, ela o tirou do dedo. *Neogean.*

As evidências da história que tinham vivido a machucavam.

— Olá, Helen, posso entrar? — Samantha perguntou após bater na porta.

— Sim, claro — ela respondeu, enxugando as lágrimas que ameaçavam cair.

— Olha, o Fernando disse que eu podia vir aqui.

— Ah, sem problemas. Só estava terminando de me arrumar. Onde está sua sobrinha?

— Com o pai e não para de perguntar por você. Uau! Seu quarto é lindo — Ela encarava o pingente que Helen ainda apertava entre as mãos. — E esse pingente? Isso foi... Foi ele... Foi meu irmão quem te deu?

— Sim — confirmou, tirando as mãos do pingente enquanto Sam tocava a joia admirada.

— É bem o tipo de coisa que ele daria a alguém como você. É simplesmente perfeito. Sempre tentei me convencer de que fiz o que foi necessário para cuidar dele, mas depois que conheci você, e fiquei sabendo da história que tiveram juntos, me sinto uma idiota. Talvez meu irmão nunca volte a ser o mesmo que conheceu, Helen. — Samantha alertou.

— Não foi certo o que você fez, nem sei se um dia vou conseguir digerir o que me contou, mas por que acha que ele não vai conseguir? — Helen indaga.

— Pelo que me contou, meu irmão era uma pessoa certinha, que tinha seus objetivos traçados. Já hoje é avesso a tudo que me disse. É seguro de si, intimida às vezes com aquele porte todo, é apaixonado pela profissão, não tem medo do desconhecido, mas eu sei que no fundo ele tem muitas inseguranças e aquele olhar vazio alheio a tudo que o cerca.

— Notei as diferenças gritantes no pouco que nos falamos.

— E então, como você está?

— Nervosa e insegura, mas estou bem.

— Fique calma que vai dar tudo certo. E se não der, é porque tinha que acontecer mesmo!

— Samantha, eu preciso falar com você. Não tem que ser hoje, mas precisamos esclarecer algumas coisas. — Helen afirma.

— Por mim, tudo bem. Podemos marcar qualquer dia desses. Pode ser aqui mesmo, lá em casa talvez não fique à vontade.

A porta do quarto se abriu novamente. Tatiana entra como um furacão.

— Então é assim que alguém recebe seus convidados? Trancada dentro do quarto e um ex-marido maluco enchendo a paciência dos pobres coitados

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lá fora?

— Boa noite para você também, Tatiana. A propósito, Samantha, essa mal-educada aqui é a minha melhor amiga, aquela de quem te falei — disse, fuzilando a amiga com um olhar de reprovação — Essa é a irmã de Matheus.

— Ah! Prazer, me desculpe. É que, normalmente, já sou neurótica. Grávida, então, sou muito pior. — cumprimenta a vizinha de Helen — Nossa, amiga, você não me falou o quanto ela é linda. A garotinha lá na sala realmente tem a quem puxar, viu?

— Obrigada, mas o prazer é meu — respondeu sem jeito — Vejo que conheceu minha sobrinha então?

— Sim, uma garota muito esperta. E você, Helen, obrigada por dizer a uma garotinha que sou comilona — comentou com um ar de reprovação - Mas e aí, Samantha, o que está achando da cidade?

— O ritmo é menos acelerado do que a minha cidade natal, mas é muito boa, principalmente para os negócios. Eu e Matheus ainda estamos nos adaptando às mudanças.

— O Matheus está se adaptando às mudanças, sei... — disse sarcasticamente, sem perder a oportunidade de alfinetar Samantha.

— É. Ele sofreu um acidente, perdeu a memória e são muitas informações para processar — A outra retrucou, um pouco na defensiva.

— E você, certamente, deve saber o tipo de informação que ele perdeu e o dano que isso causou a seu irmão e a Helen— disse, alterando a voz, mas Samantha ficou paralisada apenas escutando.

— Tatiana — Helen a repreendeu.

— Essa mimadinha tem que ouvir umas verdades. Com que direito você fez isso? Por culpa sua, a Helen quase morreu — ela falava descontroladamente.

— Tatiana, pare já com isso. Desculpe, Sam, infelizmente esse é o normal dela — disse, puxando a amiga para o banheiro e trancando a porta.

— Você pode me soltar agora?

— Sua desequilibrada, o que pensa que está fazendo? Arruinando a noite? Você prometeu que não iria fazer besteira.

— Nossa, está toda nervosinha, hein. Eu não disse nenhuma mentira.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Helen tinha vontade de esganá-la. — Desculpe, foi mais forte do que eu!

— Pois trate de manter essa sua língua solta dentro da boca. Agora você vai lá fora e vai pedir desculpas. Ela não é sua inimiga e muito menos minha. Já lhe ocorreu que não pode sair gritando e julgando as pessoas sem antes conhecê-las?

— Você é boazinha demais e eu não tinha pensado por esse lado ainda — ela confessou, mas só para provocar Helen — Você não me disse que ela era tão bonita e amigável. Confesso que fiquei chateada por ela não ser a cascavel, pronta para dar o bote, que imaginei. Então, pensei que se a provocasse, ela baixaria o nível. Acho que posso acabar gostando dessa abusada. Ela deve se sentir muito culpada porque nem sequer gritou comigo — Tati comentou com um sorriso travesso no rosto.

Helen ficou imaginando como é que iria suportar a amiga pelos próximos meses. Ela tinha frequentes oscilações de humor, e com a gravidez, tinha certeza absoluta que iria ficar pior.

— Se recomponha. Vou esperar por você no quarto com ela. — falou, girando a maçaneta — Prometa-me que vai se desculpar por ter gritado com ela.

— Prometo.

Encontrou a irmã de Matheus sentada em sua cama ainda paralisada.

— Qual o problema dela comigo? — Samantha perguntou assim que percebeu a presença da vizinha.

— Quer mesmo saber?

— Com certeza — disse, voltando-se para Helen.

— Dor de cotovelo, hormônios da gravidez e paranoia dela mesmo.

— Ei, Helen, eu estou ouvindo — Tatiana gritou ao sair do banheiro — Samantha, será que pode me desculpar? Quando disse que sou neurótica, não estava brincando.

— Ah, claro que eu posso, mas você vai me prometer que não vai me assustar desse jeito nunca mais — ela falou, exibindo um sorriso amigável — Talvez você até tenha razão em algumas coisas sobre mim, mas se fizer isso na frente do meu irmão, eu juro que nem vou lembrar que você é uma grávida indefesa.

— Minha nossa, ela ainda tem senso de humor em uma hora dessas. Helen, essa sua “ex-quase-cunhada” não existe — Tatiana estendeu a mão para a irmã de Matheus — Então, amigas?

Samantha a fitou por um longo momento. O temperamento de Tatiana era um pouco parecido com o seu, por isso podia entendê-la muito bem, puxou-a para um abraço.

— Graças a Deus, vocês duas estão bem. Ah, como eu temi esse momento. Não se ofenda, Sam. É por que conheço muito bem essa aqui — disse, abraçando a melhor amiga — Ela consegue ser insuportável quando quer.

— Acho que temos que sair daqui e cuidar dos seus convidados! Samantha, ela fala de mim, mas você viu como ela recebe seus convidados? Deixando o maluco do meu cunhado na sala contando histórias escabrosas sobre seus pacientes.

— Ah, então você que é a cunhada do Fernando?

— Euzinha em pessoa.

As três mulheres perceberam que as coisas, nem sempre, vão de acordo com o planejado.

Capítulo 13

Matheus estava levando Olivia ao banheiro quando ouviu a porta se abrir e Fernando cumprimentar alguém animadamente. Não pôde deixar de notar a expressão no rosto do casal recém-chegado, que pareciam felizes ao vê-lo como se já o conhecessem. O silêncio ficou constrangedor e ele teve quase certeza de que já os viu antes. Olhou para as três pessoas sentadas à sua frente, porém não conseguia se lembrar do nome do rapaz com que conversava há pouco. Começou a ficar nervoso. *Droga!*

— Fernando, você disse que ia me ensinar a escovar os dentes do jeito certo quando voltasse — sua filha o salvou antes que pudesse entrar em pânico.

— Ah, sim! É verdade. Você já conhece meu irmão Lucas e sua esposa Tatiana?

— Não, mas a tia Helen me falou que ela come demais — a garota disse sussurrando e todos riram.

— Filha, não diga isso — Matheus repreendeu.

— Criança é desse jeito mesmo, Matheus. Como eu disse, esse é meu irmão Lucas e essa é sua esposa, Tatiana.

— Prazer em conhecê-los — disse, estendendo a mão para eles.

Em poucos minutos, sua filha já estava brincando com o casal como se os conhecesse desde sempre. A mulher logo foi atrás de Helen e Samantha, deixando os homens a sós. Conversando com Lucas, teve a sensação de que já se conheciam. Além disso, tinham uma coisa em comum. Eram arquitetos formados pela mesma universidade.

— Então você é arquiteto freelance? — Lucas perguntou, deixando Matheus intrigado. Não se lembrava de ter dito nada sobre sua profissão, mas confiar em sua cabeça nunca foi a melhor opção.

— Exatamente. Na verdade, também ajudo minha irmã na administração da concessionária. Acabei me mudando depois do acidente. E quando me recuperei, achei melhor trabalhar por conta própria.

— Acidente?!- Matheus não havia falado sobre o acidente com Lucas e sim com Fernando, mais que saco! Aquilo estava ficando muito chato.

— Sofri um grave acidente há uns anos. Fiquei em coma por alguns meses. Logo depois, com as dificuldades que tive devido à doença, achei melhor ir devagar do que trabalhar sobre a pressão em um grande escritório.

— Então, você teve estresse pós-traumático? — indagou Lucas.

— Mais ou menos isso. Isso sem falar na perda de memória, que não é nada legal.

— Como assim? Você perdeu a memória? Tipo, apagou tudo da sua vida? — A conversa tinha ficado interessante para Lucas.

— Não foi exatamente tudo, basicamente perdi as coisas mais importantes. — Tinha certeza disso, principalmente depois do que havia descoberto anteriormente — Já contei que morava aqui antes do acidente?

— Não, você mencionou alguma coisa sobre sermos formados pela mesma universidade. Você consegue se lembrar de alguma coisa da cidade? Algum lugar? Alguém em especial?

Aquilo estava ficando muito estranho, pensou Matheus. Parecia que aquelas pessoas sabiam exatamente o que perguntar a ele.

— Da cidade, lembro-me de quase tudo, mas existem lacunas a serem preenchidas. Por mais que tente, infelizmente não consigo me lembrar de ninguém, nem ao menos um nome. Para ser franco, quando decidi voltar esperava que alguém em algum lugar me reconhecesse, só que ainda não aconteceu.

Em parte, Matheus estava falando a verdade, porém não revelaria suas suspeitas a um estranho que acabara de conhecer, apesar de sentir-se a vontade como se fossem velhos amigos.

— E a sua irmã não conhecia ninguém, nenhum amigo? — A pergunta o pegou desprevenido.

— É complicado. Parece que não morávamos juntos na época. Meu pai estava doente e... Não sei, tudo foi muito difícil para ambos, mas aprendemos

a lidar com esse problema, ou pelo menos nos enganamos pensando assim - Matheus sorriu tentando aliviar a tensão que tinha tomado conta da sala.

Fernando observava cada movimento, palavra e gesto de Matheus. Procurava algum indício de que pudesse estar mentindo e, felizmente, ele parecia ser sincero.

— Vou pegar as bebidas — Fernando decidiu que estava na hora de mudar os rumos da conversa. — Vocês aceitam alguma coisa?

— Aceito, sim. Fernando, onde está Helen? — Lucas percebeu que havia forçado a conversa além do que deveria.

— Foi terminar de se arrumar. Quer tomar alguma coisa, Matheus?

— Eu?! O quê? — Ele não fazia a mínima ideia do que Fernando havia perguntado. A partir do momento que Lucas perguntou por Helen, todos os seus pensamentos se voltaram para a vizinha. Não a tinha visto ainda e estava ansioso para encontrá-la novamente.

— Bebida, aceita? Refrigerante, cerveja, água?

— Água, por favor.

— Tia Helen — Olivia gritou e correu em direção à vizinha assim que a viu.

Matheus girou a cabeça, o olhar seguindo a filha. Quando viu Helen, teve um impulso de apertá-la em seus braços da mesma maneira que ela fazia com Olivia. O que sentia quando via aquela mulher tinha se tornado uma coisa incontrollável. A ligação entre eles era difícil de explicar com palavras e quando seus olhos se encontraram, foi quase impossível resistir à tentação de tomá-la para si.

— Oi, princesa, você demorou. Achei que você nem viria ao nosso jantar especial — Helen disse, ainda com Olivia nos em seu colo.

— Boa noite, Matheus — a anfitriã disse, sem jeito — Fique à vontade!

— Tudo bem — ele percebeu o nervosismo dela e resolveu não prolongar a conversa.

— E aí, Lucas, como tem passado? — Helen cumprimentou o ex-cunhado.

— Estou ótimo. Já sabe que vou ser pai, não é?

— Ah, claro, parabéns! Nossa, como é que a gente vai fazer para suportar essa sua mulher agora, hein?

— Enfim chegamos a um assunto que precisamos tratar urgentemente — Lucas disse, com um sorriso no rosto.

Todos conversavam animadamente. Quando foram para sala de jantar, Helen evitou olhar para Matheus, por medo que seus olhos lhe traíssem. Por insistência de Olívia, que não parava de colocá-los em situações embaraçosas, acabaram por sentar juntos à mesa de jantar. Ao final da refeição, Tatiana e Samantha foram arrumar a bagunça enquanto Helen preparava a sala para assistirem ao filme. Os rapazes continuaram à mesa, conversando.

— Nós terminamos aqui, Helen. Você escolheu os filmes como eu pedi? Para não perdermos tempo? — Ela fez que não com a cabeça.

— Fernando, faça a pipoca, por favor. — O amigo a olhou desconfiado, mas concordou. — E vocês podem ir decidindo qual filme querem assistir. É só olhar na minha lista. Já podem ir se organizando na sala. Eu prometi à Olivia que a levaria para sua sessão particular, não é mesmo querida? — A garota com certeza não poderia assistir ao mesmo filme dos adultos.

— O papai vai também, não é, tia Helen? — A pergunta a pegou desprevenida. Sentiu seus amigos trocarem olhares maldosos pelas suas costas.

— Claro.

Sob o olhar desconfiado dos outros convidados, Helen seguiu em silêncio para o quarto com Matheus e Olívia. O coração dela estava quase saindo pela boca e suas mãos suavam. E se ele lembrasse tudo? Se ele a reconhecesse, o que ela faria? Mas não aconteceu nada estranho quando chegaram ao quarto. Ligou a televisão, colocou o filme, e a garotinha logo se esparramou em sua cama. Foi quando surpreendeu o pai e a vizinha outra vez.

— Vocês vão assistir ao filme da princesa comigo?

— Não, filha. Eu e a Helen iremos assistir ao outro filme com os amigos dela e sua tia Sam, lá na sala.

— Tia, diz para o papai ficar e assistir comigo. E você também.

— Querida, não posso convencer seu pai, mas posso fazer o seguinte: eu fico aqui um pouco e depois vou para sala, tudo bem pra você?

— Tá, mas queria tanto que o meu pai ficasse comigo. Só mais um pouquinho — a garota choramingou.

— Está bem, filha. — Matheus respirou fundo, sentou-se no tapete macio, encostando-se na cama bem ao lado de Helen, e Olivia deitou-se entre eles. Tinha algo naquela mulher que o fazia querer estar por perto, mesmo achando que não deveria.

O filme começou e o coração de Helen batia loucamente por conta da proximidade de Matheus. Ela podia ouvir a respiração descompassada dele. Houve um longo momento de silêncio, talvez porque nenhum deles conseguia achar as palavras certas. Até que Olivia adormeceu nos braços de Helen.

— Acho que alguém estava cansada demais para assistir ao filme — Helen finalmente quebrou o silêncio — Acho melhor a colocarmos na cama.

— Ela não está acostumada a dormir tão tarde. Já são nove e meia. Nesse horário, geralmente, está dormindo — Matheus disse, ajoelhando-se para tocar o rosto da filha — Pelo menos poderemos assistir ao outro filme. — Ele riu.

Matheus ajudou Helen a levantar-se e colocar a filha na cama.

— Ela é muito linda, Matheus — Helen disse cobrindo a garota e diminuindo a temperatura do ar condicionado.

— Obrigado. — Ele percebeu que não sabia muito sobre a vizinha. — Você gosta mesmo dela, não é?

— Ah, sim. É que não tenho contato com crianças da idade de Olivia com frequência. O meu sobrinho é da idade dela, mas mora em Portugal e não o conheço pessoalmente. E a sua filha é tão linda e inteligente...

— E ela já te promoveu à tia — Matheus fez um gesto engraçado — É muita responsabilidade, viu?

Eles riram juntos.

— Então, você tem irmãos? — ele quis saber.

— Na verdade, tenho uma irmã. — era estranho ter que responder as mesmas perguntas que ele havia feito anos antes — Como disse, ela mora em

Portugal.

— Samantha me disse que você é biomédica. Sempre quis saber o que vocês fazem realmente, pode me contar?

— Ah, claro. — A conversa se tornou leve, eles haviam sentado no tapete novamente, mas não assistiam ao filme, Matheus queria conhecê-la melhor, além dos beijos e do fogo que os consumiam quando se tocavam. Helen se dispôs a responder suas perguntas. Era bom tê-lo por perto, apesar das circunstâncias.

— Então, se a relação entre você e Fernando era legal, por que se separaram? — ele perguntou após ouvi-la contar sobre seu casamento.

— Ah... — ela suspirou, não poderia dizer o motivo real — Como ele mesmo diz, foi “incompatibilidade de gênio”. — Matheus sorriu — É sério, Fernando diz isso para todo mundo. E você? Até agora só quis saber sobre mim e não disse nada sobre sua vida — era bom conversar com ele, porque sentia que podia, de certa forma, lhe dizer tudo.

— A minha vida não é tão agitada quanto a sua. Contei a você que tenho um tipo de amnesia? — Por alguma razão desconhecida, Matheus queria que ela soubesse tudo sobre ele.

— Não, você me falou sobre um acidente. — Era extremamente difícil agir como se não soubesse muita coisa sobre ele — Pensando bem, acho que talvez tenha mencionado algo sobre perder a memória.

— Pois é. Minha vida é muito chata comparando com a sua. Eu nunca fui casado, sou arquiteto e não exerço a profissão em tempo integral, adoro fotografar, talvez em algum momento da minha vida eu tenha sido profissional — ele tencionou o corpo lembrando-se da tarde anterior —, só tive uma namorada, que eu me lembre, e ela é a mãe da minha filha. Nada de especial.

— Quer dizer que sua vida toda se resume a isso?

— Eu avisei que não era interessante como a sua. — Estava na hora de fazer aquela perguntinha inevitável. — Mas você não tem namorado? Noivo? Ou alguma coisa parecida? — Ele diz referindo-se ao anel em seu dedo.

— Não.

— Você usa esse anel enorme aí. Só quer confundir as pessoas, acertei?

— Talvez. — O sorriso dela reacendeu as chamas no corpo dele. — Acho que você já me perguntou uma vez sobre isso.

— E eu esqueci. — Ele exibiu um sorriso torto, e triste, imergindo-a em um mar de sentimentos conflituosos. — Pode responder a minha pergunta de novo? Prometo que vai ser a última vez — ele disse e abriu o bloco de notas no seu celular. Digitou: *Por que Helen usa um anel enorme no dedo.*

— Vai mesmo anotar isso? — perguntou, encarando a tela do celular e encostando o braço no dele com a proximidade — Não estou noiva. Aquilo é só um anel — mentiu e sentiu um aperto no peito ao dizer isso

— Quer mesmo que eu acredite nisso? — Os dedos ágeis digitaram: *Ela diz que é só um anel (mas eu não acreditei).* Então fingiu esconder o aparelho dela.

— Poxa vida, me dê algum crédito — Ele digitou logo abaixo: *Talvez eu deva acreditar!* A mulher encarou a televisão, com medo de que seus olhos lhe traíssem, e mudou o foco da conversa — E você? Não tem namorada?

— Eu? — Matheus a encarou e riu. — Talvez eu não seja um bom rapaz. — Foi a vez de ela rir — É verdade. As mulheres geralmente fogem de mim quando percebem que eu nunca vou me lembrar do dia em que nos conhecemos, da roupa que ela estava usando em certa ocasião, qual a sua cor preferida...

Parte, daquilo era mesmo verdade, mas ele gostava de vê-la sorrir.

— Isso é bobagem — Helen disse e tocou o pingente involuntariamente.

Ele encarou a mão dela, a joia em forma de coração era muito delicada.

— Também é só um pingente qualquer? — Matheus aponta, sem reconhecer.

— O quê? — Seguiu olhar dele para sua mão e seu coração congelou. — Ah, o pingente? Não, é uma lembrança muito boa.

Não é um pingente qualquer, é uma lembrança muito boa! Ele digitou no celular a fazendo rir.

— Engraçado — Matheus comentou, guardando o celular no bolso — Isso é exatamente o tipo de coisa que eu daria para alguém importante para

mim.

— É mesmo? — ela questiona, embaraçada.

— Sim — o antigo noivo responde com o olhar perdido em alguma coisa atrás dela — Você gosta muito de fotos — disse, indicando os retratos espalhados pelo cômodo — Eu adoro fotografar e com a minha doença isso acabou sendo muito útil, pois me ajuda a lembrar do rosto das pessoas.

— Que legal. — Helen respirou fundo para aliviar a tensão. *Essa foi por pouco.*

— Qualquer dia desses, mostro para você.

— Eu vou adorar — Foi sincera.

— É mesmo? Mas você me deixaria fotografá-la? — Matheus tirou uma mexa ruiva, e teimosa, que caía sobre os olhos dela.

— Cla... Claro — Fazê-la perder a fala era a nova habilidade dele.

— É que costume esquecer o nome e o rosto das pessoas se eu não as vejo com frequência. Acho que não seria legal se não me recordasse de você. Volta e meia esqueço seu nome. — O olhar dele se iluminou por um momento e ele tirou o celular do bolso mais uma vez. — Vamos resolver esse problema. — O flash do celular disparou, a pegando desprevenida. — Pronto, não tenho mais desculpas para esquecer o seu nome. Ficou perfeita!

— Enfim, acho que já podemos ir assistir ao outro filme. — Devido ao rumo da conversa, ela achou melhor recuar.

— Você tem certeza? — O homem a prendeu em um olhar intenso — Tem certeza de que quer ir?

Ele acariciou a mão dela. Estava tenso, não queria ir rápido demais como nas outras vezes. Para ser sincero, queria ser capaz de parar o tempo, mas parecia impossível. Sentia-se tomado por um turbilhão de emoções controversas. Seu coração parecia querer saltar do peito quando ela, entregue a magia do momento, tocou seu rosto contornando a cicatriz atrás de sua orelha. Um arrepio percorreu seu corpo e, de uma maneira estranha, sentiu que ela lhe pertencia.

Aquele olhar fez todo o seu corpo estremecer; a sensação foi maravilhosa.

Suavemente seus lábios se encontraram em um beijo, entrando na mesma sintonia. Aquela mulher parecia ser uma extensão dele.

Matheus não se lembrava de ter se sentido tão completo quanto naquele momento. O aroma doce dela se misturando ao dele, os pequenos gestos que o deixavam completamente imerso em todas as emoções que sentia. Intensificou o beijo. Não era algo que podia controlar, pois tê-la em seus braços fazia com que ele perdesse completamente a capacidade de raciocinar. A queria cada vez mais, e nada parecia ser o suficiente para preencher o vazio que sentiria quando a soltasse.

Capítulo 14

Uma força maior que ele o atraía para aquela mulher! Essa foi a única explicação que Matheus encontrou capaz de justificar o fato de querer beijar Helen todas as vezes que ela se aproximava dele. E no momento que suas bocas se tocavam, era como se a conhecesse desde sempre. Gostava daquela sensação de que a mulher lhe pertencia. Teria sido assim com a garota do desenho?

Estava deitado em sua cama, olhando para o teto e pensando no que tinha se passado nos últimos dias entre ele e a vizinha. E a comparação entre as duas mulheres parecia inevitável, alguma coisa no olhar de Helen o fazia lembrar-se da outra garota e sentia-se desconfortável por isso.

Foram interrompidos por Olivia que acordou chorando. O filme acabou sem que eles percebessem, então, se juntaram aos outros que, aparentemente, não perceberam nada. Quando o outro filme acabou, todos estavam exaustos. A noite foi muito agradável. Aquelas pessoas realmente sabiam como se divertir, mas Matheus tinha a estranha sensação de que escondiam algo pela maneira cautelosa como o trataram em determinados momentos. Talvez fosse apenas paranoia de sua cabeça.

Samantha abriu a porta do seu quarto.

— Oi, posso entrar?

— Pode sim — ele disse, voltando a realidade.

— Você também não está conseguindo dormir?

— Não. Acho que estou precisando conversar com alguém, mas e você? Porque está acordada até essa hora?

— Fiquei preocupada, pensando em trabalho e outras coisas mais. Então, você quer conversar? Prometo que serei uma boa ouvinte.

— Quinta pela manhã, quando voltei da escola de Olivia, o porteiro me

entregou isso — Matheus disse, sentando-se na cama e tirando um envelope do criado mudo — Confesso que o conteúdo me deixou um tanto intrigado.

Samantha abriu o envelope com uma surpresa fingida que não passou despercebida por Matheus.

— Sam, está tudo bem?

— Hã? Sim, está tudo bem. — Ela sentou-se ao lado dele.

— Você sabe alguma coisa sobre isso?

— Eu?! Não. — Samantha respondeu, encarando os pés - Quem lhe enviou isso?

— Não sei, pode ter sido até mesmo essa mulher. O fato é que... Sei lá, isso mexeu com a minha cabeça. Eu resolvi ir ao meu antigo apartamento. — Sua irmã ficou tensa novamente — E confirmei a minha suspeita sobre o passado. Algo que, talvez, no fundo sempre soubesse. Eu amei uma mulher. Não, provavelmente ainda ame essa mulher. E parecia ser tão intenso e real.

— Como você pode ter tanta certeza? — Ela estava feliz por ele finalmente descobrir uma coisa concreta sobre si mesmo, mas não pôde evitar o nervosismo que a tomou. Teve a mesma sensação quando esteve lá. Tudo naquele lugar escancarava o amor que o irmão sentia por Helen. Escondeu boa parte das coisas e, como sabia que ele provavelmente nunca iria lá, não se preocupou em guardar tudo, talvez tivesse sido um erro.

— Tenho a impressão de que você não ficou surpresa. Você sabia disso, não é mesmo? Por que escondeu isso de mim? Sabe que não tinha esse direito. É a minha vida. — Ele estava com a voz alterada, pois tinha certeza de que ela sabia alguma coisa. *Como pode enganá-lo por tanto tempo?*

— Eu já te falei tudo que sabia — ela desconversou.

— Não minta para mim, Sam. Esteve no meu apartamento, viu tudo aquilo e preferiu não me contar. Por favor, eu odeio quando você faz isso — Matheus a forçou olhar para ele. — Preciso de respostas e algo me diz que você as tem.

— Matheus, sabe que não mentiria para você. Eu não tenho as respostas que procura. Sim, vi o quadro e não sabia quem era aquela mulher. Não fazia ideia de onde a procurar e eu mal o conhecia — dizer meias verdades a ele nunca doeu tanto, mas não estava preparada para falar a

verdade naquele momento.

— Sabe, Sam, às vezes tenho a impressão de que não estava realmente indo embora dessa cidade. Alguma coisa nessa sua história não encaixa, sempre achei isso. E depois de ter visitado o apartamento, só confirmei minhas suspeitas. Responda-me, por que eu iria embora amando alguém com tanta paixão? O que realmente aconteceu?

Ela estava assustada com a enxurrada de perguntas do irmão, mas não podia respondê-las. A verdade é que não sabia como fazer isso, escolher as palavras e contar o que realmente aconteceu.

— Lamento, mas não posso te responder, não tenho suas respostas — mentir para ele dilacerava seu coração, mas sentia que aquele não era o momento de Matheus ficar frente a frente com o seu passado. O irmão nunca a perdoaria, e essa possibilidade fazia seu peito doer. Poderia ter uma crise nervosa, devido ao seu estado emocional, e começaria tudo novamente. — Você ainda não respondeu a minha pergunta. Como pode ter tanta certeza do que está falando?

Matheus sabia que a irmã nunca faria algo para magoá-lo. Sua alteração de humor estava mais relacionada ao fato de estar se culpando por não conseguir se lembrar de nada sobre sua vida naquela maldita cidade. Precisava controlar suas frustrações. *Droga!* Suas mãos começaram a tremer. Manter o controle, às vezes, era muito difícil.

— Você esteve lá, viu aquele quadro. O sentimento é quase palpável. O meu olhar, a maneira como minhas mãos seguravam a cintura dela, e tem aquele anel. Mesmo sem lembrar, sei que não o daria a uma mulher a menos que a quisesse ao meu lado por toda vida. Fiquei curioso. E continuo achando que você sabe de alguma coisa, talvez só não esteja preparada para me contar, mas tudo bem.

— Me perdoe por nunca mencionar o quadro. Tive medo. — Samantha sabia que, quando a verdade viesse à tona, ele nunca mais olharia na sua cara. Alguma coisa lhe dizia que esse momento poderia estar muito próximo, mas até onde ele havia descoberto sobre Helen?

— Tem uma coisa me incomodando bastante. Se realmente nos amávamos, por que ela nunca me procurou? — Matheus estava mais calmo e pensando racionalmente — Cheguei à conclusão de que aconteceu alguma

coisa nesse meio de tempo que nos separou. Pretendo descobrir o que é.

— Se realmente existiu alguém em sua vida, talvez tivesse seus motivos para não ir atrás de você, Matheus. — Então, ele sabia de quem se tratava o quadro. Esteve com Helen, a viu com o anel e ligou tudo. Um frio percorreu sua espinha — Agora que você sabe, por que não pergunta a ela você mesmo o que aconteceu?

— Eu não sei quem ela é. Simplesmente não consigo me lembrar. Alguns traços não são estranhos, e tem aquela máscara que cobre praticamente todo seu rosto. A foto não revela quem ela é, a menos que as memórias voltassem de repente.

Samantha suspirou aliviada. Ainda teria tempo para se preparar para a tempestade futura.

— Que pena.

— Como se não bastasse saber de tudo isso sobre meu passado, estou muito confuso. Tenho a impressão de que essa história foi mal resolvida, e me sinto na obrigação de ir atrás dessa mulher, mas não sei por onde começar.

— Calma. Quem sabe não seria melhor deixar tudo como está, já que você não faz ideia de quem ela é? — Sam começou a ficar preocupada. Pressentia que essa história viria à tona cedo ou tarde, só que ainda não estava preparada para enfrentaras repercussões.

— Acho que devo parar de fugir do meu passado. Estou cansado de viver com esse buraco no meio peito. Tenho que descobrir quem é a garota da foto, e alguma coisa me diz que ela pode estar por perto e preciso mesmo fazer isso. E é exatamente nesse ponto que entra Helen.

— Helen? O que tem ela? — O irmão estava juntando as peças e isso não seria tão simples como Sam imaginou.

— Tem uma força que faz com que eu vá para ela. Algo inevitável. Não posso continuar com tantas dúvidas sobre mim mesmo.

Isso surpreendeu a irmã. No fundo, ela imaginava que Helen causava alguma coisa em Matheus, mas ouvir aquilo da boca dele a fez sentir-se ridícula, mesquinha, por tudo que tinha feito para ter o irmão em sua vida.

— Matheus, tem certeza de que não está me escondendo algo? Não se

lembrou de alguma coisa?

— Não. Quem esconde as coisas aqui é você. Cedo ou tarde, vou descobrir. — Sam encarava a estampa da poltrona, sem retrucar o comentário. Ambos sabiam que era verdade. Ele pegou seu caderno de anotações e abriu na última página em que havia escrito — Você sabe o que quer dizer *Neogeav*?

— Não, por quê? — Conhecia a palavra, mas não o significado. Estava gravado nas alianças da caixinha de veludo.

— Nunca esqueça o quanto eu amo você. — Matheus colocou a cabeça nas as mãos — Foi essa a promessa que fiz àquela garota, só que a esqueci completamente, e alguma coisa me diz que ela não sabe por que a deixei.

— Não fique assim, Matheus, o tempo cura todas as feridas — tentou acalmá-lo.

— Será mesmo? Apesar de todas essas coisas, não consigo parar de pensar em Helen. Ela me deixa nervoso, feliz e confuso. Tudo ao mesmo tempo! E eu a beijei...

— Como assim? — Samantha percebeu que tudo estava conspirando a favor dos dois.

— A beijei e não foi à primeira vez. É o que sempre faço quando estou perto dela. Perco o controle. Aquela mulher tem um imã que me atrai, não consigo evitar!

Apesar de não acreditar nessa coisa de destino, almas gêmeas ou sei lá o que, a irmã de Matheus estava convencida de que quando duas pessoas estão destinadas, não existe nada que as impeça de se encontrarem e, em algum momento de suas vidas, seus caminhos terão que se cruzar.

Capítulo 15

— Deus me livre, Helen. O que você estava fazendo para demorar tanto para atender esse telefone? — A voz aguda de Tatiana soou eufórica.

— Tati, são seis da manhã. E, para você que vive no mundo da lua, hoje é sábado. As pessoas normais costumam dormir até mais tarde. — Helen tinha demorado a dormir pensando nos acontecimentos da noite. Ainda estava zozona. — Então, me diga qual foi o furacão que te acordou essa hora da manhã?

— Amiga, eu estou com uma pulguinha atrás da orelha, sabe?

— Aí vem coisa... Não dava para esperar amanhecer o dia?

— Não. Meu feijãozinho não me deixa dormir. Aquela lasanha não me fez muito bem. — Aquilo era mesmo a cara de Tatiana. Devia estar pesquisando cada detalhe sobre a gravidez. — Ah, amiga deixa de me enrolar. Eu preciso saber o que aconteceu naquele quarto ontem, porque essa sua carinha de santa não me engana.

— Oh, céus. Por que não me surpreendo? — Helen revirou os olhos — Não aconteceu absolutamente nada, apenas conversamos.

— Ah, tá. E eu sou a rainha da Inglaterra. Se não aconteceu nada, por que o Matheus estava com aquela cara de quem tinha ganhado na loteria? Por que não tirou mais os olhos de você? Com certeza aconteceu alguma coisa e nem adianta querer esconder de mim!

Não queria falar sobre ele. Precisava entender tudo aquilo primeiro.

— E então, só isso? Como você está?

— Não muda de assunto, viu. Mas tudo bem, para eu saber é só uma questão de tempo mesmo. Respondendo sua pergunta, estou muito bem, obrigada! Tirando os enjoos matinais e as cólicas, meu feijãozinho está muito bem. Sabia que grávida sente cólicas?

— Sabia, sim. Querida, isso é só o começo.

— Ai meu Deus, onde fui me meter? — Tatiana disse em tom dramático.

Quando desligou o telefone, Helen decidiu caminhar no parque. Vestiu seu short de corrida e uma blusa larga, calçou seu tênis e saiu. Já que estava acordada, não custava nada se exercitar. Precisava espairar um pouco. As coisas estavam acontecendo muito rápido, e ficava cada vez mais difícil esconder os sentimentos que, apesar dos anos, continuavam os mesmos.

Tudo parecia cheio de vida essa manhã. As árvores estavam mais verdes, os pássaros cantavam alegremente, as flores pareciam tão coloridas e as pessoas estavam felizes. Tantos anos morando ali, tão perto do parque, e nunca havia notado como a vista da orla era linda pela manhã. O ar parecia mais puro. Helen parou um pouco, encostou-se no corrimão de madeira, fechou os olhos e sentiu a brisa tocar seu rosto levemente.

— Linda manhã, não acha moça? — Ela ouviu uma voz familiar e se virou. Era Matheus, que, assim como a manhã, estava magnífico. O moletom que usava lhe caía muito bem e a camiseta branca acentuava os músculos em seu peitoral. Os óculos Ray-Ban escondiam seus olhos azuis. O aroma que exalava dele a deixou tonta. Notou que ele trazia uma câmera pendurada ao pescoço.

— Oi, Matheus — foi o que conseguiu dizer, logo após ele lhe exibir um sorriso torto.

— Desculpe, eu deveria conhecê-la? — Ele disse, sorrindo travesso — Acho que te peguei dessa vez, não é mesmo, Helen?

— Poxa, isso assusta bastante! — ela tentou parecer descontraída — Costuma falar com desconhecidos assim?

— Geralmente não, mas tinha algo familiar em seu rosto. Então, não resisti. — O sorriso que ele exibia era contagiante.

Nossa! Matheus tinha a sensação de que realmente a conhecia. O sorriso dela, o jeito de passar a mão no cabelo. Naquele instante, tudo lhe pareceu familiar e não conseguia tirar aquilo da cabeça. O olhar dela era como se o conhecesse profundamente.

Eles sentaram de frente para a orla e faltaram as palavras. Helen estava

um pouco assustada com o que ele havia dito. No fundo, sabia que não a esquecer a completamente. Precisava se recompor antes de dizer qualquer coisa. Tudo aquilo parecia tão surreal. Sentiu suas mãos suarem, apesar da brisa fria da manhã. Enfiou-as no bolso do short e olhou de relance para a mão de Matheus que usava a aliança. *Droga!* Queria perguntar-lhe sobre o anel, mas enquanto decidia, ele quebrou o silêncio.

— Que foi? — questionou, esticando o braço no banco e rosando nos cabelos dela — Ah, antes que me pergunte, não estou noivo.

— Já sei disso. — Ela se lembrou do quão envergonhada ficara durante o jantar. — Qual o motivo de usar a aliança?

Uma pergunta difícil de responder, pensou ele. Não sabia ao certo o motivo de usá-la. Sentia que, talvez, fosse a única coisa que o ligava a seu passado, e depois de ir ao apartamento, alguma coisa lhe dizia que seria a resposta para as inúmeras perguntas que surgiriam em seu futuro imediato.

— Perguntinha difícil para uma pessoa que não tem memória boa, hein? Você pegou pesado — ele disse, mexendo no celular sem encará-la — Falando sério, acho que tem alguma ligação importante com o meu passado, mas sinceramente ainda não sei. É realmente difícil explicar o significado dele para mim. E você, por que usa aquele anel?

O coração de Helen disparou. Será que ele tinha noção do que realmente significava? Agora ele estava com o olhar perdido no horizonte.

— Acho que pelos mesmos motivos que você, mas eu não bati com a cabeça — Matheus riu — E essa câmera? Disseram-me que você faz maravilhas com ela.

— Isso foi golpe baixo, e as pessoas falam demais. Você poderia ser minha musa agora, aceita?

Ele a pegou de surpresa.

— Eu? Outro dia... — Click! Ele disparou a câmera

— Pronto, com essa não esqueço mais o seu rosto, nem o seu nome, palavra de escoteiro. Helen — ele hesitou —, queria falar com você sobre ontem. Na verdade, quero pedir desculpas. Não me leve a mal, mas às vezes tudo fica muito confuso na minha cabeça. Não sei explicar.

— Matheus, não precisa se justificar. — Essa conversa a estava

deixando nervosa.

— Me deixe terminar. — Ele respirou fundo, como se tomasse coragem para continuar — Quando estou perto de você, tem algo que me puxa e eu faço essas bobagens de macho alfa. Não consigo raciocinar direito quando está perto de mim. Você mexe comigo de um jeito que não consigo explicar, e fica cada dia mais difícil controlar tudo isso — Ele falou rápido, como se tivesse medo de esquecer tudo aquilo de uma hora para outra.

Talvez, se ela ficasse ali, imóvel, não acordaria daquele sonho.

Ele se aproximou, tocou no rosto dela e ficou observando a pele ficar rosada.

— Matheus, você sabe o que está falando? — ela balbuciou com a voz trêmula.

— Claro que sei. Por que brincaria com algo assim? — perguntou, se aproximando cada vez mais dela — Talvez não seja o que você espera, talvez seja complicado demais. Acho que me apaixonei por você, não me pergunte como ou por que. Sei que nos conhecemos há pouco tempo, mas é uma coisa que parece que sempre estive aqui, guardada, esperando você chegar e preencher o vazio que venho sentindo todos esses anos.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas, sentindo a respiração dele acariciar os seus lábios. Perdeu a fala e um sorriso bobo brincou em sua boca. Ele tocou seu rosto, fazendo com que ela mergulhasse no oceano de seus olhos. Matheus sabia que havia algo mágico entre eles. Quando se aproximavam, as faíscas eram quase visíveis. Ele colocou a mão entre as madeixas ruivas e sedosas. Tinha se apaixonado por Helen e precisava daquela confusão de sentimentos que ela lhe causava.

Os lábios se tocaram, comprovando a verdade de suas palavras, e já não lembrava mais do motivo de sua indecisão.

Tudo isso é real, Helen pensou. Havia esperado tanto tempo por aquele momento, que foi quase impossível acreditar que estava acontecendo. Ambos se deixaram levar pelo sentimento que os envolvia.

— Helen, não me sinto preparado para essa explosão que acontece quando estamos juntos — ele disse após o longo beijo — Essa coisa de sentimentos me confunde, e sempre acabo enfiando os pés pelas mãos. — Apesar de as palavras expressarem o que acreditava, o que ele desejava era

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

estar perto dela.

Ainda totalmente enfeitiçada pelo beijo dele, ela mal escutava o que estava dizendo. Procurava reorganizar seus pensamentos, entender o que ele havia acabado de lhe falar. Depois de um longo momento, finalmente encontrou o que dizer.

— Por quê? — demandou saber. Sim, precisava saber o motivo, ela tinha certeza de que conseguira reacender a chama que havia se apagado anos antes.

— Minha vida é uma bagunça, talvez não queira fazer parte disso. Prometi a mim mesmo que não existiria nenhuma mulher na minha vida além da minha filha e da minha irmã. Há muitas coisas sobre mim que você não sabe, talvez não consiga lidar com isso. São muitas pontas soltas na minha vida. Preciso fechar esse ciclo para começar algo novo.

Ele se afastou dela por um momento para encará-la.

— E seu eu quiser fazer parte disso? — Helen percebeu que não estava disposta a esperar uma eternidade até que ele se lembrasse dela. Claro que a reação dele a pegou de surpresa, e tinha todas aquelas velhas e novas emoções que a invadiam. Era uma mistura de felicidade e medo. Suas mãos suavam, suas pernas tremiam. — Ninguém está realmente preparado para algo até experimentar de verdade. Estamos indo rápido demais? Claro! Quem sabe não podemos unir essas pontas soltas juntos?

Helen não queria despejar tudo em cima dele. Alguma coisa lhe dizia que isso não seria certo. Conduzi-lo secretamente nessa busca pelo seu passado seria o mais correto; deixar que ele descobrisse sozinho e tomasse a decisão que considerasse melhor. Apesar do risco de perdê-lo mais uma vez, ela faria cada momento ao lado dele valer a pena.

— Sério? Tem certeza de que quer isso? Eu sou um pacote completo de problemas. — Matheus tinha consciência de que precisava dela na sua vida quase como precisava do ar para respirar, porém não queria envolvê-la aos seus assuntos inacabados.

Ele tocou aquele rosto feminino calmamente, contornando a linha da boca ponderando suas opções. Por fim, perguntou novamente:

— É isso o que você quer?

— Sim, é isso que quero. — A convicção na voz dela também estava estampada em seus olhos e Matheus não queria pensar muito. Parecia que uma força maior queria juntar os dois e ambos pareciam não querer lutar contra o que sentiam.

Matheus a envolveu em um abraço forte. Era como se suas vidas dependessem totalmente daquele momento, o que, de certa forma, tinha seu fundo de verdade. Ele tinha a sensação que de alguma forma se reencontraram. Em todo esse tempo, muitas vezes as coisas em sua vida não faziam sentido, porém tê-la em seus braços era algo perfeito. Não restavam dúvidas de que lá era onde ela pertencia. Todo o seu corpo se acendeu com a proximidade. Todos aqueles sentimentos conflituosos brigando por um espaço que nem sabia existir dentro dele. Ela estava ali e, por hora, nada mais importava.

Helen afastou-se por um instante e o fitou. Matheus a olhava como se realmente pudesse ler sua alma. Ele tocou seu rosto e a puxou para mais perto. Ela lhe sorriu, fechou os olhos e sentiu os lábios dele tocando os seus suavemente. Não havia urgência, ele só queria senti-la e ter certeza que realmente pertenciam um ao outro.

O coração dela nascera reservado para o dele e ninguém poderia mudar isso.

Capítulo 16

— Ok. Oficialmente somos o quê, Matheus? — Haviam concordado que se dissessem a todos que estavam namorando, seria um choque generalizado. Tecnicamente, se conheciam há pouco mais de um mês, segundo Matheus.

— Acharemos uma palavra para isso — disse, beijando o topo da cabeça dela — É importante para você termos uma palavra que defina o nosso relacionamento?

— Posso pensar um pouco? — ela riu — Na verdade, isso é o que menos importa.

Com algumas decisões tomadas, eles continuaram ali no parque. Caminhavam juntos de mãos dadas. Era como nos velhos tempos, lembrou Helen. Ele aproveitou o momento para fotografar sua nova musa de inspiração. Aquilo realmente lhe fazia bem.

— Já que somos “amigos”, está na hora de me contar a verdade sobre esse anel, não acha, ruivinha?

Ela ficou nervosa de repente, e ele notou a confusão em seus olhos.

— Calma, não quero saber o nome do seu ex. Não vou quebrar a cara dele quando descobrir que foi um tremendo idiota por te deixar. Eu juro. Não pode ser do seu ex-marido. Pelo pouco que conheço Fernando, acredito que ele não faria uma coisa dessas. Sei que são amigos, fato que, confesso, me deixa com ciúmes. E pelo que consta aqui — ele disse, tirando o celular do bolso e abrindo suas anotações —, você nunca me disse, de fato, o motivo de usá-lo.

Seria complicado explicar, mas Helen tomou a decisão de contar sua história omitindo os detalhes que o envolviam.

— É difícil, doloroso, mas não é impossível de explicar — tentou fazer

com que as palavras saíssem o mais natural possível — Como toda adolescente boba, me apaixonei perdidamente por um garoto que não era qualquer um. Ele era “o cara”. Deixava minhas pernas bambas, minhas mãos geladas, meu coração saltitava todas as vezes que o via. Então, começamos a namorar e, por fim, fui surpreendida com um pedido de casamento — ela suspirou — Estava tudo planejado e...

— Ele não cumpriu com a palavra — Matheus completou com pesar.

— Basicamente. Isso me deixou arrasada, a dor foi insuportável. Em poucas palavras, ele arrancou meu coração sem dar sequer uma explicação cabível. Cheguei a pensar que nunca superaria, mas com o tempo a dor foi diminuindo, ou penso que sim. Então, não se vanglorie por aí dizendo que tem assuntos inacabados. — Estava nervosa com aquela conversa.

Quando Helen começou a falar, Matheus sentiu ciúmes. Por mais que tentasse esconder, aquele cara mexia muito com ela. E por um motivo óbvio, a queria apenas para si, apesar das complicações na vida de ambos. Depois veio a raiva. E se perguntou como um ser humano, em sã consciência, poderia ter machucado tanto a sua ruivinha?

Em todos aqueles anos que se seguiram após o acidente, sentia que seu coração havia sido arrancado do peito, só que não tinha uma explicação para aquela sensação. E agora, os motivos apareceram e ele não sabia como agir. Não queria que Helen soubesse que estava procurando alguém pelo qual, supostamente, ainda estava apaixonado. O certo é que vivia um conflito interno. Apesar de ter certeza sobre seus sentimentos pela mulher andando ao seu lado, também estava certo do que nutria sentimentos pela outra que nem se quer lembrava o nome. De qualquer modo, prometeu a si mesmo que faria de tudo para não magoar Helen.

— Eu não me vanglorio por aí, ruivinha — ele disse, apertando a bochecha dela — Quer dizer que somos complicados e ainda assim quer arriscar? Vamos ver se vai aguentar as complicações do seu novo “amigo”.

Ele disparou um click e captou uma expressão que não conseguia decifrar. Puxou o zoom, focando no pingente, e disparou a câmera novamente. Sentiu uma pontada de ciúme. Sabia o que significava carregá-lo tão próximo ao coração. Ela nunca esqueceria aquela parte de sua vida. Se a quisesse ao seu lado, teria que aprender a conviver com o ciúme que o estava

corroendo.

A manhã passou lentamente como se, assim como eles, não quisesse que o momento acabasse. Helen o levou para conhecer seu lugar preferido no parque: a estufa de orquídeas. Conversaram sobre o trabalho dele, a maneira como se sentia relação à profissão, o relacionamento com a irmã e a filha e a mudanças para a nova cidade. Matheus estava extremamente à vontade com a “ruiva indecisa”, como ela mesma tinha se definido. Era engraçado ouvir isso dela, pois de longe parecia uma mulher bem resolvida.

— Às vezes tenho a impressão de que não estava indo embora dessa cidade como minha irmã afirma.

— Por quê? — Ela o olhou, surpresa, enquanto estavam sentados na grama com ele a envolvendo entre os braços. Sempre pensou que ele acreditava cegamente nas palavras da irmã.

— É só um palpite, mas tem algumas coisas que não encaixam na história que me foi vendida. Sei que ela me esconde coisas. Só que Samantha me apoiou incondicionalmente. Tanto com a doença, quanto com a minha filha. Então, acho que talvez ela só não esteja preparada ainda para me contar o que aconteceu. Acabo me sentindo culpado por pensar essas coisas dela.

— E o apoio dela não é o bastante?

— Não, mas ela tem sido uma ótima irmã e uma mãe maravilhosa para Olívia. Já abriu mão de muita coisa na sua vida por nós.

— Ela realmente trata Olívia como se fosse sua própria filha — Helen aproveitou a deixa para perguntar algo que a vinha preocupando — O que aconteceu com a mãe dela? Da sua filha.

— Juliana não sabia como lidar com o meu problema. Tivemos incontáveis discussões durante a gestação. Nossa relação foi se deteriorando. Quando Olívia nasceu, as coisas pioraram, chegando a um nível insustentável. Minha filha sempre foi, e será, prioridade na minha vida. Elas não têm contato — Helen o viu fechar as mãos em punho, estava tenso e irritado — Ela não quis se envolver na criação da nossa filha. E apesar de achar sua conduta errada, prefiro não a recriminar. É uma advogada excelente.

— É uma triste história. O importante é que sua filha tem você e a Sam.

Ele a olhou com admiração.

— Tem certeza de que você não é só mais uma das minhas confabulações?

— Confabulações? O que é isso?

— Em termos técnicos, abre aspas, é uma fantasia que substitui inconscientemente um fato na memória podendo ser baseado parcialmente ou ser um produto completo da minha imaginação, fecha aspas. Traduzindo, coisa de gente que bateu com a cabeça.

— Seu bobo. Sério, você tem essas coisas?

— Tenho, mas não ajuda em nada porque não me lembro de quase muita coisa. Não se assuste, é só mais um dos uns mil sintomas da minha doença. Tem, também, a parte que eu tenho sensibilidade a sons altos, não tenho foco, sofro com dores de cabeças infernais e acordo desorientado pelo menos uma vez por mês.

Ele cortou a parte dos tremores quando ficava nervoso e uma possível convulsão. Já havia acontecido uma vez, logo depois que Olívia nasceu, após uma acalorada discussão com Juliana.

— Nossa, isso é sério?

— Muito sério, mas como tudo na vida, também tem um lado bom. Eu medito *quase* todos os dias para manter a minha sanidade mental. Além disso, faço palavras cruzadas, jogo xadrez e ouço música clássica, em volume baixo, claro. Sem mencionar que me tornei um exímio fotógrafo.

— É muita coisa para assimilar, Matheus. E como você sabe se não era bom nessas coisas antes do acidente?

— Intuição. Embora eu tenha a sensação de que já era um bom fotógrafo antes. Ruivinha, estar aqui com você é maravilhoso, mas devo dar satisfação da minha vida para as outras garotas que ficaram na minha casa. Sam deve estar pirando porque, para variar, meu celular descarregou. Eu te ligo assim que souber o que contar a minha irmã e minha filha. Você está certa de que quer embarcar nessa loucura que é a minha vida? Última chance de fugir de mim.

— Qual parte do “*eu quero estar com você nessa bagunça*” você não entendeu?

— Ok. Então, a gente se encontra por aí nos elevadores da vida — ele disse entre beijos e risos, fazendo referência ao turbulento encontro deles no elevador.

Era surreal, Helen pensou. Queria que alguém lhe beliscasse para ter certeza de que tudo aquilo tinha acontecido de fato. Muitas coisas estavam diferentes. Ele agora falava o que pensava sem muitas reservas e tinha aquele ar viril que, a princípio, a deixara bastante assustada.

Agora, mais do que nunca, sabia que o amaria para sempre.

De alguma forma, o sentimento de anos antes continuava vivo e muito mais intenso. Mesmo que não se lembrasse dela. Saber disso foi surpreendente. Aceitou estar em algo indefinido com ele, não por estar desesperada, mas por saber que quando duas pessoas estão unidas por um sentimento verdadeiro, elas sempre dão um jeito para as coisas darem certo, sem se importar com os obstáculos pelo caminho. Eles fariam dar certo. Mesmo que ele não fizesse ideia do quanto tudo significava para ela, estava disposta a arriscar mais uma vez.

A vontade que teve quando chegou a seu apartamento foi de gritar a plenos pulmões. E assim o fez. Queria contar para alguém, pois a alegria que sentia não podia ficar reprimida. Tatiana ia ter um pequeno infarto quando soubesse. Resolveu que iria fazer uma visita à amiga para informá-la das novidades.

Tomou um banho e sentiu-se com a alma lavada e leve como uma pluma.

— What?

— Você ouviu direitinho, Tatiana. Eu e o Matheus, aquele cara que me esqueceu, literalmente, estamos numa espécie de relacionamento.

— Garota! Você comeu maionese vencida e está delirando ou ficou doida como eu sempre suspeitei. *MyGod!*

— Pare de ser dramática mulher.

A amiga estava no ápice da euforia, mas saber nunca seria o suficiente. Helen devia ter imaginado, Tatiana era uma mulher prática e provas concretas

eram indispensáveis nesse caso.

Tinha adorado a parte de não rotular o relacionamento por causa dos amigos e do “pouco” tempo que se conheciam.

— Que tal se você dissesse: querido, todos sabem que nascemos um pro outro. Tipo assim, nos conhecemos há uns dez anos.

— E causar um colapso nele? Não, muito obrigada pela dica.

— Falando sério, o que pensa em fazer de verdade?

Definitivamente essa era a pergunta que Helen estava evitando desde que voltara do parque. Não fazia ideia do que aconteceria em seguida e nem queria pensar no que viria depois. Estava pronta para viver o agora.

Capítulo 17

Matheus tentava assimilar os últimos acontecimentos e tinha consciência de que tudo estava indo rápido demais, mas ficava extremamente difícil controlar seus impulsos diante de Helen.

Sentir-se realizado não poderia ser assim tão fácil. As peças deveriam se encaixar perfeitamente. Embora existisse uma tempestade de sentimentos, alguma coisa parecia não fazer parte do quebra-cabeça que sua vida havia se transformado. Realmente, queria estar feliz, e de certa forma estava, mas seu passado incerto o incomodava bastante.

Estava em seu escritório tentando trabalhar em um novo projeto, sem conseguir se concentrar. Pegou o celular, abriu a pasta de fotos e ficou fitando a ruiva que preenchia a tela do aparelho. Lembrou-se do encontro com Helen no dia anterior. *Que ótimo!* Um conflito interno era tudo que precisava para ficar bem, ele riu de sua ironia.

— Parece que alguém está com dificuldades de concentração novamente. Você não deveria me contar alguma coisa? — Samantha disse ao entrar no escritório e perceber a bagunça na mesa do irmão.

— Me conhece muito bem, não é mesmo, irmãzinha? — Levantou-se e foi até ela. — Acho que estou me apaixonando pela mulher errada, para variar.

Matheus a abraçou. Sam riu.

— Que história é essa de estar se apaixonando? Matheus, você está tão misterioso desde que foi ao parque ontem. Perdi alguma coisa? — fingia estar chateada.

— Talvez. Acho que estou namorando Helen — confessou e ergueu uma sobrancelha — Pronto, falei. Sou péssimo em guardar segredos.

— Isso explica o conteúdo desse envelope — Samantha disse,

entregando a ele as fotos do dia anterior que havia mandado para impressão.

Sentou-se no tapete, se se encostou no sofá e espalhou as fotos pelo chão. Eram fotos dele e Helen.

— Me explique, Sam, como é que posso ficar longe dessa mulher? Não consigo evitar a atração que sinto por ela. Sempre perco o domínio sobre minhas atitudes quando o cheiro dela me invade os pulmões, quando os olhos dela se perdem nos meus — falou, mostrando uma foto em que beijava os cabelos de Helen — E o meu passado, como fica?

Samantha estava digerindo as palavras do irmão. Seria possível alguém se apaixonar duas vezes pela mesma pessoa? Uma coisa era a atração, quanto a se apaixonar...

— Posso ser sincera com você? — Matheus assentiu — Esqueça essa história de passado. Talvez seja melhor deixar como está e viver intensamente. Talvez o tempo se encarregue de consertar tudo sem que você interfira.

— Você fala como se fosse fácil, mas não consigo deixar isso para trás. É a minha vida, minha história.

Agora ele olhava fixamente para uma distraída e sorridente Helen.

— Esse sorriso paralisa meu mundo e neutraliza meus medos.

— Que cara de bobo é essa, Matheus? Eu nunca te vi assim. — As declarações do irmão a deixaram pasma.

— Sei que tudo está acontecendo rápido demais. É como se estivesse fazendo algo errado e tem aquela moça que preciso encontrar... E essa minha cara de bobo é exatamente o que você está pensando, e não me olhe desse jeito. Sim, eu confesso que estou apaixonado. — Os olhos dele ganharam brilho ao falar sobre Helen. — É uma coisa que eu não consigo explicar. Como se a conhecesse desde sempre. Como se esse tempo todo, o sentimento estivesse adormecido aqui dentro, esperando por ela.

Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Samantha tentou acreditar nisso por muito tempo. Para ser sincera, não esperava que o irmão se apaixonasse por Helen. Sabia que eles, cedo ou tarde, teriam que acertar erros antigos, mas não desse modo.

Apesar de existir uma enorme possibilidade de que ele não a tivesse

esquecido totalmente, que o passado estava lá guardado em algum lugar escuro em sua mente, em parte isso poderia ser ótimo, pois haveria uma chance palpável de seu irmão voltar a ter uma vida normal. Todas as lembranças poderiam voltar, mas por outro lado, se isso acontecesse, traria junto todos os erros que cometeu para tê-lo por perto e acabaria pondo em risco a ligação sólida que levava anos para construir com Matheus. Todas as verdades não ditas teriam que ser justificadas. Ela ainda não estava pronta para isso. Provavelmente nunca estaria.

— O que aconteceu, Sam? Você está em outra dimensão. Não me diga que agora se deu conta de que pode perder seu irmãozinho querido? Está com ciúmes do seu pobre irmão indefeso?

— Faça-me o favor, Matheus. Você está ficando pior a cada dia. Tão insuportável que estou começando a gostar da ideia de ter alguém que te aguente além de mim.

Os últimos acontecimentos a estavam obrigando a se tornar especialista em mudar o foco da conversa repentinamente. Samantha precisava pensar em algo rápido, ganhar tempo e se preparar para o caso de seus medos virarem realidade.

— Caramba, você pegou pesado. Quando foi que se tornou essa irmã amarga? O que fez com a minha doce Sam, aquela que tem uma pilha de papéis esperando por ela na mesa da sala de jantar e uma sobrinha para cuidar?

— Isso mesmo! Tente me expulsar, se livrar de mim. Você tinha que me lembrar de trabalho. A brincadeira estava tão boa... Você é um estraga prazeres, isso sim — disse em tom humorado — Então, o dever me chama, querido. Olivia já dormiu. Fique à vontade. Espero que encontre inspirações para o novo projeto nessa pilha de fotos da sua, sei lá, namorada? — ela franziu a testa, arrancando um sorriso do irmão.

— Ei, você não vai mesmo me contar o que acha disso tudo?

— Matheus, sempre quero o melhor para o meu irmãozinho que amo incondicionalmente. Se nesse momento o melhor para você responde pelo nome de Helen, então agarre essa oportunidade com todas as forças. Não vejo problema algum nisso. Viva sua vida como se não houvesse amanhã e esqueça que o passado existiu. Vire a página e escreva sua história outra vez.

Pare de querer revirar o passado e simplesmente viva!

— Uau! Que discurso inspirador. Prometo pensar sobre o assunto.

Samantha deu-lhe um beijo de boa noite e o deixou analisando a bela mulher das fotos. A maneira como Helen olhava para Matheus era como se conhecesse suas virtudes e defeitos. Os cabelos vermelhos esvoaçantes pela brisa da manhã pareciam ter vida própria. Os lábios dela sempre o faziam agir sem pensar. Ele passava as fotos lentamente, admirando a beleza daquela que, de uma forma estranha, sentia que lhe pertencia. De repente, seus olhos encontraram algo que lhe chamou atenção.

No pingente dela havia uma palavra pequena gravada. Como não notou isso antes?

Neogaeav.

Mas não seria possível! A mulher que deveria procurar não poderia ser Helen. Se fosse, ela jamais teria mentido para ele. Pegou seu bloco de anotações e começou a rabiscar. Quem sabe ela conhecesse a pessoa que ele procurava. Aquela palavra não parecia ser tão usada assim entre casais apaixonados.

Tomou a decisão de investigar sobre o pingente que ela carregava. Parecia ser algo exclusivo. Precisava saber qual a relação de tudo aquilo com ele. Alguém naquela maldita cidade, com certeza, teria essa resposta.

Tentou, em vão, lembrar o que ela havia lhe contado sobre a pessoa que lhe deu o anel. *Droga, deveria ter escrito no seu celular!* Teve a estranha sensação de que ela conhecia a mulher dos quadros. Seria possível?

Surgiram perguntas interessantes e Matheus as escreveu antes que pudesse esquecê-las. Na oportunidade certa, as faria.

Ele não havia ligado. Dois dias se passaram. Não haviam se encontrado, nem por acaso. A impaciência de Helen tornou-se visível ao longo do terceiro dia.

— Amiga, sinto muito. Não mandei você se apaixonar por um cara que bateu com a cabeça. Quem te iludiu com a ideia de que ele poderia ligar?

Tatiana tirou o jaleco, colocou sob a cadeira e sentou-se enquanto a amiga pegava um suco na lanchonete do hospital.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Mais respeito com a minha paciência, Tati.

Elas riram juntas.

— Menina, isso é muito engraçado. É inevitável rir do seu dilema. Como uma pessoa pode estar namorando o ex-noivo como se tivesse acontecido nada antes. Coisa de louco. E por que você não liga para ele?

Naquele instante, o celular de Helen tocou. Ela atendeu prontamente. Era do laboratório e a decepção estampava em seu rosto.

— Não quero parecer ansiosa, apesar de estar muito. Nunca pensei que me envolveria em uma situação desse tipo. A que ponto cheguei? Esse homem, definitivamente, me deixa doida. Nem uma mensagem, que coisa!

— Isso é só o começo. Você precisa ir para casa e relaxar, acabar com essa tensão que te rodeou o dia inteiro.

Helen realmente tentou. Chegou cedo do trabalho, tomou uma ducha, leu alguns artigos na internet sobre amnésia, começou a ler um livro, isso tudo sem sair de perto do seu celular. Ainda nada de notícias do Matheus. Resolveu descer e andar um pouco no playground do condomínio, esperando que o ar puro a relaxasse. Sentou-se na espreguiçadeira próxima à piscina. Já se passavam das oito e meia quando colocou os fones de ouvidos e apertou play. Fechou os olhos e se deixou levar pela batida da música *Baby* da banda Malta.

A letra da música quase a estava levando às lágrimas quando sentiu alguém tocar seu ombro. Tirou o fone e abriu os olhos. Matheus estava de pé ao seu lado, sorrindo e fazendo o coração dela saltitar dentro do peito.

— O que há de tão bom em ouvir músicas com fones de ouvidos? Confesso que minha cabeça dói só em pensar.

Ela deu um sorriso bobo levantando-se da cadeira e ele a trouxe para junto dele com apenas uma das mãos. Sentiu o cheiro dela invadir seus pulmões.

— Sério? Então se eu disser que estava ouvindo rock, você surta? — perguntou, tentando ignorar o efeito que o homem causava nela. Na prática, não era assim tão fácil.

— Não, eu gosto também, apesar de não poder ouvir na altura e frequência que desejo — respondeu, enterrando a mão nos cabelos macios

dela e inclinando-se para sentir seu cheiro novamente — Senti saudades, sabia? Apesar de não parecer.

A voz rouca dele, próximo ao seu ouvido, a deixou arrepiada e ele riu.

— Gosto disso. Não vai me dizer que sentiu saudades também?

— Modéstia é o seu ponto forte. — Os lábios dele encontram o lóbulo de sua orelha, e ela deixa escapar um gemido. — Senti sua falta.

— Me desculpe — ele disse, se afastando para fitá-la — Precisava desse tempo para assimilar os acontecimentos recentes. Juro que estava mesmo procurando por você, já que a esqueci durante os últimos dias. — Os lábios dela o convidaram para um beijo, e não podia resistir à atração. Sua boca encontrou a dela numa explosão de saudade e o desejo. — Queria te mostrar uma coisa — ele disse entre um beijo e outro e estendendo um envelope para ela.

— Ficaram lindas. As pessoas não mentem quando elogiam seu talento — Helen elogiou, puxando-o para sentarem-se frente a frente.

— A modelo ajudou bastante. Tomei a liberdade de ficar com a mais bonita para mim. Já que estamos numa espécie de relacionamento, não seria bom se eu esquecesse seu nome ou algo parecido.

Helen notou que Matheus estava inquieto, como se tivesse algo para falar.

— Você quer me dizer alguma coisa?

— Na verdade, sim. Lembra quando falei sobre pontas soltas em minha vida e você disse que talvez pudesse me ajudar? — Ela assentiu. — Preciso da sua ajuda com algumas coisas que estão tirando o meu sono.

Matheus tirou seu Smartphone do bolso e mostrou uma foto que Helen conhecia muito bem. Se não tivesse sentada, com certeza teria caído naquele momento.

— Você conhece a pessoa dessa foto?

Capítulo 18

Claro que conhecia, Helen pensou. *Essa mulher sou eu.*

Pegou o celular com as mãos trêmulas. A foto da formatura dele estava ampliada na tela do aparelho. Seu coração batia descompassado. Então Matheus esteve no apartamento? Isso significava que ele estava mais perto da verdade do que nunca. Ela sentiu um frio na barriga.

— Você a conhece?

— Eu... — ela pensou no que diria. Tocou o pingente, procurando coragem, e não conseguiu achar a palavra certa. Tentou desviar o foco da pergunta, mas sua voz a traiu — Por quê? O que exatamente sabe sobre essa mulher?

— Calma, Helen. Foi só uma pergunta. Não precisa ficar nesse estado — sugeriu, tocando o rosto dela que tinha os olhos cheios de lágrimas — Está com ciúmes? Desculpe-me, não quis causar esse constrangimento em você. Devia ter te explicado melhor. Essa pessoa faz parte do meu passado e, por algum motivo, eu sinto que tínhamos um tipo de ligação. Talvez ela seja a chave para todo esse mistério que envolve a minha saída dessa cidade. Só tem um probleminha. Não me lembro dessa mulher.

— Onde conseguiu essa foto? — Apertou o pingente entre os dedos.

Ela já sabia a resposta, mas precisava ter certeza.

— Não contei a você, mas tenho outro apartamento aqui. Acho que morei nele. É estranho não lembrar. Relutei muito em ir lá e dar de cara com o meu passado e quando finalmente decidi, encontrei evidências que, de certa forma, me levam a essa pessoa desconhecida. Preciso encontrá-la para saber o que houve realmente entre nós e que aconteceu comigo. Como te disse antes, estou convencido de que Samantha esconde coisas de mim.

— Matheus, talvez você deva conversar com sua irmã — ela sugeriu,

encarando os pés.

— Ela sempre se fecha e muda de assunto quando começamos a falar sobre o assunto. Tem outra coisa que queria perguntar a você: há quanto tempo mora nessa cidade?

Eram muitas perguntas e, cedo ou tarde, teria que respondê-las, mesmo a contragosto de Samantha, que com certeza sabia mais do que imaginou.

— Doze anos — respondeu com o olhar perdido.

Matheus a olhou, curioso. Ela não conseguiu encará-lo ao responder, e ele teve certeza de que a mulher o conhecia há mais tempo do que ele acreditava.

— Há quanto tempo você me conhece, Helen? — exigiu a verdade. Ele tencionou os músculos, fechando as mãos em punho, e respirou fundo.

A pergunta a deixou extremamente nervosa. Por um momento, ela pensou que ele descobrira a verdade.

— Do que você está falando, Matheus?

— Não minta para mim, por favor — ele pede, segurando as mãos dela com a fúria contida — Vou perguntar mais uma vez: há quanto tempo você me conhece, Helen?

— Mais tempo do que você imagina. Não quero falar sobre isto. — Ela fitou o vazio, tentando conter as lágrimas. Ele levantou, passando a mão nos cabelos, e começou a caminhar de um lado para outro de forma impaciente. Passou alguns minutos em silêncio tentando se acalmar. Por fim, sentou-se novamente.

— Olhe para mim, Helen. Porque me deixou pensar que não a conhecia?

— É complicado, Matheus. Samantha nos alertou para não te confundir, pois você poderia piorar.

— O que você quer dizer com “nos alertou”? Mais pessoas que me conhecem e fingem o contrário? — sua voz se alterava e, no minuto posterior, ele já estava gritando com ela — E quem, exatamente, são “nós”?

Helen não queria deixá-lo nervoso, mas visivelmente já estava fazendo isso. Apertava tanto seu pingente que os nós dos dedos ficaram esbranquiçados. E as perguntas só pioravam as coisas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Eu, Fernando, Tatiana e Lucas. Não nos julgue sem antes saber os motivos para nossos medos. Nós fomos seus amigos e ficamos preocupados quando descobrimos sobre seu acidente e sua doença. — Nunca esteve preparada para aquele momento e, provavelmente, nunca estaria. Não pretendia contar-lhe a verdade dessa maneira, e não precisava entrar em detalhes.

— Só que é a minha vida, entende? Você, seus amigos e a Samantha não podiam ter feito isso. — Matheus pôs as mãos na cabeça. — Vim para cá na tentativa de me conectar com o meu eu do passado, entender o que se passou em minha vida e preencher as lacunas. Você não sabe o que é viver sem conhecer seu passado, sua própria vida! Depender das memórias de alguém que nem sequer o conhece? Tem ideia das coisas que passei nos últimos anos?

As lágrimas de Helen ameaçavam cair, mas ela as segurou. Notou que as mãos dele começarem a tremer. Foi invadida pelo medo. E se ele tivesse um colapso nervoso?

— Me desculpe, não tive a intenção de lhe causar isso.

Matheus prendeu a respiração e soltou lentamente, numa tentativa de acalmar seus ânimos. Por que sua irmã insistia em se meter em sua vida, em querer que ele esquecesse o passado?

— Porque não solta esse pingente e começa a me contar o que está escondendo de mim? — Notou que Helen estava à beira das lágrimas, tomou a mão dela, que apertava o pingente, e tocou a peça. Leu a palavra que já conhecia e baixou o tom da voz. A fúria inicial estava indo embora e a respiração voltava ao normal — Sabe o que essa palavra significa, Helen?

A mulher apenas balançou a cabeça afirmativamente. Não conseguiu conter as lágrimas.

— Ei, não chore — ele pediu, tocando seu rosto. Vê-la naquele estado lhe causava um aperto no peito — Me desculpe, não deveria ter gritado com você. Não sou muito bom em controlar minhas emoções.

Estava mais calmo, sabia que ela não era culpada por tudo aquilo. Claro que foi errado esconder, mas ela só seguiu as instruções de Samantha. Ele a abraçou, arrependido.

— Me desculpe por não te falar — ela suplicou, secando as lágrimas.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Está tudo bem, mas terá que me explicar essa história direito. Como nos conhecemos?

— Foi no meu trabalho. Faz uns dez anos que te conheço. — O brilho nos olhos dela se intensificou.

— Você conhece a garota da foto? Pode dizer onde posso encontrá-la?

— Sim eu a conheci. Sinto muito, mas não posso.

— Por que, Helen? Ela é casada, foi embora da cidade ou aconteceu algo trágico?

— Matheus, eu não posso — ela enfatizou, levantando-se apressada e saindo em disparada para o elevador. Não conseguiria continuar mentindo daquele jeito para ele. Chorava descontroladamente. Precisava se afastar antes que causasse uma confusão maior na cabeça dele. Saiu tão rápido que nem notou que havia esquecido o livro que estava tentando ler.

Matheus tentou acompanhá-la para devolver o livro, mas desistiu. Estava perturbado com as descobertas recentes. Pessoas que o conheciam no passado estiveram com ele e não disseram nada. Sentia-se pouco à vontade por deixar Helen naquele estado, sem comentar sua indignação pela proteção excessiva de Samantha. Voltou e sentou-se na beira da piscina. Olhou para o livro em sua mão e leu o título estampado na capa. *Helena*, do autor *Machado de Assis*. A sinopse era interessante. Começou a folhear o livro, mas parou na segunda página.

Primeiro achou que fosse coincidência. Com mais atenção, fitou a contracapa.

Neogean.

Foi tomado por uma estranha sensação. Fechou o exemplar abruptamente e quase o derrubou no chão. Algo brilhoso em baixo da cadeira lhe chamou atenção. O pingente de Helen!

Neogean.

O apertou em sua mão. Click. Era um relicário, deveria saber disso.

Abriu as duas partes do pequeno coração. Sentiu todo o seu corpo se retrair, suas mãos tremerem, sua respiração ofegante. Um golpe certo!

Sempre foi ela.

Por isso aquela sensação quando estavam juntos. Por isso a hesitação

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

dela. Lembrou-se da festa de boas-vindas e do real motivo pelo qual Helen havia gritado com ele, da maneira como o confrontou, a vontade de tomá-la em seus braços em meio a toda fúria que sentiu. De repente, podia ver o rosto da mulher que vinha sonhando nos últimos dias. Pegou o celular do bolso, analisou o quadro em seu apartamento, a foto dela que havia tirado no quarto, e agora tudo fazia sentido. O tempo todo esteve procurando por ela, pela mesma mulher que vinha preenchendo seus pensamentos e coração nos últimos dias.

Uma pontada em sua cabeça. *Iria acontecer e não poderia evitar!*

Tudo a sua volta foi se transformando em um borrão negro e já não sabia mais quem era ou onde estava.

— Onde está meu irmão? O que aconteceu com ele? Eu exijo vê-lo.

— Samantha gritava, desesperada, com a recepcionista.

Não sabia ao certo o que tinha acontecido com Matheus. Escutou a chegada da ambulância no condomínio, porém não imaginou que poderia ser para ele. Seu telefone tocou e quando atendeu, o porteiro do prédio a informou que o irmão havia sido encontrado desacordado na beira da piscina. A partir daí tudo aconteceu muito rápido. Deixou a sobrinha com a babá, pegou as chaves do carro e dirigiu feito uma louca para o hospital. *Estava acontecendo de novo.*

— Acalme-se, senhora, seu irmão está sendo medicado. Assim que possível, um médico virá conversar com você.

— A questão não é ele ser medicado, garota. Quero vê-lo AGORA! — Ela partiu para cima da atendente quando a outra se negou a atender seu pedido.

— Quem você pensa que é? — Ela sentiu mãos fortes a segurarem pelos ombros — Acalme-se ou não hesitarei em usar uma camisa de força.

O tom de voz autoritário do homem a fez estremecer. Samantha suspirou em uma inútil tentativa de se acalmar e sentiu as mãos saírem de seus ombros. Girou a cabeça lentamente e viu um jovem rapaz de jaleco branco a encarando com um olhar furioso. Seu corpo estremeceu, o homem tinha um ar imponente e se portava como se fosse o próprio príncipe William.

Autoconfiança exalava dele.

Dr. Vinicius Pantoja, Neurologista. Ficou chocada com a inscrição no jaleco dele. Parecia jovem demais para isso. Ele se virou para a recepcionista enquanto Samantha recuperava a capacidade de se comunicar novamente. A garota atrás do balcão parecia estar sobre efeito de algum tipo de magia olhando para o médico, e perguntou: - Algum parente do meu paciente?

— E... Es.... Essa moça diz ser irmã dele — a moça indicou Samantha com o olhar.

— Eu *sou* irmã dele. — Fuzilou a atendente com o olhar.

— Ok, você deve desculpas a moça, não acha? — O médico disse tamborilando os dedos impacientemente sobre o balcão de atendimento.

Ela apenas balançou a cabeça afirmativamente e fez o que o médico pediu.

— O que aconteceu ao meu irmão doutor? É grave? — Sua voz soou educada demais.

— Assim fica melhor — o médico riu para si mesmo — Quanto ao seu irmão, ele teve uma convulsão, bateu a cabeça e caiu desacordado próximo à piscina. Teve uma contusão, mas já fizemos o curativo e o medicamos. Ele ficou muito agitado e por isso tivemos que sedá-lo. Agora ele está dormindo, mas está lúcido. Já perguntou por você e pela filha. Ele tem uma filha, não é mesmo?

Samantha assentiu.

— Notei a tatuagem em seu pulso depois que ele mencionou o nome dela. Aparentemente, está tudo bem. Não precisa se preocupar. Amanhã cedo ele terá alta.

Não havia motivos para tanto desespero, ela percebeu por fim. Tudo indicava que não devia preocupar-se.

— Quem é Helen? — o médico perguntou de repente, pegando-a desprevenida — Os socorristas informaram que, durante o percurso para o hospital, ele a chamava quando ainda estava inconsciente.

— Sou eu. — Ambos viraram na direção da voz — O que você faz aqui Vinicius?

Helen estava de olhos inchados e as lágrimas ainda teimavam em cair.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Precisava vê-lo. Ela voltara para buscar o livro e foi surpreendida pelo alvoroço do porteiro, que presenciara o que aconteceu com Matheus. Nem se deu o trabalho de tirar seu carro. Entrou no primeiro taxi que viu ao sair do prédio.

— Mundinho pequeno esse, viu— o médico disse, encabulado — Que coincidência.

— Quando chegou? — Helen indagou de forma impaciente — Depois conversamos, preciso saber sobre o Matheus, pode me dizer como ele está?

— É muita coincidência ou aquele é mesmo o noivo fujão?

— Vinicius, por favor, só me diga como ele está.

— Fique calma, ruiva. Está tudo bem. O quadro dele é estável. Não há motivos para preocupações. Ele teve muita sorte.

— Graças a Deus — Helen suspirou aliviada — Samantha, preciso falar com você. Nos deixe a sós, Vinicius, por favor.

O médico fez o que lhe foi pedido e as deixou à vontade.

— O que aconteceu, Helen? Você tem alguma coisa a ver com isso? — Samantha falou, descontrolada, em tom de acusação.

— Talvez tenha minha parcela de culpa, mas faça uma análise de consciência e tenho certeza de que vai descobrir quem é a maior culpada por isso estar acontecendo.

— Só queria proteger o meu irmão de tudo isso, Helen — Sam desabafou entre lágrimas.

— Proteger? De que exatamente quis protegê-lo? E você pensa que ele é quem, uma criança tola? Acha que tem o direito de fazer o que bem entender com ele?

— Pelo menos não desisti dele. — Sam retrucou sem pensar.

Helen não conseguiu se controlar. Em um movimento rápido, deu-lhe um tapa no rosto.

— Nunca mais ouse me julgar, ouviu bem, Samantha? — encarou a cunhada — Você é só uma menina mimada que não sabe o que é amar alguém como amo seu irmão. Agora não é a hora e nem o lugar para termos essa discussão. Queria falar contigo porque sei o que pode ter causado tudo isso. Ele descobriu a verdade.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Verdade?! Sobre qual verdade fala Helen?

O corpo de Samantha estremeceu diante da revelação.

— Aquela verdade que nós escondemos dele. Só queria que soubesse antes de entrar naquele quarto. Provavelmente, Matheus nos fará muitas perguntas.

Capítulo 19

— Morena, me desculpe — Matheus disse assim que ambas entraram no quarto com médico. Helen ficou petrificada. Ele a chamava assim anos antes de toda essa confusão — Eu sei que prometi a você que não iria mais fazer manobras radicais naquela droga de moto.

Samantha trocou olhares confusos com ela.

— Que moto, Matheus? Você nem anda de moto. Você bateu a cabeça e caiu na beira da piscina em nosso prédio — a irmã o explicou o ocorrido.

— Quem é você? — A confusão era nítida no olhar dele.

— Sou eu, Samantha, sua irmã.

Matheus sorriu e sentiu uma pontada aguda de dor em sua cabeça.

— Não tenho uma irmã, mas com certeza tenho uma moto. Quem é ela, Helen? Você a conhece?

Helen não fazia ideia do que dizer a ele e buscou refúgio na cunhada.

— Sou Samantha, vizinha de Helen — Samantha pensou rápido, já estava habituada a lidar com esse tipo de situação, apesar de nunca ter acontecido dessa forma antes.

— Ser amiga da minha noiva, tudo bem. Afirmar ser minha irmã, isso foi muito esquisito, garota.

Aquilo foi estranho. Helen estava chocada com o que via e ouvia. Ninguém poderia imaginar que haveria uma remota chance dele se lembrar.

— Você poderia nos dar licença, Samantha? Preciso conversar com meu paciente. — Ela notou a confusão por trás do olhar imponente do médico.

A mulher deixou o quarto com o choro entalado na garganta e foi para a sala de espera. *Por favor, meu Deus, de novo não.*

— Ei, cara. Você não é o Vinicius, irmão de Tatiana?

O médico encarou a amiga encabulado. E escreveu na prancheta.

Você me deve explicações. Ela leu e concordou com o olhar.

— Matheus, quanto tempo cara. — Vinicius estendeu a mão para o paciente/amigo.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? Por que estão me olhando como se fosse um extraterrestre?

— Cara, você sofreu um pequeno acidente. Não foi nada grave. — O médico decidiu acabar com a agonia.

— Ah, mas isso já percebi. Como isso explica vocês estarem com esse olhar esquisito? Será que fiquei com o rosto desfigurado? Por que não estou sentindo dor alguma, Vinicius?

— Calma, cara. Você sofreu um acidente, mas não foi de moto. Você teve uma convulsão, bateu a cabeça e caiu desacordado na beira da piscina. Teve uma leve contusão, mas já fizemos o curativo. Estava muito agitado e nós tivemos que sedá-lo.

— Vinicius, é uma bela história. Pode me explicar porque não me lembro disso?

— Qual a última coisa que lembra antes de acordar aqui?

— Me lembro de estar pilotando a moto. Um cachorro passou na frente. Tentei frear, mas não consegui e acabei caindo.

— Helen pode falar com você um momento?

Matheus não entendeu, mas viu os dois saírem do quarto enquanto conversavam em um tom inaudível.

— Por que não me avisou que tinha chegado Vinicius?

— Desculpe, ruiva. Cheguei ontem à noite e hibernei quase o dia todo. O Dr. Marcos me pediu para cobrir o plantão dele. Você sabe como adoro esse hospital. Eu só começaria a trabalhar amanhã, um dia a mais um dia a menos, para mim tanto faz. Pode me explicar o que está acontecendo? — ele não deu chances para Helen perguntar mais coisas sobre seu retorno e exigiu saber o que se passou durante sua ausência.

— Me explique você, que é o médico. Não me diga que esses seis

meses fora te fizeram esquecer que sou apenas uma simples biomédica?

— O Matheus não estava sumido, ou fugido, sei lá o que? Pode me explicar o motivo dele estar aqui com você? Tem alguma coisa que precise me contar? Como médico dele, e seu amigo, preciso entender o que está acontecendo. Esse acidente que ele lembra aconteceu mesmo? E quem é aquela maluca sentada na recepção?

— Ok. São muitas perguntas, vou tentar responder todas elas.

Explicou, resumidamente, o que ocorreu nas últimas semanas.

— Por último, estou aqui por conta do acidente que você já sabe. Ele não se lembrava de mim, mas de alguma forma, se apaixonou novamente. Embarcamos em um novo relacionamento. Pronto, falei!

— Minha cara Helen, de que drama [*hollywoodiano*](#) a senhorita tirou essa história maluca? Isso é mais do que posso aguentar — ele brincou, jogando-se na cadeira ao lado da porta — Difícil acreditar, mas estou tentando entender. Vamos aos fatos. Como seu amigo, só posso dizer que estou passado com essa história maluca. Você e essa sua mania de se meter em confusão. — O sorriso dele a acalmou. Vinícius tinha um jeito peculiar de fazer isso. — Como neurologista, o que posso te dizer sobre meu paciente, depois dessa história mirabolante, é que Matheus, com certeza, foi diagnosticado com amnésia retrograda, onde o paciente perde as memórias de determinada época da sua vida. Sabe me dizer se aconteceu algo? Se ele teve alguma emoção intensa nos últimos dias?

— Houve uma coisa. Ele me procurou hoje me fez inúmeras perguntas, mas não pude responder todas. Percebeu que eu o conhecia há mais tempo do que ele julgava. O deixei sozinho, me dói ficar mentindo para ele. Acho que, de alguma forma, ele preencheu as lacunas e descobriu a verdade sobre quem fui na vida dele.

— Ok. E quando pretendia me contar isso? — inquiriu.

— Esperei pela oportunidade certa. Ah, Vinicius, eu me sinto tão culpada por isso. Se meus sentimentos não fossem tão transparentes...

— Não se culpe, Helen. O que aconteceu foi por causa do estresse emocional, das emoções intensas e, claro, a batida na cabeça. Ele está em um estado de confusão mental e ficará sob observação. Não pretendo correr riscos.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Helen estava a ponto de se desmanchar em lágrimas quando Vinicius a abraçou.

— Ei, não se preocupe! Estou aqui. — Ele passou a mão pelos cabelos dela — Vai ficar tudo bem. Agora vai lá e converse com ele, mas explique devagar para não o assustar. Preciso ir, a garota histérica lá fora precisa de explicações.

Ela entrou no quarto e notou que alguma coisa estava errada com Matheus. O chamou, mas não obteve resposta. O olhar dele estava perdido. E, no minuto seguinte, todo o corpo dele pareceu entrar em colapso, se contorcendo sobre a cama. Os aparelhos conectados ao seu corpo começaram a soar em uníssono e Helen gritou em desespero. A partir de então, tudo aconteceu como se estivesse em uma experiência extracorpórea. As enfermeiras correndo ao lado da maca, Vinicius a tirando do caminho, Samantha chorando em pânico.

Não, ele não podia deixá-la outra vez.

— O que vamos dizer quando ele acordar, Helen?

— Sinceramente não sei, Samantha. Estou com medo. Vinicius disse que vai ficar tudo bem, mas ele é meu amigo e talvez só esteja me preparando para o pior. Achei que Matheus estava morrendo. Eu não posso perdê-lo outra vez. — Sam apertou a mão de Helen em sinal de solidariedade. Ambas estavam tomadas pelo mesmo medo. — Eles o sedaram novamente. Melhor descansar antes de saber qualquer coisa. E eu não posso fazer isso sem você, Sam. Por mais que me doa admitir, ele não é mais o mesmo de antes.

— Me desculpe por tudo. Sei que fui egoísta e uma completa idiota escondendo as coisas dele — Samantha confessou, limpando as lágrimas que teimavam em cair — Até agora, eu interfeiri na vida dele sem pensar nas consequências. Não estou preparada para enfrentar isso sozinha. De todas as coisas que passamos juntos, não sei se consigo passar por isso novamente.

Ela parou de falar por um momento e deixou o choro tomar conta. Helen continuava segurando sua mão, mas ela não faria mais isso quando souber toda a verdade. Assim como Matheus, também irá odiá-la.

— Sinto uma dor rasgando meu peito. Sei que fiz as escolhas erradas no passado. Vocês nunca me perdoarão por isso. Você não sabe e ele não se

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

lembra do motivo real que o fez ir até meu pai — ela tentou sufocar o soluço — Eu prometi que ninguém iria saber o que havia acontecido de verdade. Meu pai estava com um câncer em fase terminal quando me revelou a existência de Matheus e me fez um pedido que eu não poderia recusar a um moribundo. Queria conhecer o filho que abandonou, quem sabe pedir perdão. Isso é outra coisa que nunca vou descobrir. Para mim, tudo soava como traição. Embora minha mãe não estivesse mais viva, aquilo me incomodou bastante. Odiava esse irmão que nem conhecia. Desejei a sua morte inúmeras vezes.

— Samantha o que você...? — Helen soltou a mão da outra e a olhou com espanto.

— Me deixe terminar. O procurei, mesmo contra a minha vontade. Tivemos uma discussão feia e ele foi inflexível. Tinha uma carreira promissora nessa cidade, estava prestes a se casar... O passado não importava para ele e meu pai só trouxera desgraças a sua vida. Não pretendia vê-lo, mesmo que estivesse morrendo. Isso despertou uma fúria em mim e o confrontei. — Esfregava as mãos, denunciando seu nervosismo, enquanto Helen se assustava com o rumo que a conversa tomava — Matheus viria encontrar meu pai nem que fosse arrastado. Sei o que está pensando. Sim, sou uma mulher decidida. Se quero alguma coisa, eu consigo. Meu pai era a única pessoa que tinha na vida, e aquele rapaz idiota se recusava a atender um último pedido de um velho cansado. Agi inconsequentemente. Contratei uns caras e o sequestrei. Se não fosse por bem, então seria assim.

— Não acredito que você foi capaz disso. Sabia sobre mim? — Helen sentiu o estomago revirar quando Samantha confirmou com um aceno em meio ao choro — Conhecia a nossa história e ainda assim mentiu para ele depois do acidente?

— Sinto muito, me perdoe — implorou. Helen estava imóvel ao seu lado — Eu tenho que tirar isso do meu peito. Sinto que vou explodir se não falar. Tudo deu tão errado... Meu pai piorou e tive que voltar às pressas para casa. Os caras doparam Matheus e o levaram à força. No caminho, se envolveram em um grave acidente. Ambos morreram, apenas meu irmão sobreviveu — Helen estava em choque. Quantas mentiras mais Sam tinha contado aos dois? — Meu pai faleceu e Matheus sumiu do mapa. Fiquei sozinha com esse problema nas costas. Quando o encontrei, me senti

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

extremamente culpada. Precisava reparar o meu erro. Percebi muito tarde que tinha ido longe demais, apenas porque não o aceitava. Vê-lo fragilizado mudou tudo. Ele era a única família que me restava e me agarrei a ele como uma tábua de salvação. Um dia, ele acordou sem lembrar absolutamente nada, e tomei a decisão pela qual me arrependo todos os dias desde que cheguei nessa maldita cidade e conheci você pessoalmente. Apaguei a vida que ele tinha aqui, te apaguei das memórias dele. — Helen não conseguia encará-la. Jamais a perdoaria. — Por favor, me perdoe. Estava desesperada.

Aquela mulher merecia todo o ódio que Helen sentia. Ela não era tão inocente quanto havia se mostrado. Então, tudo tinha sido intencional, todo seu sofrimento com a perda do homem que amava, o ódio que sentira dele... Samantha simplesmente destruiu a vida de Helen e apagou o amor da vida de Matheus, se valendo de uma doença da qual era culpada.

— Você foi perversa. Lembra quando eu disse que talvez te perdoasse um dia? Esqueça! Samantha, você merece ser esquecida por ele. Tem que sentir a dor insuportável que sofri todos esses anos. A única diferença é que você saberá exatamente onde ele está. Toda ação tem uma reação, e nada justifica o que você fez com ele, com a gente. Se você não quiser que eu te arraste para fora desse hospital, suma da minha frente AGORA.

Ela viu o desespero nos olhos da mulher à sua frente. Por ora, essa seria sua decisão. Em questão de minutos, tudo havia ficado de pernas para o ar. Encontrava-se em um emaranhado de mentiras. Helen ainda não tinha certeza do que diria a Matheus, mas tinha que dar um jeito. Apesar de tudo, existia uma verdade que sobressaía: o amor que os unia. Não o abandonaria, não o deixaria ir. Desta vez, estaria ao seu lado mesmo que o mundo desabasse sobre suas cabeças.

— Tudo bem, apesar de não confiar mais em mim, eu confio em você, Helen. Sei que fará a coisa certa. Não deixe que nossas diferenças afetem suas certezas.

— Samantha, por favor, me poupe.

— Tudo bem — rendeu-se, por fim — Vou embora. Por favor, me mantenha informada. É do meu irmão que estamos falando. Eu o amo e me preocupo com ele — foram suas últimas palavras antes de partir, visivelmente exausta. Os fantasmas do seu passado estavam de volta e não

teria como escapar deles.

Andou vacilante para o estacionamento, entrou no carro e se entregou ao desespero que sentia. Perder o irmão seria um preço alto demais.

Helen sentou-se ao fundo da sala de espera e deixou que as lágrimas viessem. A dor era dilacerante. Sentiu todo o seu corpo tremer e a vontade que tinha era de gritar.

Não queria acreditar que todos os seus sonhos tinham sido destruídos por causa dos caprichos de uma garota tola. Não queria acreditar que o homem que amava estava naquele hospital, lembrando-se da vida que haviam tido antes de tudo acontecer. Era o que ela mais havia desejado nas últimas semanas. Só que, agora, não sabia lidar com tudo que estava acontecendo.

O desespero e o medo a dominavam, e apenas uma pergunta se formara em sua cabeça: como faria isso dar certo? Os acontecimentos a tinham deixado exausta. Estava desgastada emocionalmente. Era madrugada e, depois de muito tempo chorando, foi vencida pelo cansaço.

Capítulo 20

Fernando encontrou Helen onde Vinicius havia indicado. Apreciou a imagem por um momento, ela parecia exausta, mas dormia serenamente.

— Acorde, Helen — ele a chamou.

— O que faz aqui, Fernando?

— Tive uma emergência no hospital. Vida de buco-maxilo, sabe bem como é.

— Que horas são? — perguntou, atordoada.

— Seis da manhã. Vinicius me contou sobre o Matheus. Como ele está?

— Digamos que ele está bem, na medida do possível — De repente, é tomada por uma preocupação súbita. — Meu Deus, com essa confusão toda, acabei me esquecendo da Olívia!

— Ela não estava com a tia?

— Não, Samantha deve tê-la deixado com a babá. Me dê alguns minutos, Fernando, preciso saber se aquela mulher idiota está cuidando da sobrinha — respondeu, tirando o celular do bolso.

Ligou para a babá que a tranquilizou. A menina ainda não sabia sobre o que havia acontecido ao pai. Tinha dormido a noite toda. Quanto à irmã de Matheus, aparentemente não pretendia fazer nenhuma loucura.

— Quando Olívia acordar, por favor me avise, Marly. Não sei se a tia dela está em condições de tomar alguma decisão por ela.

Encerrou a ligação enquanto Fernando a encarava com um olhar curioso.

— Não conhecia esse lado seu, Helen. Confesso que estou surpreso.

— Aquela garotinha não tem culpa das tolices da tia. Amo o pai dela e

acredito que zelar por ela é o mínimo que posso fazer nesse momento.

— Por que a Sam foi embora? — ele a questionou.

— Eu a expulsei. Não aguentava mais olhar para a cara de coitadinha daquela criatura imbecil.

— O que aconteceu entre vocês? — perguntou, curioso.

Helen explicou tudo a ele, que ficou sem reação por alguns minutos.

— Quando foi que a minha Cinderela virou uma bruxa má? — Ele tentou arrancar um sorriso de Helen. — Você vai ficar bem, minha querida, estou aqui. Vai ficar tudo bem, confie em mim.

Fernando a abraçou por um momento.

Vê-la ali, sofrendo daquele jeito, lhe partia o coração. Se houvesse um modo de arrancar a dor dela, ele encontraria. Quando inicialmente se aproximou de Samantha, foi com a intenção de saber que tipo de pessoa era. E, agora, havia descoberto. A mulher havia partido o coração de Helen e não tivera respeito algum pela história que a outra construía com Matheus.

Lembrou-se da carta. Aquilo só podia ter sido invenção dela. As explicações não faziam o menor sentido, mas agora tinha certeza de quem havia escrito todas aquelas baboseiras sem nexos.

— Espero que sim, Fernando. Preciso contar a verdade a Matheus e não tenho ideia de por onde começar. Por que isso tinha que acontecer?

— Minha querida, tudo acontece na hora certa. Você vai conseguir. Estou aqui. Seus amigos ficarão do seu lado e iremos te ajudar com toda essa bagunça.

— Aqui estão vocês — Vinicius exclamou. Sua empolgação era exagerada para um médico que havia corrido pelo hospital praticamente a madrugada toda — Devo me preocupar com o meu paciente? Acho que ele não ficará muito feliz com essa cena. Afinal, ele pensa que você ainda tem vinte e cinco anos e é seu noivo. Posso garantir a vocês que ele não será nada compreensivo com esse momento "revivendo o passado" de vocês dois — ele ria da própria dramatização — Alguns meses fora e vocês já ficam aí se pegando sem me dizer nada. Fernando, achei que era sério todo aquele papo de que tinham se divorciado.

— Seu palhaço, não é hora de brincadeiras. Como está Matheus?

— Acordado e perguntando por você a cada segundo. E quando digo segundo, não estou exagerando — enfatizou — Penso, inclusive, que as enfermeiras já amaldiçoaram seu nome. Além disso, você me deve um café, Srta. Helen. Ou devo chama-la de Sra. Matheus Lopes? Credo, vocês confundem a minha cabeça com tanta bagunça. Não pense que engoli essa sua história mal contada. Meu Deus, passo seis meses fora e vejam só o que a senhorita apronta.

— Você é tão dramático, Vini. Já pensou que talvez esteja na profissão errada? — O amigo fingiu estar ofendido, mas depois deu uma gargalhada alta.

— Desculpe — Vinicius disse, tapando a boca quando uma das enfermeiras lhe olhou feio — O que ainda está fazendo aqui, Helen? Vai lá ver seu... Sei lá. Namorado, talvez? — Arqueou a sobrancelha e deu um sorriso travesso.

— Só você para me fazer rir num momento desses. Até mais, rapazes! Não quer ir vê-lo, também, Fernando?

— Ainda não é tempo de me meter nessa história. Vou para casa. Foi uma noite longa. Meu paciente já está medicado e não é do meu ombro que Matheus precisa agora, querida. Entendo que vocês precisam de um tempo para digerir isso. — Não conhecera Matheus antes do acidente, por isso não se sentia confortável em visitá-lo naquele momento.

Helen assentiu e seguiu para o quarto onde o outro estava.

Vinicius e Fernando a observaram ir.

— Sei que ainda ama essa mulher. Você não pode negar. Seus olhos não mentem, Fernando.

— Falou o neurologista sabe-tudo. — Ele passou a mão pelos cabelos em um gesto nervoso. — Cara, isso vai acabar comigo. Eu sei e você também sabe, mas não posso evitar querer protegê-la sempre. Acho que é a única coisa em que sou bom realmente. Odeio vê-la tão frágil assim. Me faz lembrar de quando a conheci, da maneira que a vi. É um caminho perigoso, eu sei, mas ela precisa de mim.

— Nunca vi duas pessoas gostarem mais de drama do que você e a Helen. Conversamos por um minuto e já quero abraçar, confortar e oferecer lencinhos. Isso é patético — revirou os olhos — Minha nossa senhora dos

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desconsolados! Diga-me, como consegue se autoflagelar com tanta classe? Eu não teria essa coragem de ficar tão perto e tão longe da mulher que amo. Isso se algum dia eu amar de verdade.

— Ah, e você pretende continuar arrancando suspiros por ai, em vez de se amarrar a alguém? Não queira estar no meu lugar, Vinicius. Sinto, todos os dias, como se parte de mim estivesse indo embora. Cada vez que olho para ela e vejo seus medos, suas angustias e incertezas, sinto uma dor horrível. Para piorar, me tornei dependente dessa dor. Por mais insuportável que seja, ela faz de mim quem sou. Entendo que ela nunca será minha, que não vou tocá-la, mas escolhi estar ao seu lado, independentemente de ser o marido ou apenas um mero amigo.

— Admiro sua coragem e determinação, meu caro — Vinicius disse, apertando o ombro de Fernando em solidariedade a sua dor — Tem uma coisa que você precisa saber. Estive analisando o caso do Matheus e as notícias não são nada animadoras. Pedi alguns exames para confirmar. As coisas podem ficar bem complicadas. Não quis dizer a Helen, mas quando Matheus acordou no hospital, ele pediu para a enfermeira ligar para Samantha e perguntou pela filha. Isso me preocupou porque logo depois ele não a conheceu. Estou torcendo que seja temporário.

— Por favor, Vinicius, não conte a Helen sobre isso. Espere um pouco mais. Isso só irá deixá-la ainda mais preocupada.

A vida de Fernando nunca fora um livro aberto. Não era o tipo de pessoa que dizia aos quatro ventos o que estava sentindo. Conheceu Vinicius quando começou a trabalhar em São Felipe. Ele é o único irmão de sua cunhada, Tatiana, e tornaram-se bons amigos. Só ele sabia dos sentimentos reais de Fernando por Helen, apesar de, no fundo, ela saber também. O rumo que as coisas estavam tomando o deixou vulnerável, mas tinha consciência do seu lugar na vida dela.

— Fernando, você conhece a irmã de Matheus? Que mulherzinha insolente.

— Claro que conheço aquela mulher idiota. Se lembra da carta?

— Aquela que Matheus usa argumentos ilógicos para justificar o sumiço e que Helen nunca chegou a ler?

— Sim, tenho certeza de que foi a irmã dele que a escreveu.

— Mas que mulherzinha imbecil e arrogante — Vinicius xingou.

— Vejo que você já conheceu as virtudes de Samantha. Tome cuidado, ela não é tão inocente quanto aparenta. É uma cobra peçonhenta — Fernando alertou.

— Sei muito bem como lidar com cobras!

Helen estava apreensiva, mas quando entrou no quarto e Matheus a recebeu com um sorriso torto, todos os seus medos se foram.

— Você está se sentindo bem, Matheus? — foi a primeira coisa que perguntou.

— Tirando a dor de cabeça insuportável e estar sonolento, estou bem. Você não foi para casa? Ah morena, não foi nada. Não se preocupe tanto. — Ela sentou-se ao lado dele na cama. Logo foi envolvida por braços fortes. Não resistiu e se permitiu chorar. — Ei, está tudo bem, eu estou bem.

Matheus tocou seu rosto e beijou-lhe o topo da cabeça. A porta se abriu e o médico dele entrou para uma última visita antes de acabar o plantão.

— E então, Matheus, você se sente bem?

— Claro, Vinicius! Mesmo me escondendo coisas, essa mulher tem um efeito tranquilizante em mim.

Vinicius olhou surpreso para o paciente e a amiga, mas desconversou.

— Matheus, após a última convulsão, eu pedi novos exames e você ficará aqui por mais um dia. Por ora, é só. Meu plantão está terminando. Passo aqui novamente às três da tarde. Tenha um bom dia. Helen, me acompanhe até a porta?

Ela assentiu.

— O que eu faço, Vini? Não tenho ideia do que dizer a ele.

— Você é a pessoa mais forte que já conheci, Helen — o amigo garantiu e segurou sua mão — Já enfrentou tanta coisa e continua aqui, com esse sorriso que contagia a todos. Apenas siga seu coração e, por enquanto, limite-se a responder as perguntas dele. Qualquer alteração, me avise — pediu e soltou sua mão.

Helen fechou a porta e, ao encarar Matheus, lembrou-se do que ele

havia dito ao médico. Tinha alguma coisa muito errada. Um frio percorreu sua espinha.

— O que quis dizer com "mesmo escondendo coisas"? — Helen tentou entender, vasculhar suas lembranças sobre o acidente anterior do qual ele se lembrava e, definitivamente, não conseguia lembrar de algo que pudesse estar escondendo dele na época.

— Estou falando de um relacionamento baseado em mentiras. Apesar de acreditar que, provavelmente, você não tenha grande parcela de culpa. — Ela estava pálida e sem palavras. Aquilo não podia ser possível. — Não foi justo o que fez comigo, Helen.

— O que exatamente fez? — Parecia pisar em um campo minado a cada avanço daquela conversa. Sentia seu coração acelerar descompassado. Notou a inquietação e impaciência dele.

— Foi isso que você fez — retirou do bolso o pingente dela, que instintivamente levou a mão ao pescoço. Com toda essa confusão, ela nem se deu conta de que o tinha perdido.

Todo o seu corpo estremeceu ao segurar aquela velha lembrança. Ele sabia de tudo. Em algum momento durante as últimas horas, o cérebro dele tinha encaixado as peças da forma correta. Pelo menos, era nisso que ela queria crer. Tinha desejado tanto isso nas últimas semanas, e agora não fazia ideia do que dizer.

Apertou o pingente e entre as mãos. Como tinha parado nas mãos dele?

— Você sabe, não é mesmo?

— Sim, eu sei, Helen. Ainda está tudo muito confuso para mim e preciso fazer algumas, ou muitas, perguntas — ele disse, acariciando o rosto dela — Olhe para mim e diga se estou enganado. O motivo de ter corrido de mim ontem à noite, depois de te encher de questionamentos, foi porque a garota da foto no meu celular era você. Que esse anel no seu dedo fui eu quem te dei. Sim, me recordo de algumas coisas do que aconteceu entre nós nos últimos dias e, de alguma forma, sei que é o amor da minha vida. Quando você entrou no quarto agora pouco e te abracei, me lembrei de uma parte da minha vida que preferia ter morrido do que esquecer. Mas não consigo saber o que aconteceu comigo para que eu pudesse esquecer, muito menos como vim parar aqui.

— Me perdoe, Matheus — ela pediu. Ele corria as mãos pelos cabelos, com o olhar claramente confuso — Sei que não tinha esse direito, só que tive medo de piorar as coisas. Samantha disse que você não estava bem nos últimos dias.

— Samantha... — ele repetiu o nome da irmã, pensativo — É sério que arranjei uma irmã? Se a minha cabeça for pelo menos um pouco confiável, lembro que aquela mulherzinha adora se meter na minha vida. Você poderia ter me contado a verdade quando te perguntei a noite passada, Helen. — Matheus a puxou levemente para mais perto, ainda sentia os pequenos choques ao tocá-la, só que agora faziam todo sentido.

— Tive medo — confessou, baixando o olhar — Medo de acontecer algo de ruim a você. Tanto que acabei causando tudo isso.

— Venha cá, morena, não chore. Não estou bravo, não mais. Está tudo tão confuso. Só me lembro do vazio no meu peito e que você conseguiu preenchê-lo novamente.

Ela estava bem diferente do que ele lembrava, mas continuava a arrebatá-lo seu coração da mesma forma.

— E quando foi que você se tornou ruiva? Porque não me lembro de namorar uma ruiva — ele riu — Tenho *quase* certeza de que me apaixonei por uma morena.

— Foram mudanças necessárias para que eu pudesse seguir em frente com a minha vida sem você — disse, sentando-se ao lado dele. Não conseguia decifrar a expressão no rosto de Matheus. Confusão, raiva, tristeza, culpa e muitas outras coisas.

— Sinto Muito. De certa forma, é como se tivesse acabado de acordar de um sonho ruim. Por quanto tempo fiquei assim, sem saber que você era?

Tudo era estranho para ele. Apesar de se lembrar de algumas das partes importantes do seu passado, seu presente não fazia tanto sentido quanto ele gostaria.

— Nos reencontramos há pouco mais de um mês, mas você está assim há sete anos — ela respondeu, num fio de voz, com os olhos cheios de tristeza — Teve uma perda de memória significativa e conviveu com essas lacunas durante muito tempo. É normal se sentir perdido. Lembra-se do que ocorreu ontem depois que te deixei na piscina?

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Sim, disso me recordo. Nossa conversa à beira da piscina. Você esqueceu o livro na espreguiçadeira ao fugir de mim, quando o folhee e vi a nossa palavra, quase o derrubei. Foi então que encontrei esse pingente — ele pegou o relicário da mão dela e o abriu — *Neogeav*. Sim, falhei com algumas promessas — afirmou, fechando os olhos numa tentativa de lembrar com clareza o que sentiu — Naquele momento, soube onde estava quem estive procurando nos últimos dias. Depois disso, não me lembro de mais nada. Acordei aqui no hospital, rodeado de enfermeiras e o Dr. Vinicius.

Ela apenas baixou a cabeça e apertou a mão dele.

— Helen, quem é Olívia? — ele questionou, passando os dedos na tatuagem.

— Sua filha.

— Tenho uma filha? — o olhar dele se iluminou — *Droga!* Como pude esquecer algo assim?

— Isso tem acontecido com frequência. Por isso você tem alguns truques na manga, ou melhor, no celular e na sua agenda. Infelizmente, não sei como faz isso. Sinto muito. — Helen notou o desapontamento dele.

— Me desculpe, pode me dizer como vim parar aqui?

— O médico já te contou antes, mas acho que não se lembra. Teve uma convulsão, bateu a cabeça e caiu desacordado na beira da piscina do nosso prédio.

— Talvez por isso minha mente esteja um pouco confusa. Não consigo decifrar se algumas coisas são reais ou ilusões. Por exemplo, sei que Samantha é minha irmã e me deve algumas explicações. Depois de mencionar minha filha, consigo identificá-la nas minhas lembranças. Tenho certeza do que você significa para mim, mas há uma coisa que não está se encaixando direito. Fomos noivos, ok. Ficamos separados por algum motivo que não me recordo agora, ok. Você mencionou que nos reencontramos a pouco mais de um mês, ok. Você é minha namorada outra vez?

— Digamos que sim. Ainda não encontramos um termo para a nossa relação.

— Como não achamos um termo para nossa relação? Não me recordo dos argumentos que usei para justificar essa idiotice — indagou, visivelmente

decepcionado.

— Apenas não queria assustar as pessoas com um relacionamento repentino. E você queria achar a moça — ela riu sem humor — No caso, eu mesma.

— Por um momento, achei que éramos casados — colocou a cabeça entre as mãos — Me sinto tão cansado... As coisas parecem não fazer sentido na minha cabeça. Tem alguma foto da minha filha? — quis saber. Acariciava sua tatuagem novamente, nitidamente abalado pela falta de memória — Gostaria de ver se ela é exatamente como nas minhas lembranças.

Helen retirou o celular dele de dentro de sua bolsa, o porteiro havia entregado a ela, e mostrou-lhe a foto da garotinha.

— Nossa, ela é realmente linda como na minha cabeça. Me fale sobre a Samantha. Como ela é?

— É sua meia-irmã. O procurou quando seu pai esteve doente. Vocês moram no mesmo prédio que eu.

— Ok. Sim, sei que ela é minha irmã. Perdi muita coisa e estou tentando absorver tudo, porém tem outra coisa que até agora não se encaixou. Onde você entra? Por que não nos casamos? Me lembro de pedi-la em casamento. Depois, não sei mais. Só que você é muito importante para a minha vida. É impossível lutar contra essa força que nos atrai feito ímã. E, por ter essa sensação, sei também que está me escondendo alguma coisa importante.

— É bem complicado. Como expliquei antes, há sete anos você sofreu um acidente de carro bateu a cabeça e...

— Pelo amor de Deus, eu tenho tendência a bater a cabeça?

— Talvez sim — ela forçou um sorriso— Continuando, você ficou em coma e perdeu a memória. Não lembrava absolutamente nada de sua vida anterior. Estava sobre os cuidados da sua irmã que, igual a você, não... — hesitou, pois, essa era uma conversa que a própria Samantha deveria ter com o irmão — Não sabia sobre sua vida. Ou não quis saber. Algo do tipo. Resumindo, você viveu sete anos longe dessa cidade e voltou há mais ou menos dois meses. Você não lembrava absolutamente nada sobre o que houve entre nós.

— Esqueci a melhor parte da minha vida? Você está de brincadeira! — exclamou, irritado. *Talvez seja mesmo uma piada*, ele pensou, mas pelo olhar sério de Helen, sabia que era a verdade — Me desculpe, morena. Ou melhor, ruivinha. Imagino que você tenha sofrido com isso. E como acabamos "namorando"?

— Você se sentiu atraído por mim. Eu não consegui evitar e fiquei perto demais. Sei que tem muitas perguntas, Matheus, e vou respondê-las assim que possível, mas descanse um pouco. Não vou sair daqui, não vou a lugar algum. Já passei tempo demais sem você!

Ele a aconchegou em seus braços. Precisava dela em sua vida. Como conseguiu passar tanto tempo longe? Imaginar uma sua vida sem Helen é praticamente impossível. De alguma forma, ela conquistara seu coração duas vezes. Sua respiração foi ficando ritmada, a dor estava passando. A maciez da pele dela em contato com a sua, o sorriso dela. Tudo fazia com que ele se sentisse bem novamente.

— Senti saudades, ruivinha — sussurrou no ouvido dela — Amo você. Sempre foi você.

Fechou os olhos, acariciou os cabelos dela e beijou-lhe as pontas dos dedos. Ela tinha adormecido. Foi estranho saber que esteve ausente da própria vida por tanto tempo e que teve uma vida sem Helen. A observou dormir, o que fazia seu coração se aquecer.

No momento, a única certeza que ele tinha era que ela lhe pertencia.

Capítulo 21

Samantha não dormiu, preocupada com o que viria pela manhã. Não queria contar à pequena Olívia que seu pai não se lembrava dela. Seria uma tarefa extremamente difícil. Nunca tinha acontecido daquela forma. Os apagões estavam mais frequentes nos últimos dias, mas sempre voltava antes que a filha pudesse perceber.

Ligou para Helen. O celular chamou até cair na caixa postal. Sabia que a cunhada tinha todos os motivos para estar furiosa, só que precisava saber se Matheus estava bem depois da segunda convulsão. Poderia tentar falar com o médico, mas desistiu assim que se lembrou da ceninha que tinha feito no auge do desespero.

Sentiu vergonha. Ele tinha que ser o "Dr. Perfeitinho"? Cara idiota com síndrome de príncipe encantado e, infelizmente para ela, o médico a tinha deixado perturbada, incomodada.

Percebeu que não sabia nada sobre ele e a curiosidade falou mais alto. Digitou seu nome no *Google* e ficou pasma com a quantidade de informações que encontrou. Diversos artigos científicos publicados. Recentemente, estava desenvolvendo, com um dos médicos mais renomados do país, pesquisas com células-tronco em doenças neuro degenerativas. O cara era o cavaleiro da armadura brilhante. Um jovem prodígio da medicina, e só tinha trinta anos.

Teria que encontrá-lo antes que o plantão acabasse. Precisava que Dr. Vinicius esclarecesse algumas dúvidas. Contaria sobre os apagões do irmão, com certeza ele teria as respostas certas.

Juntou as coisas de Matheus que julgava importantes: a agenda e sua caixa de fotos. Provavelmente, os itens o ajudariam a lembrar. Pelo menos tinha uma babá para ajudá-la com a sobrinha, o que a deixava mais tranquila.

A caminho do hospital, Samantha tentava pensar racionalmente. Já

cometeu muitos erros em sua vida. Passava da hora de começar a consertar alguns deles. Há tempos, tinha parado de agir como uma adolescente boba, mas a possibilidade da solidão a deixava sem chão.

Não desmoronava facilmente, porém aquela cidade, com todas aquelas consequências das suas próprias escolhas, a deixava com os nervos à flor da pele.

Encontrou "Dr. Perfeitinho" saindo da ala de internação, dando ordens às enfermeiras, que agiam como se fossem vassalas dele. Vinicius a viu e exibiu um belo sorriso, mostrando as covinhas na bochecha. Sam teve a sensação de que era um sorvete derretendo no calor do verão. *Droga!* Acreditaria em qualquer bobagem que saísse daquela linda boca.

Controle-se Samantha, você está aqui pelo seu irmão! Sua consciência, agora, tinha resolvido dar o ar da graça.

Ela riu de volta e acenou para ele.

— Olá. Tudo bem, Samantha? Está mais calma? Ontem você parecia estar fora de si, por isso me senti na obrigação de intervir. A propósito, não fomos apresentados da maneira correta. Podemos começar de novo?

Ela assentiu, mesmo encabulada.

— Sou o Dr. Vinicius Pantoja, o neurologista que está cuidando do seu irmão.

Pela forma seca como se apresentou, Samantha percebeu que ele já sabia quem ela era e o que havia feito.

— Samantha Lopes.

Ela o seguiu até o consultório.

— Bem, Samantha, como eu disse a Matheus e Helen, seu irmão vai fazer mais alguns exames e ficará em observação por mais um dia. Quando tiver alta, o ideal é que continuem a rotina normalmente. Seu irmão se encontra em um estado de confusão mental devido aos últimos acontecimentos. Então, é comum que ele não reconheça algumas pessoas agora. Ele teve algum sintoma ou algo que poderia indicar que as coisas não estavam bem nas últimas semanas? — o médico explicava a situação de forma clara e sucinta.

— Doutor, meu irmão teve apagões nas últimas semanas. Acordava sem saber onde estava, quem eu era. Depois do acidente, ele ficou com dificuldades de concentração, mas agora isso tem piorado bastante. Ele esquece as coisas com mais frequência que o normal. Fiquei muito preocupada. Inclusive, marquei uma consulta com o médico dele. Será na próxima semana.

O médico travava uma guerra interna para agir profissionalmente. Afinal, ela era a irmã do seu paciente. E Fernando afirmou veemente que ela era uma serpente venenosa. Tinha a carta e o fato de que havia separado Matheus de Helen. Nada estava a favor dela. Sabia muito bem o quanto todos aqueles anos foram difíceis para a amiga.

— No caso de Matheus, especificamente, os sintomas podem estar associados à mudança de cidade. Pode ter sido a nova rotina ou talvez ele tenha forçado bastante em busca das lembranças perdidas. São muitos os fatores que podem ter contribuído para isso. Terei que fazer um acompanhamento para saber a causa exata.

— Existe alguma possibilidade de essa perda de memória ser permanente? De ele nunca se lembrar de mim ou da sua filha? - O medo estampado no rosto dela era visível.

— Samantha, sinto muito, mas não posso afirmar se é permanente ou não. Será necessário fazer mais exames para termos certeza.

— Trouxe as anotações dele e algumas fotos. Vamos ver se ele consegue se lembrar de alguma coisa. Tudo bem?

— Sim, não vejo problemas. Não se preocupe, ele ficará bem. Dependendo dos resultados dos exames, amanhã mesmo ele já terá alta. Na verdade, ele nunca esteve melhor. Não imaginei falar isso um dia, mas estou feliz que ele tenha voltado.

— Então, também o conhecia? — Samantha deveria ter adivinhado, mas pensou que ele era apenas colega de trabalho de Helen.

— Claro, éramos amigos. Confesso que sempre achei que ele fosse voltar um dia para que eu pudesse ter a oportunidade de lhe dar uns bons socos — o médico riu com a lembrança —, mas no fundo, sempre pensei que havia uma explicação lógica por trás de toda aquela confusão depois que ele partiu. Porque todos nós sabíamos que Matheus jamais deixaria Helen, ainda

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mais da maneira repentina que tudo aconteceu!

Ela notou a admiração na voz dele. O irmão, de fato, tivera bons amigos ali. Se tocou do quão desprezível tinha sido. Aquelas pessoas tinham o direito de odiá-la, não podia culpá-las.

— Eles são incríveis juntos, não é mesmo? - Sam diz por fim - Sabe, ao longo desses anos todos, eu me arrependi das coisas idiotas que fiz. Sempre tive medo da solidão, e sem meu pai era exatamente isso que me aguardava. Não justifica nada. Eu sei que fiz tudo do jeito errado.

Vinicius viu os olhos dela brilharem com as lágrimas não derramadas.

Sério que aquela era uma cobra peçonhenta?

— Eu não sou a melhor pessoa para você dizer isso, Samantha. Existem rumores pelos corredores desse hospital de que eu não tenho coração. Não sou o mocinho bonzinho que sai perdendo todo mundo, nem acredito que o que você fez seja uma coisa perdoável. Não foi muito inteligente da sua parte esconder o passado do seu irmão!

O homem adotou um tom sério e a sua voz altiva fez com que ela afundasse na cadeira.

Bem feito. Quem mandou ser idiota, Samantha?!

— Como eles eram antes? Eu vi as fotos que Matheus guardava. Os sentimentos deles eram como a gente pode ver nas imagens?

De fato, estava curiosa. Mas pelo amor de Deus, aquele cara era um enigma e um convite à perdição. Uma hora ele era um príncipe galante, na outra, era um amigo dedicado e leal. Queria arrumar motivos para ficar mais tempo ali.

— Infelizmente, essa conversa deve ficar para outra hora. Estou de saída e preciso descansar. Tive uma noite cheia, se é que me entende. Tenho que voltar ao hospital daqui apouco — Samantha não conseguiu esconder seu despondimento, ele a tinha dispensado.

O casal dormia quando Samantha entrou no quarto. Ela parou e observou por alguns minutos a cena a sua frente. As lágrimas ameaçaram cair. Eles pareciam tão perfeitos juntos. Era uma coisa que emanava deles, o braço protetor do irmão em volta de Helen e a expressão de pura

tranquilidade em seus rostos, mesmo dormindo, confirmavam que eles estavam no lugar onde sempre deveriam ter estado: ao lado um do outro.

Merda! Era o pior ser da face da terra!

Claro que, naquela época, se convenceu de que tudo o que havia feito fora em nome da família que queria ter. Principalmente por causa da dor e do desespero que sentiu quando se viu sozinha em meio a toda aquela bagunça. Matheus foi sua chance. Havia sido egoísta? Claro!

Pelo impacto causado nele após apresentar-se como sua irmã, ela imaginou que a abandonaria no momento em que voltasse a lembrar do ocorrido. Solidão e abandono foi tudo que temeu durante sua vida, especialmente após a morte de sua mãe.

Só agora entendia a dimensão do problema que se metera. Nunca se atentara para o fato de que atitudes erradas sempre vêm com um preço que, às vezes, como no caso dela, poderia ser alto demais.

Sem falar que existia uma pessoa inocente no meio disso tudo: Olívia. Tentava reunir forças para contar o que havia acontecido a Matheus. Machucar aquela criança tão inocente seria uma árdua tarefa. Tudo por conto dos erros de uma tia desesperada. Isso nunca esteve em seus planos.

Ninguém a perdoaria. Tatiana seria capaz de esfolá-la com as próprias mãos. Era possível que não voltasse a ver os misteriosos olhos de Fernando tentando decifrá-la, e com certeza não teria a mínima chance de Vinicius acreditar nela e em suas boas intenções.

O fato é que estava sozinha e perdida, sem poder culpar ninguém além de si mesma pela sua dor. Apesar de todos os seus esforços, acabaria como sempre temeu: esquecida e abandonada em um canto escuro.

Sentou-se na poltrona ao lado da cama, onde o casal dormia serenamente, e deixou que as lágrimas viessem sem se importar, a dor era dilacerante.

O que você fez da sua vida, Samantha?

— Oi, o que aconteceu? — Helen disse, ainda sonolenta. Não se lembrava dos últimos acontecimentos.

— Apenas consequências das minhas péssimas escolhas — confessou.

— Nossa! — Helen recordou-se da noite intensa que tiveram — Tudo

isso foi mesmo real? Por um momento, achei que tinha sido um sonho ruim.

Samantha, agora, tentava controlar o choro.

— Eu sei que não mereço seu perdão, Helen, muito menos o dele — enxugou as lágrimas — Agora, mais do que nunca, Matheus vai precisar de você. Por favor, o ajude a lembrar da filha. Sabe a importância daquele pingô de gente em nossas vidas. Trouxe algumas coisas que talvez o faça lembrar — ela falou, retirando a agenda e a caixa com as fotos de dentro de uma bolsa.

— Você acha que eu seria tão egoísta a ponto de não o ajudar a recordar da própria filha? — Helen acusou.

— Me desculpe se a fiz pensar dessa maneira. Não precisa me punir. Estou sofrendo muito com tudo isso. Claro que não espero que vocês me entendam. Por favor, não conte a ele agora, espere um pouco mais.

— Com qual objetivo esperaria um pouco mais, Sam? — a voz rouca de Matheus interrompeu as súplicas da irmã.

— Mas eu pensei que... — Samantha não conseguia acreditar. Ele sabia quem ela era. As palavras não saíam por mais que tentasse pronunciá-las.

— Pensou o quê, Sam? Que não me lembraria de você? — ele ria da expressão no rosto da irmã — Lamento informar, mas me lembro muito bem de tudo aquilo que você fez. Fora as coisas que eu ainda desconheço. Pode ter certeza, *irmãzinha*, que você me deve muitas explicações.

Ela não sabia o que responder. Por um lado, estava feliz pelo irmão. Por outro, temia a reação dele quando descobrisse o que mais ela havia feito. Logo ele a odiaria. Tentou esconder as lágrimas que ainda teimavam em cair.

— Nossa, é tão ruim assim? — Ele percebeu a cara de assustada de Samantha. Helen, também, não parecia feliz com a presença da outra. A tensão entre elas era evidente.

— Fique tranquilo. Se concentre em sua recuperação. Quando tiver alta, conversaremos sobre tudo. Pode ser?

— Concordo com Samantha. Você precisa ficar bom logo. Depois, ela se explicará. Por enquanto, ficaremos aqui até que Vinicius o libere — Helen afirmou. Estava apreensiva e temia que a verdade pudesse interferir na recuperação dele.

— Sei que está escondendo algo muito sério, Sam. Conheço você e sua cara quando está mentindo para mim — ele acusou.

— Agora não, Matheus. Por favor — Samantha implorou — comece lendo suas anotações. Eu trouxe sua agenda e as fotografias que você guarda. De repente, elas podem esclarecer algumas dúvidas. Deixaremos a conversa para quando estiver em casa e recuperado.

— Acredito que essa opção é melhor do que ficarem discutindo. Pelo menos por hoje, seria melhor evitar certas emoções. Não é mesmo, Sam? — Helen a olhou de forma reprovadora.

Samantha suspirou aliviada. Tudo tinha acontecido rápido demais. Agora que ele tinha consciência de seus sentimentos por Helen, não acreditaria naquela história fajuta que tinha inventado.

— Tudo bem. Sei que as duas estão me escondendo alguma coisa. Sam, não me olhe assim. Sei decifrar cada gesto seu, não se esqueça disso. Quanto a você, Helen, espero que possa me dizer o motivo dessa troca de olhares — ele disse, gesticulando — Onde está minha filha?

— Você não a esqueceu? — Um sorriso iluminou o rosto dela por um momento.

— Não me lembrei de imediato, mas a Helen falou sobre ela. Vi as fotos e vídeos em meu celular. O que disse a ela de tudo isso?

— Agora, ela está na escola — explicou — Só contei que você estava doente e precisou dormir no hospital. Sinceramente, não sei o que dizer a ela.

— Eu quero vê-la — ele interrompeu a irmã.

— Acha que está preparado para vê-la?

— Sam, eu sei o que estou fazendo. Que droga! Está tudo tão bagunçado na minha cabeça. Tem certeza de que é minha irmã? — A mulher se assustou com as palavras dele. Nunca haviam chegado a esse nível e ela não sabia qual direção tomar. — Me diga uma coisa, como é a minha relação com Olívia?

— Você dedica muito do seu tempo a ela, quando não está trabalhando, e saem muito juntos. Matheus, sua filha é o ar que você respira. O seu medo de esquecê-la foi tão grande que você tatuou o nome dela em seu braço. Fotografa e escreve sobre ela todos os dias. São centenas de vídeos dela no

celular.

— Soa exatamente como achei que seria. Contaremos o que aconteceu a ela. E por favor, não estrague tudo dessa vez, Sam — Matheus pediu. Estava confuso, mas se lembrava o suficiente para saber que a irmã não havia sido a santinha que ele imaginara. - Eu preciso de um tempo para digerir tudo isso. Concordo com vocês. Acho que ler minhas anotações me deixaria atualizado quanto às mudanças recentes. Creio que não seria justo com uma criança envolvê-la em mais mentiras. No momento certo, iremos colocar em pratos limpos todas as lacunas que preciso preencher.

— Tudo bem, Matheus. Prometo fazer tudo exatamente como você quiser — a irmã disse, submissa.

— Acho bom mesmo! Por favor, me deixe a sós com Helen. Merecemos um pouco de privacidade — ele dá um meio sorriso para a namorada— Sam, nada pode me tirar da cabeça que você tem muita culpa nisso.

— Tudo bem. E o que eu faço sobre Olívia? Quando posso trazê-la?

— Vou ler as anotações. Assim que tiver clareza sobre algumas coisas, te aviso e você a traz aqui— ele sugeriu e Sam fez que sim com a cabeça.

Pouco depois, se despediram. Samantha saiu do quarto cabisbaixa. Quando fechou a porta, não conseguiu mais segurar o choro. Ao menos ele se lembrava dela e da filha, mas sabia sobre Helen e logo teria que encontrar uma maneira de contar tudo a ele. Não conseguiria continuar com aquela dor insuportável em seu peito.

O Matheus que conhecia havia sido moldado por ela. Suas certezas, seus gostos e seus medos. De certa forma, dependia totalmente dela. E o Matheus que estava naquele hospital era uma pessoa que ela não conhecia.

Agora, com tudo diferente, ela precisaria conhecê-lo novamente, e as pessoas capazes de ajudá-la queriam vê-la pelas costas. Ela daria um jeito. Não podia perdê-lo, nem a sobrinha. Eles eram sua família e nada mudaria isso.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 22

Quem era o homem que escreveu aquilo?

Matheus se perguntava desde que começara a ler as notas em seu celular e as anotações que a irmã trouxera. Não se recordava de ser a pessoa descrita ali. Seus planos, sua vida, tudo que lembrava era de ser um cara muito certinho, com metas traçadas e uma pitada de insegurança. Só que o cara que escreveu tudo aquilo era impulsivo, seguro de si. Aparentemente, tinham em comum a paixão pela profissão e o amor por Helen. Samantha foi o centro do seu mundo por um tempo, até a chegada de sua filha. As coisas mudaram com a presença de Olívia, e ele ganhou mais firmeza em suas decisões.

Como foi capaz de se envolver com uma mulher como Juliana, que só pensava em si mesma?

Talvez, inconscientemente, quisesse provar que não seria como seu próprio pai. Queria dar tudo aquilo que nunca havia recebido dele.

De todas as lembranças que tinha, a do abandono foi a única que não se apagou por completo. Tudo o que sofreu por não ter um pai. Aquele homem abandonou sua mãe com uma criança recém-nascida por um punhado de ouro e um rabo de saia. Os deixou na rua, literalmente, e se não fosse a bondade de algumas pessoas, talvez eles não tivessem sobrevivido. Sua mãe definhou até a morte, em cima de uma cama, por puro desgosto.

Quando ela faleceu, finalmente teve notícias concretas de que Tião, seu pai, havia se tornado um homem rico. Ele tentou entrar em contato com o filho, e foi aí que tomou a decisão de o apagar de sua vida. Juntou suas coisas e mudou-se para São Felipe. Prometeu a si mesmo que seria alguém na vida. Provaria para aquele trapo de gente que se dizia seu pai que não precisava dele. Sua vida mudou. Teve que ralar bastante, mas conseguiu alcançar seus objetivos. Apesar do sucesso, carregava em seus ombros um fardo pesado de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mágoas, tristezas e decepções.

Entretanto, a história contada pela irmã não fazia sentido algum. Aliás, nunca fizera. Segundo as próprias anotações, sempre soube que ela escondia algo muito importante dele. Analisando cuidadosamente, percebeu o quanto Samantha era parecida com seu pai. Talvez não devesse julgá-la sem conhecê-la, afinal, ela o acolheu no momento mais difícil de sua vida.

Matheus não podia ser hipócrita ou ingrato. Ela tratava sua filha como se fosse dela. Os vídeos denunciavam essa verdade, que era uma coisa bonita de se ver. Fora isso, ela se desdobrou para dar conta de tudo. Conseguiu os melhores médicos para cuidar dele e, por fim, tinha uma coisa que buscava há muito tempo: uma família unida e feliz.

Contudo, tinha uma aura obscura pairando sobre Sam que o intrigava há muito tempo, e toda essa confusão em sua cabeça acabou acendendo uma alerta para isso. A inquietação de Helen indicava que sabia de algo muito sério. Será que o que ela havia feito de bom poderia apagar as maldades que cometera?

As coisas estavam muito estranhas. As lembranças do dia anterior estavam envoltas em uma névoa escura. Quanto ao restante, não fazia sentido algum. Sentiu que estava se perdendo novamente.

Porém, se reconfortou ao saber que Helen continuava em sua vida, e que o vazio que sentia havia sido preenchido por quem nunca devia ter saído do seu lado.

As coisas que tinham vivido anos antes se misturavam aos acontecimentos dos últimos dias, e ele não conseguia desmembrar o que era real das próprias fantasias. Apenas algumas coisas apareciam claras em sua mente. O restante era incerto.

Como tocara sua vida com tantas mudanças drásticas acontecendo a cada momento?

Sua filha, uma princesa, extremamente ligada a ele.

Como faria aquilo dar certo?

A irmã, que parecia ter moldado sua vida e de uma forma quase imperceptível, o controlou por anos.

Tudo lhe pareceu tão absurdo. Fechou os olhos por um momento e foi

tomado por uma lembrança aleatória de Helen. Talvez nem fosse real, mas não estava em condições de lutar.

Sua mão traçava o desenho do sorriso estampado no rosto de Helen. Todo o seu corpo vibrava. O toque desencadeou uma corrente de emoções, seu coração batia descompassado e tudo que queria era tê-la mais um pouco ali aninhada ao seu peito.

A mão dela, agarrada à camiseta dele, liberava um calor que o fazia querer muito mais do que um abraço. Roçou a barba no rosto dela e sentiu seu cheiro adocicado. Levou a mão à nuca dela, deixando seus lábios se encontrarem em um beijo desesperado. Subitamente, Matheus soube que sempre havia sido ela. Um gatilho disparou em seu cérebro, deixando-o sem reação. Foi tomado por um medo incontrolável que o fez afastar-se dela assim que a porta do elevador se abriu. Uma estúpida ironia! Quando a chave entrou na fechadura, um pequeno apagão o deixou desorientado por segundos. Logo em seguida, recordava-se apenas das sensações de ter aquela linda mulher em seus braços.

Ela sempre estivera ali, nos recantos mais escuros de sua mente. Não saber o motivo de terem rompido anos antes o deixava inquieto.

Como teria sido a vida dela sem ele?

Segundo as notas em seu celular, ela usava o anel de noivado. Ele sorriu com a lembrança. Sempre fora o dono do coração dela.

Mas ela havia mudado e não apenas na aparência. Apesar de parecer ser a mesma mulher meiga e doce por quem se apaixonara anos atrás, a sua garota não tinha mais aquele brilho próprio.

— Por que está tão pensativo, querido? — Helen perguntou ao entrar no quarto.

— Por nada. Me sinto estranho, só isso. Por favor, ligue para Samantha e peça para ela trazer Olívia. Estou pronto para vê-la. Não quero mais adiar nada em minha vida.

— Tudo bem. Só para esclarecer, vai ser difícil administrar essa situação, mas quero deixar claro que não vou sair do seu lado até ter certeza de que tudo está realmente bem.

— Não esperaria menos de você. Porém, imagino que deva ter uma

vida além de mim. É serio, não quero te atrapalhar — disse de maneira cautelosa — Só que te ter por perto é tão maravilhoso, que não vou protestar se quiser ficar.

Helen não resistiu e deu uma risada. Estava tão feliz em tê-lo ali, ao seu lado, que todo o resto podia ficar para depois. Aproximou-se dele e o beijou nos lábios. Foi um beijo casto, apenas um selinho, mas que mostrava que ela não queria ir a lugar algum. Deixou que a ação falasse mais alto do que qualquer palavra.

— Obrigado por estar aqui — ele disse com a testa encostada na dela —, mesmo depois de todos esses contratempos. Segundo esse diário, me tornei um metrossexual, extremamente seguro de mim. Você foi a mulher perturbadora que me tirou da zona de conforto, levantou questionamentos e plantou a semente da dúvida em mim. Aconteça o que acontecer, você continuará sendo a luz da minha vida. Eu te amo por todas essas coisas — Matheus declarou. A puxou para mais perto, fazendo com que ela se sentasse ao seu lado. Aproveitou a proximidade e a beijou novamente. Usou o beijo para mostrar todos os sentimentos que não conseguia expressar com palavras.

Fernando havia voltado ao hospital para dar alta ao seu paciente. Por acaso, encontrou Samantha e Olívia na recepção. Cumprimentou a cunhada de Helen friamente e virou-se para a menina.

— Oi, princesa, tudo bem? — ele disse, afagando os cabelos dela.

— Claro. Olha, eu não estou doente, viu? A tia Sam me trouxe para eu ver o papai. Você o viu? Sabe onde ele dormiu? Ele tá doente?

— Nossa, quantas perguntas. Não vi seu pai, mas sei onde ele "dormiu". Não acho que ele esteja doente. Na verdade, ele nunca esteve tão bem como agora. Sua tia Sam não te disse?

A mulher o lançou um olhar confuso, que ele ignorou. Com certeza, ele não iria falar nada comprometedor para uma criança, mas foi bom ver Samantha com a guarda baixa.

Não podia negar que ela continuava linda, apesar de ser uma falsa e fingida. Se não soubesse do que ela foi capaz de fazer com o irmão, provavelmente a abraçaria naquele momento. Ela parecia arrasada e digna de pena. Só que merecia tudo aquilo por ter sido tão mesquinha e mimada.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Fernando, você me leva até o meu pai? A tia Sam não tá muito legal hoje.

— Bem, se ela concordar, Olivia, eu a levarei. Tudo bem pra você, Samantha?

Ela apenas sacudiu a cabeça concordando. Ele podia perceber que estava fragilizada com todos os acontecimentos. E, antes de levar Olívia para ver o pai, pediu à menina alguns minutinhos a sós com a tia. A menina se sentou no sofá da sala de espera e, rapidamente, foi hipnotizada pela televisão.

— Antes de você me acusar de alguma coisa, peço que você não coloque minha sobrinha contra mim. Sei de todos os meus erros. E, se quiser, me xingue à vontade. Só não a coloque no meio das coisas. Você não acha suficiente Matheus estar tão confuso? Ontem ele não se lembrou de mim. Ele nunca me perdoará por tudo que fiz. Não complique ainda mais a minha vida!

— Ei, fique calma — ele disse, erguendo as mãos na defensiva — O que você pensa que sou? Alguma espécie de juiz? Embora tenha vontade de te falar muitas verdades, saber mais detalhes sobre o que a fez escrever aquela maldita carta, acho que esse não é o momento. Só queria saber como você e a menina estão. Além disso, vim te pedir para medir suas palavras quando estiver falando com os dois lá dentro. Eles já passaram por muitas coisas. — O corpo dela enrijeceu com as palavras.

— Desculpe, mas estou bem. Tenho consciência das burrices que fiz, e se houvesse um jeito, acredite, concertaria tudo isso. Sei que você gosta de Helen e tenta protegê-la de tudo. Percebi isso no jantar de sábado. O vi procurando indícios de mentiras na história de Matheus e vi seu incômodo quando eles não voltaram logo quando foram ao quarto com Olivia. Não se preocupe, não pretendo me intrometer na vida dela e do meu irmão. A partir de agora, deixarei as coisas acontecerem naturalmente. Quanto à carta, não tenho uma explicação plausível. Me desculpe, fui uma idiota mesquinha.

— Que bom que tem consciência das burradas que fez. Tentei, sim, proteger Helen. Apesar disso, ainda permiti que ela confiasse em alguém como você. Espero mesmo que deixe tudo acontecer naturalmente, Sam — afirmou, segurando o braço dela e forçando-a a encará-lo — Não tente apressar as coisas, deixe que a vida siga seu curso. Suas tentativas só

acabaram mal. Sei que está sofrendo com tudo isso e que não é o monstro que todos pensam, mas nem por isso vou aliviar sua barra.

— Concordo contigo sobre as minhas tentativas. No fundo, eu e você somos iguais. Com a diferença que eu só faço besteira em nome do amor, enquanto você, pelo que já percebi, faz as coisas certas em nome do que sente por Helen. Admiro sua coragem.

— Que fique claro que não vou tolerar uma nova tentativa de prejudicar Helen. E se precisar de alguma coisa, pode me procurar.

Samantha concordou em silêncio. Fernando se responsabilizou pela garota e conseguiu que a deixassem entrar na ala de internação. Eles chegaram ao quarto, ele deu duas batidas na porta, esperou um pouco e girou a maçaneta.

— Papai — a menina exclamou, soltando a mão de Fernando e correndo para os braços do homem deitado na cama — A tia Sam me disse que estava doente.

Fernando e Helen notaram o olhar confuso de Matheus para a garota. Então, ele a abraçou forte, como se de repente ela fosse desaparecer. O gesto foi carregado de emoções.

— Minha querida, minha princesinha. Papai estava com tanta saudade de você. Tive tanto medo de te esquecer.

No momento em que ele viu a menina, foi como se nada houvesse acontecido. Era a sua filha, sua menininha. Como poderia esquecê-la? Havia pedido tanto para que ela não fosse apagada de suas memórias, e suas preces tinham sido atendidas.

Capítulo 23

Tatiana e Helen almoçavam no refeitório do hospital quando Vinicius e Fernando as encontraram.

— Hoje é o dia dos grandes encontros, não me lembro de ter convidado vocês para almoçarem conosco — Tatiana comentou, revirando os olhos.

— Desde quando eu e Fernando precisamos de convites para almoçar no refeitório do hospital? E então, garotas, como vocês passaram os últimos dias? Sei que minha irmã tem andado muito ocupada com o novo integrante da família. Me diga qual é a sensação de saber que tem uma vida sendo gerada dentro de você?

— Nem queira saber, Vini. Nunca pensei que ser mãe daria tanto trabalho, a começar pela sensação de que tenho uma criação de borboletas morando, por tempo indeterminado, no meu estômago. Mas eu aguento! Estou como deveria estar: feliz, apesar dos contratempos.

— Cunhadinha do meu coração — Fernando sentou-se ao lado de Tatiana, passando a mão em sua barriga arredondada —, não vejo a hora de ver a cara desse meu sobrinho. Aposto que ele vai ser corintiano como o tio.

— Negativo, Fernando. Ele será flamenguista como a tia. Nem venha colocar minhocas na cabecinha do meu sobrinho — Helen alfinetou.

— Fala sério, deixem meu pimpolho escolher por qual time idiota vai torcer.

— Apesar de ter certeza de que ele torcerá pelo Corinthians, como o Fernando disse, me recuso a entrar nessa discussão besta. E então, dona Helen, você tem notícias do meu paciente? Depois de um mês o acompanhando, tenho a impressão de que você é a única que sabe o que realmente acontece com ele.

— Foi um mês difícil, confesso. Mas acho que ele está indo bem, ainda

um pouco confuso sobre as lacunas não preenchidas. Pelo menos, muitas coisas estão voltando aos poucos. É estranho porque agora ele é uma mistura do cara que eu me apaixonei há dez anos e esse outro impulsivo que me deixa, literalmente, sem ar — revela, se abanando com o cardápio da mesa e arranca risos dos amigos — Confesso que estou até com pena de Samantha. Matheus a está deixando doida com tantas perguntas que ela não consegue responder.

— Fala sério que você sentiu pena daquela vadia nojenta? — Tatiana falou, exaltada — Ela merece arder no mármore do inferno!

— Que violência, cunhada! A moça bem que merece uma segunda chance. Ela fez tudo em nome da família. — Fernando ironizou, imitando a voz de Samantha.

— Que cobrinha venenosa essa nova coleguinha de vocês — Vinicius atiçou — E eu aqui, doido para ser envenenado por ela. Bem que ela merece uma lição pelas coisas que fez com a minha amiga — sugeriu — O que ela fez terá troco. Contem com isso, ou não me chamo Vinicius Pantoja. Deixe comigo, Tati, que essa parte do *"arder no mármore do inferno"* me encarrego sozinho.

— Parem com isso, pelo amor de Deus. Por mais que eu queira que ela pague por tudo que fez, acho melhor deixarmos isso por conta do destino. Afinal, acredito na lei do “aqui se faz, aqui se paga”. O que é dela está guardado — argumentou. Acreditava piamente no que estava dizendo. Já havia passado pela fase da raiva. No momento, estava na da indiferença. — Além disso, ela já está sofrendo o bastante. Só a distância que temos mantido dela já é o suficiente para que comece a pagar pelos pecados. Ela estava acostumada a viver rodeada de pessoas. Recebia atenção da mesma forma que dava. Atualmente, está restrita a visitar Olivia duas vezes por semana ou quando precisamos dela — Helen explicou.

Não discordava de que aquilo que a cunhada fizera era errado. E estava difícil de perdoar. Seria ainda mais difícil se não fosse grata por tudo que fizera por Matheus e Olívia. Não teria sido necessário caso ela não tivesse feito suas armações. Entendia seus motivos, mas discordava do modo como havia lidado com tudo. Ela foi manipuladora e egoísta. Em momento algum pensou nos outros.

Passou. Helen não estava disposta a perder o sono por causa de Samantha. Cultivar ódio limitava o espaço que tinha para o amor. Não queria mais pensar naquilo.

Contou para os amigos o que pensava sobre ela e a situação. Disse que, apesar do que fizera de ruim, tentou se redimir oferecendo ao irmão o melhor tratamento possível. Isso era verdade. Ela o havia levado aos melhores especialistas do país. Não poupou esforços, nem gastos, no tratamento de Matheus. Com Olívia era a mesma coisa. Cuidava dela como se fosse sua própria filha.

— É pura mentira essa parte de Matheus ter sido tratado pelos melhores médicos do país — Vinicius interrompeu — Eu não me lembro de vê-lo uma única vez no meu consultório antes do acidente que aconteceu há um mês. — Todos riram. Vinicius e seu bom humor descontraíram o tom da conversa.

— Você se acha mesmo, né? O cara publica meia dúzia de artigos científicos, faz parte de uma pesquisa besta sobre doenças neuro-sei-lá-de-que com um dos melhores especialistas do país e já pensa que é o príncipe do pedaço — ridicularizou. Depois, apontou o dedo para Tatiana e depois para o irmão dela — Eu falei sério quando disse que não quero ninguém fazendo nada contra a minha *santa cunhada*. Espero que me entendam e respeitem minha decisão.

— Por mim, nada será feito à *santinha do pau oco* — Fernando disse em apoio à ex-mulher — Só que se depender desses dois, a Samantha ainda vai sofrer um bocado.

— Aquela mulherzinha besta não vai se livrar de mim tão fácil. Ninguém pode com uma mulher grávida, neurótica e furiosa.

— No que depender de mim aquela esquentadinha venenosa vai ter o que merece. Isso se eu sobreviver ao envenenamento — Vinicius disse, exibindo um sorriso sarcástico e pegando seu jaleco — A conversa ficou muito interessante, só que o neurologista mais requisitado desse país está se retirando. Uma fila quilométrica de pacientes me aguarda na recepção.

— E eu posso não ser a melhor do país como meu irmão lindão — ela disse, levantando-se e agarrando o braço de Vinicius —, mas nada me impede de ser a enfermeira bambambã desse hospital. Tenho a tarde cheia. Todas as mulheres dessa cidade resolveram ter bebê hoje. Vocês dois, como

têm vida mansa, fiquem aí curtindo a cor ridícula do refeitório. Cunhadinho, seu consultório não está funcionando, não é? Tirou férias permanentes, foi?

— Pare de ser invejosa, Tatiana. Sei que, lá no fundo, você queria seu eu. Vá trabalhar e cuide bem do meu sobrinho!

Após mais algumas alfinetadas e piadas, o casal de irmãos se retirou, deixando Helen e Fernando a sós. Ela estava embasbacada com as declarações deles. Não sabia o que fazer com os dois. Eles nem deram chance para que ela contestasse o que haviam sugerido.

Sua vida tinha sofrido uma reviravolta. Ela e Matheus estavam tentando dar continuidade ao namoro esquisito que haviam começado. Tudo corria naturalmente, exceto por ele dar indícios de não lembrar sobre o seu casamento com Fernando. Durante o último mês, apresentou pequenas crises de ciúmes da relação deles. Helen ficou apreensiva, mas não teve coragem de contar o que tinha se passado no período que ele esteve ausente da vida dela.

Passavam a maior parte do tempo livre juntos. Aos poucos, as coisas voltavam ao normal. Ele ainda não tinha voltado ao trabalho. Não estava preparado, nem tinha a cabeça necessária para tal.

— Você pode até enganar esses dois paspalhos — Fernando disse, a tirando de seus pensamentos —, mas a mim você não engana. Por que, de repente, virou a defensora da Sam?

Ela suspirou.

— Honestamente, não a estou defendendo. Só não acho necessário que se vinguem dela. Não quero gastar minha energia com isso. Tenho coisas melhores, e mais importantes, para me preocupar — explicou. Fernando a olhava, desconfiado — Não quero virar Matheus contra a irmã, apesar de tudo que ela fez. Após ter alta, ele leu e releu todas as anotações que tinha feito. Olhou as fotos e assistiu aos vídeos. Ela pode não ter feito as coisas da maneira certa, e como disse, não a perdoarei tão facilmente, mas não irei fazer nada contra ela. Ele, também, está reticente com a irmã. As coisas não são mais como eram. E ela sabe disso. Não sou júri nem juiz. Não posso julgar, nem condenar, uma pessoa. Além do mais, não quero perdê-lo novamente.

Helen não precisava se justificar, porém Fernando sempre esteve ao seu lado. Com certeza ele entenderia suas motivações.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Entendo você até certo ponto. Sei que a Samantha não é esse monstro que pintamos. Mas por que esse medo de perder o homem da sua vida agora? Sinceramente, não entendo. Ele te ama. Dá para perceber só de olhar a cara de bobo dele quando está perto de você.

— Fernando, não duvido do que ele sente por mim, não duvido que ele continue me amando. Só não posso esquecer o fato de que ele tem algo que sempre quis ter: uma família que o ama. Não posso ser egoísta, assim como ela foi. Sam construiu uma relação sólida com ele e Olívia, mesmo em cima de mentiras. Ele sabe que faltam coisas importantes nessa história. O nosso rompimento sem explicação, por exemplo. Ontem, fiquei preocupada com o teor da nossa conversa. Ele me pediu um tempo para digerir essa loucura e descobrir o que realmente aconteceu para que deixasse sua vida nessa cidade.

— Não se apegue a isso, querida. A Sam não é mais a garotinha idiota de antes. Não acho que ela seria capaz de nada contra vocês. Não uma segunda vez.

— Sei lá, Fernando. Como disse, não farei nada. Para o bem ou para o mal. Ela vem adiando a conversa desde que ele estava no hospital. Usava a recuperação do irmão como desculpa para postergar a revelação. Eu a coloquei contra a parede, e ela concordou em contar a verdade a ele hoje — Helen contou — Confesso que estou com medo de acontecer tudo de novo. Temos nossas diferenças, mas não vale a pena eu ficar nessa guerrinha idiota contra ela.

— Helen, não sei o que te falar. Espero, sinceramente, que ela tenha mudado. Mudando um pouco de assunto, você já contou a ele sobre nós, sobre o nosso casamento? — Fernando quis saber.

— Ainda não tive coragem. Depois da última crise de ciúmes dele, fiquei com medo de falar. Ele ficou com raiva porque viu você sair do meu apartamento. Não estou acostumada a isso — Helen disse. O relacionamento dela com o ex-marido era algo que a fazia bem. Fernando sempre fora um excelente amigo, e o divórcio não mudou isso — Você é meu amigo. Não acho que precise ficar explicando isso o tempo todo.

Helen via mais uma vez Matheus se distanciando dela. Só que dessa vez, estava consciente dos seus sentimentos. Queria entender, e até tentava, mas afastar-se dele sempre esteve fora de cogitação. Principalmente agora,

pois tinham a chance de consertar os erros do passado.

— Você já pensou que, talvez, ele precise mesmo desse tempo, Helen? Ele não falou em terminar contigo, ou falou?

— Já pensei mil coisas, Fernando. Ele não falou em terminar.

— Querida, então por que se martirizar por isso? Fique calma, tudo se encaixará perfeitamente. Vamos lá! Coloque aquele sorriso lindo e vamos cuidar na vida porque o tempo urge.

Ela sorriu. Aquele homem sempre foi capaz de qualquer coisa por ela. Apesar de tudo, a amava sem cobrar nada. Sentia isso a cada vez que ele tentava protegê-la. Infelizmente, nunca foi capaz de retribuir o amor dele da forma que merecia. Tudo que tinha a lhe oferecer era amizade. Matheus era quem seu coração havia escolhido.

Fernando levantou-se, sentou-se na cadeira ao lado dela e a abraçou. O calor dos braços dele aliviou a dor dela. Era seu analgésico nessa jornada louca que se tornou a sua vida nos últimos anos. Ele beijou o topo da cabeça dela e passou a mão pelas madeixas ruivas.

Uma paz enorme tomou conta deles. Poderiam ficar abraçados eternamente.

— O que significa isso, Helen? — a voz furiosa de Matheus quebrou o momento de silêncio.

Afastaram-se instintivamente, como se tivessem feito algo repugnante. Fernando levantou-se em um pulo e pegou seu jaleco em cima da mesa.

— Desculpe, Matheus. Não é nada do que está pensando — Fernando os defendeu.

— Por que estava agarrando minha mulher, Fernando? — Ele tinha um olhar descontrolado.

— Acalme-se, Matheus, não precisa disso.

— Que diabos vocês acham que estão fazendo? Exijo uma explicação!
— Matheus disse, encarando Fernando de forma irada.

— Você está muito nervoso, Matheus. Acho melhor deixarmos essa conversa para depois — ele sugeriu.

Fernando virou-se e deu alguns passos em direção à porta. Porém, seu corpo foi arremessado contra a parede e sentiu um soco encaixar em seu
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

rosto. Tudo aconteceu tão rápido que não teve tempo de reagir.

— Que porra é essa, Matheus? Você, mais do que eu, deveria saber que Helen não é esse tipo de mulher. O que pensa que está fazendo? O que acha que aconteceu durante sua ausência? Que ela se trancou em uma torre a sua espera? — A ira invadiu Fernando e ele perdeu o controle da situação. Sem filtros, despejou tudo que estava entalado, apontando o dedo na cara de Matheus enquanto os seguranças do hospital o seguravam.

— Fernando, por favor, não faça algo que vá se arrepender depois. Se lembre da promessa que me fez. — Helen disse, tentando conter a raiva que via no olhar dele.

— Eu nunca vou quebrá-la, mas ele precisa saber quem ficou ao seu lado, Helen, depois da sacanagem que fizeram com você. Fui eu, Matheus! — Fernando bateu no peito e aproximou-se ainda mais do homem enfurecido a sua frente. Enfrentaria o mundo e quem mais ousasse ferir aquela mulher. — Eu que estive presente nas noites depois que você sumiu. Enxuguei cada lágrima. Fui eu quem correu para esse hospital com ela inconsciente quando ela se dopou de remédios tentando esquecer a dor insuportável que sentia. Então, não banque o macho alfa, porque esse papel não lhe cai bem. Se essa mulher me amasse como ama você, tenha certeza de que eu nunca duvidaria dela como está fazendo agora. No seu lugar, eu iria querer saber o motivo que nos separou e não acreditaria em qualquer baboseira que me vendessem.

Um soco, talvez, tivesse causado dores menores em Matheus. Chocado, encarava Fernando, tanto pela cena que causara no local de trabalho de Helen, como pelas revelações que acabara de ouvir. Aquilo não podia ser verdade. Olhou incrédulo para a mulher que agora havia se colocado entre os dois.

— É verdade isso, Helen? — perguntou com a voz trêmula — Esse cara está falando a verdade?

A pequena plateia que se formara, voltara-se para Helen em busca da resposta à pergunta feita.

— Sim. Esse cara como você diz, é meu ex-marido, meu melhor amigo e confidente. Sinto muito, mas esquecemos de assinar o contrato de exclusividade antes de você me abandonar à beira do altar — Helen falou sarcasticamente. A vontade que tinha era de esmurrar Matheus por toda

aquela cena idiota — Por favor, nos dê licença. Não temos mais nada para conversar. Venha, Fernando, vamos dar um jeito nesse seu nariz.

O ex-marido passou o braço ao redor dos ombros dela, numa vã tentativa de defendê-la dos olhares curiosos. Saíram do refeitório, deixando para trás um homem completamente perplexo com as revelações que acabara de ouvir.

Capítulo 24

Matheus assistiu a cena acontecer em câmera lenta, sentia como se estivesse fora de seu corpo. Não podia ser verdade! Ele saiu sem destino do hospital, havia ido até lá para se desculpar com Helen pela maneira como tinha se expressado. Precisava de um tempo, mas não queria ficar longe dela. Não do jeito que ela imaginou.

Os últimos dias não foram fáceis. Se deu conta de que, em meio a todo aquele caos, tinha uma família de verdade. Mesmo com a desconfiança crescente de que sua irmã tinha algo com o sumiço repentino dele anos antes, não conseguia ignorá-la por completo. Sabia que escondia coisas dele, apesar de ela não as ter exposto ainda. Aguardava, ansiosamente, pelo dia que conheceria a verdade nua e crua. Contudo, não iria forçar mais do que já estava fazendo. Algumas lembranças tinham voltado naturalmente como se nunca tivessem ido, enquanto outras se apagavam sem que ele percebesse.

Sabia que todos escondiam coisas dele e seria só uma questão de tempo para que pudesse descobrir o que era. Porém, ter algumas dessas verdades jogadas em sua cara, com uma plateia atenta, foi impactante e desagradável. Causou certa confusão em sua cabeça. De alguma maneira, sabia que, dessa vez, não surtaria. Estava mais forte, mais no controle de sua vida.

Caminhou sem direção pelas ruas da cidade. Ignorando todas as ligações de sua irmã, passou em frente ao restaurante onde se encontrou com Helen pela primeira vez. Quando percebeu, já estava na praia e a noite já caía. Sentou-se na areia com o olhar perdido na imensidão daquele rio. Viu ao longe as embarcações passarem lentamente e pôde ouvir a melodia que tocava ao longe.

Que o nosso amor pra sempre viva

Minha dádiva

Quero poder jurar que essa paixão jamais será

Palavras apenas

Foi o suficiente para que ele se sentisse ainda mais culpado. *Ela se casou*. Aquilo não saía de sua cabeça. Teve outro homem, que não foi ele, e havia tentado se matar!

Fernando poderia ter sido um cara repugnante, mas, por ironias do destino, era um homem admirável. Não se lembrava dele, mas os seus diários o mencionavam como uma espécie de protetor dela e nunca como seu ex-marido. Vê-lo ali, abraçando a mulher que amava, foi como um gatilho.

Não era hora para ficar sentindo pena de si mesmo. Era hora de reconquistar a mulher que sempre amou. Assim como ele, ela teve um passado que não o incluiu. A culpa não era dela. Era dele. Ele havia sumido. Ele havia perdido a memória. Ele havia mudado de cidade. Peças não se encaixavam no quebra-cabeça de sua vida. Precisava saber o porquê de tudo isso ter acontecido. Não se conformava com a ideia de tê-la deixado a alguns dias do casamento. Nada disso fazia sentido.

Quanto às burradas daquele dia, percebeu que a magoara mais do que imaginou. Havia duvidado de sua moral e fidelidade. Não queria que Helen pensasse que não confiava nela, mas vê-la nos braços de outro foi demais para ele. Principalmente em um momento de dúvidas e descobertas como aquele.

— Devia ter tatuado “idiota” na testa — disse, em voz alta, para si mesmo.

— Talvez devesse culpar outra pessoa por se sentir assim — escutou uma voz conhecida falar e virou-se para encarar a irmã.

— O que faz aqui, Samantha?

— Fiquei preocupada com você depois que soube do que aconteceu no hospital. Não sabia mais onde procurar. Imaginei que pudesse te encontrar aqui — ela confessou. Seu rosto exibia uma mistura de preocupação e ansiedade — Matheus, preciso falar com você. Acho que já adiei demais essa conversa.

— Agora não, Sam — a interrompeu. Estava chateado demais para ouvi-la.

— Não estou te dando opção. Você precisa me ouvir — enfatizou - Adianto que não espero compreensão, redenção, perdão ou qualquer coisa do tipo. Tive muito tempo para pensar em como desfazer, e não encontrei um jeito fácil de fazer isso, mas acredito que contar-lhe a verdade seria um bom começo. Além do mais, irá diminuir a culpa que sente agora. Sou responsável por toda essa confusão que está acontecendo em sua vida. A culpa é totalmente minha por você ter abandonado Helen nas vésperas do casamento.

— Do que você está falando, Sam?

— Sempre soube do relacionamento de vocês, da importância dela na sua vida. Não falei nada porque fui egoísta. Achei que precisava mais de você do que ela.

— Você está louca? — Matheus levantou-se para olhar nos olhos da irmã e percebeu que falava a verdade — O que fez, Samantha? Por quê?

— Matheus, eu era só uma garota idiota com muita raiva de um irmão que tinha aparecido do nada. Meu pai estava morrendo e queria ver você. Eu vim a essa maldita cidade determinada a te levar nem que fosse arrastado. — Matheus lançou lhe um olhar de desprezo e fez com que a irmã se sentisse uma pontada no peito. — E o que você fez? Estragou todos os meus planos, foi grosso comigo. — Ele estava imóvel, apenas ouvindo aquela história sem pé nem cabeça. Raiva, mágoa, tristeza. Inúmeros sentimentos tomavam conta dele. Era como se tivesse em uma experiência fora do corpo. As palavras dela tornaram-se distantes — Você sofreu um terrível acidente. Tudo havia se voltado contra mim. De repente me vi sozinha com esse enorme problema nas costas. Quando acordou do coma e não lembrava nada sobre sua vida, vi uma segunda chance. Queria consertar as coisas com você, afinal, era a única família que tinha me restado. Não queria ninguém atrapalhando nossa reaproximação e me julgando pelos meus atos. Sua noiva não sabia sobre mim porque você preferiu poupá-la do aborrecimento às vésperas do casamento. Decidi apagá-la da sua vida. Enviei uma carta sem sentido algum em seu nome a dispensando. Graças ao Fernando, ela nunca chegou a saber de mais essa idiotice minha. Inventei uma história bastante convincente, que deu muito certo, até mudarmos para essa cidade.

Estava difícil processar tudo que havia acabado de escutar.

— Não tinha esse direito! — exclamou. O ódio estampado no rosto

dele a fez estremecer. — Samantha, eu confiei em você por todos esses anos. Quem pensa que é para sair fazendo o que bem entender com a vida dos outros? Por isso Helen te olha daquele jeito? Ela descobriu tudo, não é mesmo?

— Sim, ela sabe — confessou — contei em meio ao desespero no hospital. Talvez, nunca me perdoem pelo que fiz. Por você, nós deixamos nossas diferenças de lado. Prometi a ela que te contaria a verdade o quanto antes. Até tentei falar, mas a conversa sempre acabava indo para outro rumo. E para ser sincera, temia sua reação. Não queria que me odiasse, nem que piorasse. Agi errado, sei disso, e não pense que passei todos esses anos me sentindo a melhor pessoa do mundo, porque não foi assim. Essa culpa me consome todos os dias. — Matheus não sabia o que dizer. Por um lado, queria gritar com a irmã. Por outro, queria sair correndo e procurar Helen. Sua vida era um caos. — Quando falou em voltar para cá, dois anos atrás, fui totalmente contra. Não sabia se *eu* conseguiria enfrentar os fantasmas do *seu* passado. Mas entenda que amo você. É a única família que me resta.

— Pare de repetir essa frase o tempo todo. Para de usar isso como desculpa para as suas atitudes estúpidas. Sei que sou sua única família, só que isso não te dá o direito de agir como agiu! Família é amor, apoio. Não posse! Entenda uma coisa, Samantha, Eu. Não. Sou. Seu — enunciou cada palavra para que ela pudesse ouvir com clareza.

Samantha se desfez em choro. Por mais que estivesse preparada para que o irmão não a compreendesse, não esperava tanta frieza dele. Após alguns minutos tentando conter as lágrimas, continuou:

— Quando sua doença começou a se agravar ano passado, conversei com o seu médico e contei o que realmente havia acontecido. Fui aconselhada a vir para cá com você. Talvez fosse hora de descobrir o seu passado. Foi uma decisão difícil — concluiu.

Matheus passou a mão nos cabelos e socou o ar. A raiva tomava conta dele. Não podia acreditar no que tinha ouvido. Sabia que a irmã escondia coisas dele. Não pensou que fosse dessa seriedade. Nunca poderia ter imaginado que ela fosse capaz de ser tão manipuladora.

Desde que saíra do hospital, e recuperado algumas partes de suas memórias, seu relacionamento com a irmã estivera abalado. Agora, estava

destruído.

Suspirou e falou pausadamente.

— Samantha, não se iluda em pensar que, só porque me contou a verdade, eu te perdorei. Você diz que suas ações foram em nome da família. Mentirosa — Matheus acusou — Tudo o que fez foi pensando em si mesma. Parabéns, *irmãzinha* — ironizou —, você acabou com tudo que construiu. Por sua causa, a mulher que eu amo tentou se matar.

A cada palavra de Matheus, Samantha chorava mais. Ela estava inconsolável; completamente tomada pelo sentimento de culpa e arrependimento. Quando, finalmente, se acalmou um pouco, conseguiu continuar a falar:

— Apesar de querer muito o seu perdão, sei que não o receberei. — Matheus apenas continuou olhando para ela. Estava com nojo da irmã. — Só contei tudo isso porque eu não queria que as coisas entre você e Helen ficassem melhores.

— Se você pensasse tanto assim em Helen e eu, nunca teria feito o que fez. — Na cabeça dele, não conseguia entender como uma pessoa podia ser tão egoísta a ponto de se usar da doença de uma pessoa para benefício próprio.

— Já ouvi suas acusações, Matheus. E pode ter certeza de que eu já me havia acusado das mesmas coisas. Sei que errei, sei que não deveria ter agido dessa maneira. Porém, não posso mudar o passado — Samantha estava quase gritando — Só posso mudar o futuro. Ou, pelo menos, tentar.

— Continue — ele deu permissão para que ela continuasse falando.

— Todos sabem que o que você tem com a Helen vai além do amor. Você e aquela garota nasceram um para o outro. Sei que não conseguirá seguir em frente se continuar se culpando por tê-la deixado, se não compreender o que aconteceu em sua vida nos últimos anos. Por isso estou aqui, te contando toda a verdade e te ajudando a seguir em frente com a sua vida.

Descobrir que a irmã era uma pessoa má — ou pelo menos havia sido —, não estava nos planos de Matheus. Foi um balde de água fria. Mas ela tinha razão. Ele precisava disso; precisava da verdade para seguir em frente. Seu passado foi bastante confuso, mas seu futuro era certo. Queria estar com

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Helen e sua filha. Elas eram a razão para a felicidade dele. Não deixaria um dia se passar sem que elas soubessem disso. Se ele tivesse sorte, Helen o aceitaria de volta. O perdoaria por todas as besteiras que fizera e permaneceria ao seu lado até o fim.

Precisava fazer alguma coisa. Passou as duas mãos pela cabeça, em um sinal evidente de frustração. Aquilo tudo o estava tirando do sério.

— Pare de andar de um lado para o outro como se não tivesse rumo na vida — Samantha ralhou, fazendo com que ele olhasse para ela de forma surpresa - Soube do que aconteceu no hospital. Desculpe, não percebi que você tinha perdido isso em meio às loucuras do último mês.

— Não perdi, apenas, a informação. É quase possível que eu tenha perdido Helen. Por sua culpa novamente.

— Não. Dessa vez a culpa não foi minha — Samantha se defendeu — Você não deveria ter batido em Fernando. Ele só quer protegê-la. Pelo que soube, você se descontrolou ao vê-los juntos.

— Claro que me descontrolei. Odeio ver minha mulher nos braços de outro homem. Me mostre um que goste!

— Aquele homem a ama, Matheus, e você precisa conviver com disso. Para tristeza de Fernando, ele nunca a teve por inteiro, por sua causa. Ela sempre te quis, mesmo casada com ele. Só que hoje, você deu motivos para que ela desse mais uma chance a ele.

— Cale a boca, Sam. Não suporto mais ouvir a sua voz. Depois da merda que fez, você vem me dizer que nós nascemos um para o outro e apontar o dedo na minha cara e criticar minhas atitudes. E, para piorar, ainda tenta me dizer que a minha mulher vai voltar para o ex-marido. Você não cansa de me machucar? É esse seu objetivo de vida, me ferrar? — esbravejou. Continuava a andar em círculos, como se fosse um leão enjaulado.

— Ela não é sua mulher — Samantha gritou — E nem vai ser enquanto ficar aí parado e com raiva do universo. Você não estava aqui, por isso ela se casou com outro e teve uma vida na qual você não fazia parte. Não seja hipócrita. Você também teve uma vida. Inclusive, teve uma filha com outra mulher.

— Eu sei disso. Não quero seus conselhos de meia tigela. Depois de

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tudo que fez, agora vem munida de boas intenções. Chega a ser ridículo, Samantha. Tem noção do que fez com a minha vida? Você a destruiu. Me tirou o que mais amava — disse as palavras a centímetros da irmã. A olhava nos olhos. Os dele era cheios de raiva. Os dela, de receio.

Ela baixou o olhar, não conseguindo encará-lo por mais tempo. Sentia-se envergonhada.

— Eu sei o que tirei de você. Pensa que não sofro por isso? Sabe quantas vezes eu quis contar? — Sussurrou enquanto novas lágrimas escorriam por suas bochechas — É impossível mudar o passado, mas quero que você e Helen fiquem bem. Vá até ela e resolva a besteira que fez hoje.

De repente, todas as lembranças dos dias que antecederam sua partida invadiram sua mente como se nunca tivessem se perdido. A pressão foi tanta, que precisou se sentar, colocando a cabeça nas mãos e massageando as têmporas. Samantha se assustou ao ver a cena, mas não fez nada para interferir.

Matheus se lembrou da garota petulante que achava que podia mandar nele, das discussões acaloradas que tiveram, do sequestro, do acidente... *Droga!*

Lembrou-se de acordar perdido no hospital, e de ela estar do seu lado, mesmo que ele não fizesse a mínima ideia de quem era ela. Do olhar arrependido que a mulher tinha, do choro constante sempre que estava perto dele nos primeiros dias. Foram dias bem difíceis. Nada fazia sentido, mas aos poucos ela foi conquistando sua confiança. Ele sempre soube que ela escondia uma coisa importante, mas nunca quis saber, de fato, o que era. Tinha medo de machucá-la.

Viu, aos poucos, aquela garota petulante desaparecer e dar espaço à mulher decidida que via ali. E a sua irmã, sim as recordações traziam provas irrefutáveis disso, não estava ali implorando seu perdão. Apesar do arrependimento escancarado nos olhos dela, estava ali para fazê-lo enxergar o que era realmente importante em sua vida. Precisava de um tempo longe de toda aquela confusão para pensar direito e agir da maneira correta.

O que Sam tinha feito era uma coisa imperdoável. Não podia, simplesmente, esquecer. Que irônico.

— Não quero mais falar com você agora, Sam. Se um dia estiver

pronto, entrarei em contato. Por favor. Limite sua presença enquanto isso.

— E Olívia? — ela questionou. Não conseguia imaginar sua vida sem a menina. A tinha como filha e não aguentaria se afastar dela ainda mais.

— Passe uns dias com ela. Preciso de tempo para absorver tudo que sei e lembrei. Não quero te ver. Tome conta dela, por favor.

— Claro. Pode deixar. Eu amo aquela pequena mais do que qualquer outra coisa em minha vida.

Ele virou as costas e começou a caminhar na direção oposta. Samantha não aguentava vê-lo indo embora. Era seu irmão e o amava imensamente.

— Me perdoe, Matheus — gritou, fazendo com que ele se virasse para encará-la novamente - Por ter te afastado do amor da sua vida. Por tudo — ela chorava compulsivamente. Queria muito um abraço do irmão, mas teve que se contentar com os próprios braços — Sabe aquela carta que recebeu outro dia? — ele assentiu — Eu a enviei. Já estava na hora de você ir atrás do seu passado. Queria que, por iniciativa própria, fosse ao seu antigo apartamento e visse o que tinha perdido, mas tinha medo de acabar fazendo ainda mais besteira.

Ele não respondeu nada. A cada momento, ela revelava novas coisas que havia escondido. Ele estava cansado. Precisava se afastar e refletir sobre tudo que ouvira. Virou as costas e seguiu seu caminho, deixando a irmã — e todas as mentiras — para trás. Acharia uma forma de garantir seu futuro.

Capítulo 25

Sete anos antes...

Helen estava sem palavras diante das imagens que o delegado responsável pelo caso do desaparecimento de Matheus acabara de lhe mostrar. Seu noivo aparecia nas gravações de câmeras de segurança, durante a semana que antecedeu seu sumiço, discutindo calorosamente com uma mulher desconhecida.

Suas pernas fraquejaram e o olhar de pena do homem a sua frente não ajudava em nada.

Matheus não podia ter feito aquilo com ela!

— Você é nova, garota — O delegado disse, em um tom sério e condescendente, encarando Helen — Vai ficar correndo atrás de um homem que fugiu das suas obrigações? Se ele quisesse ser encontrado, já poderia muito bem ter te ligado. Tenho mais o que fazer do que ficar me metendo em briga besta de casal!

As palavras do homem e aquelas imagens a perturbaram por muitas noites. Não teve coragem de contar para Tatiana. Era vergonhoso que tivesse se enganado tanto com ele.

Não quis que as pessoas soubessem que havia sido trocada por outra mulher às vésperas do casamento. Achou melhor que pensassem que apenas tinha sido deixada por qualquer motivo banal.

Aquela dor foi crescendo e dilacerando sua alma dia após dia.

Matheus te trocou por outra!

Matheus nunca amou você!

Você nunca vai achá-lo!

Aquela voz irritante e debochada dentro de sua cabeça aumentava o repertório na mesma velocidade em que a dor crescia em seu peito. Ela não tinha mais forças para lutar contra o abismo que se abria sob os seus pés. Os antidepressivos receitados não diminuía sua dor, não o trariam de volta.

— Não vale a pena viver — ela dizia, desolada a Fernando. Ele foi o único de quem não conseguiu esconder as recentes descobertas. Ele afagava suas costas e tentava achar um meio de tirá-la da areia movediça que ameaçava envolvê-la por inteiro — O que você ainda faz aqui? Deveria ir. Há tantas garotas boas aí fora... Me deixe aqui sozinha e vá procurar alguém que valha a pena.

— Sabe que não posso fazer isso — o amigo disse, puxando-a para si e não dando espaço para ela se sentir mais só do que já estava — Helen, me prometa que não vai fazer nenhuma besteira. Sua vida vale mais do que isso.

— Não consigo. — As lágrimas não caíam mais. A única coisa que restara foi uma angústia infinita. — Vá embora, é o melhor que tem a fazer.

— Não vou a lugar algum. Dei minha palavra a seus pais que ficaria ao seu lado — a dor na voz dele era quase palpável — Não vou te incomodar.

Helen foi tomar banho enquanto Fernando lutava contra o sono. Deitado no sofá da sala da casa dos pais da amiga, que haviam viajado para ver a filha mais velha, sentiu um aperto no peito. Algo estava errado. A demora dela começou a incomodá-lo. Foi até a porta do banheiro e bateu duas vezes. Chamou por ela e obteve resposta. Apenas escutava a água do chuveiro caindo no chão.

Sem pensar duas vezes, arrebentou a porta e a encontrou desacordada. O frasco de antidepressivo na mão.

— Helen, fale comigo, por favor — implorou. Tentava reanimá-la, mas não teve êxito.

Não, não, não... Ela não pode ter feito isso comigo!

— Alô, aqui é o doutor Fernando. Preciso de uma ambulância — por mais que estivesse acostumado a esse tipo de situação, nunca era fácil ver alguém naquele estado. Principalmente aquela garota que não o deixava raciocinar direito. Manteve a calma e ditou o endereço com precisão. Afinal, era um médico. Sabia como lidar com isso. Por dentro, entretanto, estava apavorado.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Fernando controlou o desespero durante o percurso até o hospital. Dentro da ambulância, ajudou os paramédicos a mantê-la estabilizada.

— Por favor, Dr. Fernando, o senhor precisa ficar aqui. Conhece as regras. Nós cuidaremos bem dela — uma das enfermeiras assegurou enquanto a levava para a sala de procedimentos.

Quando o médico plantonista, um conhecido de Fernando, saiu da sala, informou que havia feito uma lavagem estomacal e a medicado. Pouco tempo depois, foi autorizado a vê-la.

Deitada em uma cama conectada a vários fios, não parecia a Helen por quem estava apaixonado. Aquela era uma mulher frágil. Mais frágil do que quando consciente.

— Oi — ele disse assim que ela abriu os olhos na manhã seguinte — Como se sente?

A garota escondeu o rosto entre as mãos, nitidamente envergonhada pelo que fizera. As lágrimas rolavam pelo rosto delicado.

— Ei, não chore — Fernando a consolou — Está tudo bem!

— Não está tudo bem, eu tentei... — ela não conseguia pronunciar a palavra.

— Shhh — Fernando estava sentado na cama ao lado dela, acariciando seus cabelos e sussurrando palavras de consolo — Não precisa dizer. Só me prometa que nunca mais fará isso. Não posso te perder, Helen!

— Não conte para os meus pais. Eles vão morrer de desgosto se souberem — suplicou, tomada pela vergonha.

— Tudo bem, será mais um dos nossos segredos. Só me garanta que nunca mais fará isso.

— Obrigada. Prometo que nunca mais farei uma bobagem dessas — ela disse, com os olhos cheios de lágrimas — Posso te pedir uma coisa?

— O que você quiser.

— Não me deixe. Nunca mais. Prometa que não se afastará de mim.

Para Helen, aquele era seu momento de maior vulnerabilidade, e Fernando estava ali, ao seu lado, ajudando quando mais precisou.

O brilho dos olhos dele se intensificou. Segurou o rosto dela entre as

mãos, fitando-a intensamente.

— Achei que ia perder você. Tem noção do que eu senti? Foi desesperador pensar que eu não te diria o que tenho guardado aqui no meu peito — ele sussurrou, sua voz carregada de emoção — Eu te amo, Helen. Prometo nunca me afastar de você. Prometo nunca te machucar. Prometo tirar do seu caminho tudo aquilo que te causar dor. Prometo, acima de tudo, ser fiel ao que sinto por você.

Helen se agarrou a ele, que a apertou contra o próprio peito e beijou-lhe a pele macia do rosto.

— Não mereço alguém como você. — Uma lágrima solitária correu no rosto dela.

— Merece mais, muito mais — ele disse, olhando no fundo dos olhos dela como se pudesse, de alguma forma, decifrar sua alma — Quero que saiba que não costumo quebrar minhas promessas. Não estou prometendo que a farei feliz para sempre, mas darei o meu melhor para deixar seus dias mais alegres.

Seus lábios se encontraram timidamente, selando uma promessa que nunca quebrariam.

Dias atuais...

Os cinco amigos se entreolhavam sem dizer uma palavra sequer. Foi estranho não saberem o que dizer naquele momento.

Fernando tinha a sensação de que havia estragado tudo que vinha construindo ao longo dos últimos anos. Conviver com Helen sem tê-la foi uma condição imposta por ele para não se afastar dela. Jurou que não perderia o controle, por maior que fosse a dor em seu peito, mas agora todos tinham certeza de que ainda era apaixonado pela amiga. Havia deixado de ser apenas uma especulação.

Tatiana e Lucas sabiam sobre os sentimentos dele pela ex-mulher, só não achavam que o veriam brigar como um leão por ela, escancarando sem pudor o que sentia.

Helen aceitou a aproximação dele porque lhe fazia bem tê-lo por perto.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ao contrário do que sentia por Matheus, estar com Fernando trazia uma calma a sua vida. Não havia aquela tensão, aquela tempestade de sentimentos. E, ao longo do tempo em que estiveram juntos, descobriu que gostava de tudo que ele proporcionava a ela.

Vinicius ficou surpreso com o rompante do amigo, pois o autocontrole dele sempre foi admirável. Imaginava como estava se sentindo naquele momento. Provavelmente, estaria se punindo mentalmente pelas palavras cuspidas no momento de descontrole.

— Então, Fernando, nessa sua casa não tem algo comestível? — Tatiana resolveu quebrar o silêncio constrangedor que os tomava.

Aquela seria uma noite de comemoração pela volta de Vinicius. Depois dos últimos acontecimentos que bagunçara a ordem da vida deles, não houve tempo para que se juntassem. Como tudo parecia entrar nos eixos, resolveram marcar logo, mas deu tudo errado.

— Se você contar barra de cereal como uma coisa comestível, tem uma caixa dentro do armário.

— Como é que a pessoa assume a responsabilidade de nos trazer para a casa dele e não se dá o trabalho de fazer algo para comer? Nem abasteceu a despensa! — a grávida exclamou — O jeito é pedir pizza, gente. Enquanto ela não chega, me contento com uma barra de cereal mesmo.

Tatiana arrancava mordidas da tal barrinha. Sua fome de grávida, atualmente, estava fora de controle.

— Cuidado com essas barrinhas, amor. Se conheço meu irmão, podem estar presas aí desde o século passado— Lucas tentou fazer os amigos sorrirem.

— Pessoal, sinto muito. A nossa festinha está muito legal, animada demais... Tanto que já tirei uns dois cochilos. Só que tenho um compromisso inadiável com o diretor do hospital. Desculpem-me.

— Pode ir, seu vira-casaca, nós entendemos que é o médico estrela. Depois não reclama que não gostamos de você, viu maninho?

Com a saída de Vinicius, Tatiana tomou uma atitude inesperada.

— Quer saber de uma coisa? Acho que você dois precisam conversar — Tatiana afirmou, puxando o marido do sofá — Portanto, comerei a minha

deliciosa pizza de frango com catupiry no conforto da minha casa e com o meu maridão de companhia.

— Concordo com a minha mulher, acho que precisam mesmo conversar. Boa noite e juízo, crianças.

A porta se fechou e o silencio constrangedor ainda pairava sobre eles. Fernando sentou-se na mesa de centro, à frente da mulher, e encarou os pés.

— Helen, preciso te pedir desculpas. Depois daquela cena no hospital... — ele sacudiu a cabeça, nitidamente desapontado consigo mesmo — Sei que prometi a você e me perdoe por expor a sua vida na frente de tantas pessoas. Não queria fazer aquilo, mas as atitudes do Matheus me fizeram perder o resto de sanidade que tinha.

— Ah, Fernando! Entendo o que sentiu. Você só fez aquilo que não tive coragem de fazer — disse, encarando o quadro atrás dele — Conheço você, o tipo de pessoa que é, e sei que não faria isso para ficar bem comigo.

— É claro que me conhece! Sempre soube disso. Helen, preciso dizer isso olhando em seus olhos — ele falou, sua voz cheia de emoção. Tocava gentilmente o rosto dela, forçando-a a encará-lo — Nós dois sabemos das promessas que fizemos um ao outro ao longo desse longo caminho que percorremos, mas preciso dizer isso em voz alta, para que eu entenda que você sempre esteve aqui — ele pousou aponta o próprio peito — Juro que tentei te esquecer, mas não podia ficar longe. Eu disse que cumpriria minhas promessas e preciso estar perto de você para me sentir vivo. Por fim, resolvi ignorar meus sentimentos. Talvez eu seja apaixonado pela ideia de amar a única mulher que nunca pude ter realmente, talvez não. O fato é que continuo te amando com a mesma intensidade de quando me apaixonei por você. E hoje, quando vi outra vez aquela garota perdida que conheci em uma noite quente de verão, ficou impossível não me envolver.

— Esse é realmente um assunto que temos tentado evitar há muito tempo — ela concordou — Estou muito confusa, Fernando. Amo o Matheus, mas estou cansada de viver nesse vai e vem de sentimentos. Deixei de viver no momento em que ele sumiu. Nós dois somos os únicos que sabemos porque nunca fui atrás dele todos esses anos. Por mais que saibamos, hoje, quem era aquela mulher nas gravações, também sabemos que a culpa não foi realmente dele, e sim uma obra do destino ou sei lá o que — ela explicou. No

fundo, continuava a culpar Samantha pelo que fizera — Agora, depois de termos a oportunidade de consertar os velhos erros, alguma coisa me diz que falhamos novamente. E você chegou à minha vida em um momento tão conturbado. Me salvou do meu próprio abismo... Nosso casamento foi um fracasso por minha culpa.

— Helen, quando nos casamos, eu sabia exatamente onde estava me metendo. Sabia que não seria fácil, mas me arrisquei e entrei de cabeça. Talvez um dia você superasse sua dor, então estaria ao seu lado. E tivemos nossos momentos. Hoje, não espero nada em troca. Seria burrice da minha parte.

— Você como sempre tão altruísta, e eu tão burra— eles riram de seus infortúnios — Aquela cena no hospital me fez pôr em questão muita coisa na minha vida. E a mais intrigante delas foi a de que não quero passar a vida inteira provando o que sinto por Matheus e o perdendo a cada esquina. Agora que está consciente, achei que seria mais fácil. Só que as coisas ficaram complicadas. Ele vive em uma constante busca por algo que talvez nunca encontre, e não sei se quero isso para mim.

— Nossa, você é um verdadeiro enigma. Quando penso que está na hora desistir, você chega e me fala isso. Querida, assim fica extremamente difícil me afastar.

Fernando a queria mais do que nunca, afinal, nunca a teve realmente. Ela sempre esteve ausente, sempre houve o fantasma do ex-noivo pairando sobre eles. Nunca haviam conversado abertamente sobre esse assunto.

Quem sabe aquele não pudesse ser o início de uma segunda chance?

Capítulo 26

De todas as coisas que haviam acontecido nos últimos meses, Matheus só tinha certeza de uma delas. Amava Helen, apesar do abismo que os separava.

Saber de tudo que Samantha fizera lhe causou um ódio quase incontrolável. Depois, vieram as próprias lembranças e viu as mudanças significativas da irmã. Perdoá-la não seria fácil. Quem sabe um dia? A raiva ainda era recente, assim como a dor de não ter a mulher que amava ao seu lado. Tudo isso o impedia de aceitar o que Sam havia feito. Se as circunstâncias fossem outras, provavelmente relevaria seus erros mais facilmente, porém a realidade era dura. Ele estava ali, sem a Helen. E partia-lhe o coração saber que havia chance de ela voltar para o ex-marido.

Estava fazendo tudo da maneira errada. Agiu por impulso e acabou bagunçando as coisas.

Em seu apartamento, onde descobriu que haviam planejado um futuro junto a ela, encontrou muitas provas do sentimento forte que os uniu um dia, mas tudo parecia tão frágil agora. Na sacada, encarava fixamente aquele velho banco de madeira completamente rabiscado e o pequeno jardim suspenso, que agora sabia que ter sido criado para Helen. Cada parte daquele lugar tinha um pedacinho dela. Como pôde ser tão idiota e achar que, em sete anos, ninguém havia passado por sua vida?

Apesar dos seus conflitos internos, ele sentia-se, de alguma forma, mais leve depois de assumir para si mesmo sua culpa. Às vezes é preciso nos afastar de quem amamos. Não havia dado espaço a ela. Nem sempre um amor épico termina bem.

Não compreendia os motivos de Samantha ter feito todas aquelas coisas que acabaram machucando tanto ele quanto Helen. Entretanto, aquela confusão toda havia permitido que ele se apaixonasse por Helen pela segunda

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vez. De algum modo, o sentimento ganhou uma magnitude que nunca achou ser possível.

Porém, estava cansado. Com a volta de algumas de suas lembranças antigas, e perda de outras recentes, percebeu que a dedicação da irmã era, na verdade, a forma que ela tinha para se redimir dos males que havia feito. A culpa a corroía de tal modo, que não havia restado alternativa senão viver para ele e Olívia. Além de raiva, sentia pena da irmã.

O certo a fazer agora era pensar. Descobrir, sozinho, o que havia mudado ao longo desse tempo. As lembranças estavam voltando aos poucos e, por mais que não se lembrasse de tudo, precisava entender o que tinha acontecido. Como se tornou aquele cara impulsivo, sem planos para o futuro? E o mais importante: até que ponto Helen havia mudado?

As palavras rabiscadas naquele banco acionaram algo dentro dele. Havia feito uma promessa a Helen anos antes, e não seria uma irmã doida e uma pancada na cabeça que o fariam descumpri-la.

Neogean. Leu novamente. Foi em direção à sala, puxou uma cadeira e sentou-se de frente para o quadro na parede.

A lembrança daquele momento invadiu seus pensamentos. O cheiro dos cabelos dela quando a abraçou no momento da foto, o toque macio da pele, o motivo daquele sorriso enigmático no rosto dela. Amar alguém nem sempre é o suficiente para manter essa pessoa ao seu lado. Aprendera ótimas lições nos últimos dias. Nem tudo é o que parece. As pessoas podem agir de diferentes formas, dependendo das escolhas que são forçadas a fazer.

— Sei o que você está pensando, Fernando, e não acho que isso seja a coisa certa a fazer nesse momento. Uma segunda chance para nós apenas iria nos ferir ainda mais— Helen estava sendo sincera, e Fernando sempre a admirou por isso — Eu amo você, mas não do jeito que gostaria.

Eles estavam sentados lado a lado no sofá. Era como nos velhos tempos. Fernando segurou a mão dela e traçou o contorno dos dedos. Precisava do contato.

— Me desculpe por isso, Helen— ele disse, rompendo a distância que os separava. Afundou uma das mãos nos cabelos ruivos enquanto ela tocava seu rosto delicadamente. Os olhos profundos, marcados pelo sofrimento,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

faziam o descompasso do seu coração aumentar. Os lábios se encontraram, sem reservas, em uma saudade contida. Eram braços, línguas, lábios e sons de prazer. Ele sabia que poderia ser feliz ao lado dela — e daria tudo que tinha para poder fazê-la feliz também —, mas a recíproca não era verdadeira. Duvidava que Helen pudesse ser feliz ao lado de qualquer outra pessoa que não fosse Matheus. Saber disso fez com que ele interrompesse o beijo. Por um minuto, eles apenas se entreolharam. Ambos sabiam da verdade. Fernando depositou um beijinho na ponta do nariz dela. O que aconteceu entre eles representava mais do que amor. Era cumplicidade. Eram todas aquelas promessas que nunca deixaria de cumprir.

Foi ele o primeiro a quebrar o silêncio.

— Isso não pode acontecer nunca mais, Helen. Eu amo você, mas precisamos fechar esse ciclo. Preciso disso. — confessou. Se houvesse um pingo de esperança de ficarem juntos, ele não seguiria em frente. Continuará amarrado a ela — Não suportaria vê-la presa a mim, sabendo tudo que sente por Matheus. Não sou egoísta. Por mais que tente, não consigo. Além disso, não sou um mártir. Não posso me sacrificar eternamente. — Aquele era o momento do desabafo. Precisava verbalizar tudo aquilo que guardava há anos dentro de si. — Entendo que você precisa ser livre, mas essa é uma decisão que tem que vir do fundo do seu coração, querida— revelou. A envolveu em seus braços e beijou-lhe a bochecha — Não posso ser um obstáculo em seu caminho. Sou capaz de abrir mão da minha felicidade para vê-la feliz. Prometo que não vou interferir em suas decisões. Se for preciso, me afastarei de você. Apenas me prometa que buscará sua felicidade, custe o que custar.

Helen suspirou e sentiu um peso enorme sair de suas costas. Muita coisa começou a fazer sentido. Ela precisava da benção dele para seguir em frente. Fernando era muito mais do que seu ex-marido. Ele era seu porto seguro. Só que esse não é o tipo de relação que se deve ter com um homem quando se está apaixonada por outro. É errado e egoísta. Nos braços de Fernando, ela sempre estaria segura. O mundo exterior não conseguiria machucá-la. Mas quem a protegeria dela mesma e de suas próprias decisões? Ela precisava entender o que seu coração dizia, sem temer as consequências.

— Você me promete que ao menos tentará ser feliz, Helen?

— Prometo, mas não me diga adeus, por favor. Não conseguirei fazer

isso sem você — ela suplicou. Não entendia o porquê, só não conseguia se afastar dele.

— Estarei aqui. Prometo não arrebentar a cara daquele babaca.

Eles sorriram juntos.

Ainda havia tempo para reparar os erros.

Ficaram ali, abraçados em silêncio, até adormecerem. Estavam em paz consigo mesmos.

Aquele era o tipo de amor que raramente acontecia na vida. Algumas pessoas tinham mais almas gêmeas do que deveriam, e nem todas elas estavam destinadas a ficarem juntas no sentido amplo da palavra. Estariam ligados para sempre por um fio frágil e invisível chamado amizade.

Helen acordou com o pescoço dolorido e sem saber ao certo onde adormecera. Tinha a sensação de que havia sido atropelada por um caminhão e alguma parte dele ainda estava em cima de suas pernas, pois não conseguia movê-las. Abriu os olhos e viu a cena embaraçosa na qual se encontrava com Fernando. Eles haviam dormido no sofá-cama, mas não *juntos*, se é que conseguia explicar. O *caminhão* era as pernas dele.

Se Matheus fosse seu ex-marido, as coisas seriam muito mais fáceis.

Ela saiu de fininho, pegou sua bolsa e foi embora. Não queria acordá-lo. Sabia que ele estaria de mau humor pela posição que dormira. Hoje seria o primeiro dia de sua busca real pela felicidade e já sabia por onde começar. Não queria ser vista pelos vizinhos fofoqueiros de Fernando, às seis horas da manhã. Por isso, se esgueirou pelas escadas o mais rápido que pôde como se tivesse feito algo fora da lei.

Suspirou aliviada ao chegar à sua casa. Ligou o celular e deixou a rádio tocar. Colocou o objeto em cima da pia do banheiro, ligou a ducha e deixou a água lavar a sua alma, massageando os pontos doloridos em seu corpo. Os pensamentos divagavam, arquitetando planos para o novo começo, quando a música lhe chamou atenção.

Te confiei o meu destino

Mesmo ele sendo irreal

Os nossos planos mais bonitos

*Hoje ficaram tão lá atrás
É que talvez a gente tenha a vida inteira
Mas o talvez é tão vazio uma besteira
E eu já nem sei mais*

*Você se foi
E eu virei o vazio de alguém
Uma metade qualquer
De uma música sem começo
Eu já nem sei pra onde foi nosso final feliz
No começo eu sei que não foi nada disso
Que a gente quis*

Aquela música sem encaixava perfeitamente no caos de sua vida e a fez refletir sobre o que sentia por Matheus e Fernando. O primeiro, era tempestade. O segundo, calmaria. Por mais que agora estivesse lutando contra o que sentia pelo ex-noivo, devia admitir que ele era a sua outra metade. O homem com quem estava destinada a dormir e acordar todos os dias. Ele fazia suas mãos suarem, seu coração bater fora do compasso, suas pernas tremerem. Apesar de todos os obstáculos, seu lugar sempre seria ao lado de Matheus. Não conseguia negar isso.

Precisava de tempo para pensar um pouco, reorganizar a bagunça que havia se transformado sua vida e, apesar de saber exatamente o próximo passo que daria, ela precisava estar em paz consigo mesma. Outro ponto a ser pensado era como resolver suas diferenças com Samantha. Por mais que quisesse — e pudesse — culpá-la por tudo que fizera, não tinha mais espaço para ódio e rancor em seu coração. Estava em uma missão: a busca de sua felicidade. Samantha já havia feito com que ela fosse infeliz uma vez. Nutrir sentimentos negativos pela mulher era uma forma de deixar que essa infelicidade permanecesse em sua vida. Ela não podia permitir isso.

Mais uma coisa que precisava fazer era comunicar suas recentes decisões a sua melhor amiga. Colocaria um ponto final no plano idiota de

vingança de Vinicius e tiraria um tempo para si mesma, afinal, sua felicidade dependia da sua paz interior.

As coisas entre ela e Matheus ficaram confusas depois do último acontecimento. Talvez, ele também precisasse de um tempo para processar tudo que perdera, fortalecer os laços com a filha e compreender os motivos idiotas que levaram Samantha a cometer tanta burrada de uma única vez.

Apesar de todos os obstáculos que o separavam, não conseguia ver seu futuro sem ele novamente. Pensar naquilo causava-lhe uma dor aguda no peito.

Diminuiria suas expectativas e esperaria menos das pessoas.

Resolveu escrever tudo o que gostaria de dizer a ele e mostrar que, apesar do incidente do dia anterior, a essência dos seus sentimentos continuava sendo a mesma.

A carta

Depois de tantos sonhos jogados ao chão, depois de tantas perdas, eu aprendi a viver sem você. E quando achei que tudo estava bem, por uma loucura do destino, somos colocados frente a frente mais uma vez.

E todas as antigas emoções me invadem. Meu corpo me trai e não consigo evitar a força que me empurra até você. Nos esbarramos, e o impacto deixa tudo em minha vida de pernas para o ar.

Sinto sua falta!

Sei que tudo foi real, não um sonho. Cada beijo, cada olhar, cada promessa não cumprida. Não importa o que aconteça, meu coração irá parar por alguns segundos todas as vezes que eu ouvir o som da sua voz. E sei que eu farei a dor no seu peito aumentar cada vez que nossos olhos se encontrarem.

Mas não deixarei ir, não dessa vez! Sei que foi você quem me escolheu. Me tornei dependente de você. E quanto mais me afasto, mais aperta o laço invisível que nos une.

Entreguei-te meu coração, meu primeiro beijo de amor, meu primeiro olhar apaixonado, o primeiro “eu te amo”.

Perder você uma vez foi a pior coisa que me aconteceu. Andei em todos os lugares que estivemos, reli cada carta, cada bilhete, e nada disso o trouxe

de volta. Agora que você está aqui, perdemos tempo com discussões idiotas que não nos levam a nada.

Depois de tantas brigas tolas, eu não quero perder novamente.

Mas esperarei o tempo necessário.

Ainda há tempo para nós dois!

Capítulo 27

A vida de Matheus sofreu mudanças significativas nos últimos meses. Ele aceitou uma proposta para supervisionar um grande projeto de uma construtora e passou um tempo no seu antigo apartamento. Não muito, pois não podia, e nem queria, ficar longe da filha. De todos os desafios que enfrentou nos últimos meses o maior deles foi adaptar-se a uma vida que parecia não ser a dele, mas as memórias foram se organizando e logo tudo estava entrando nos eixos.

Sua relação com a filha melhorava a cada dia. Os desafios foram muitos, porém havia se proposto driblar todos eles. Sua relação com a irmã ainda estava abalada, mas lembrar de tudo que havia acontecido entre eles foi libertador. Ainda não conseguiu deixar todos os erros dela para trás, porém estava tentando focar naquilo que ela havia feito de bom. O processo de perdão seria longo. Não é de uma hora para outra que se perdoa algo tão grave. Muita gente não o faria, mas Matheus se prometeu que iria tentar.

Quanto a Helen, não falou com ela desde o incidente. A viu algumas vezes no prédio sem que ela o visse, sempre tomando cuidado para não pegarem o mesmo elevador ou se esbarrarem por acaso. Isso significava que tinha virado uma sombra no próprio lugar onde morava.

Precisava encontrar a si mesmo e só depois acertaria as coisas entre eles. Claro que estava demorando mais tempo do que tinha planejado. Dois meses podia ser tempo demais.

Era manhã de sexta-feira e ele estava em seu escritório, inquieto. Não conseguia se concentrar no trabalho. Sua saúde estava ótima, aparentemente sua cabeça e sua vida haviam voltado ao normal, porém Matheus ainda estava em fase de observação. Tinha uma consulta marcada na parte da tarde com seu neurologista. Não era isso que lhe causava preocupação.

Com as lembranças, ele acabou se reaproximando de um amigo antigo,
ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

o Lucas, marido de Tatiana. Precisava de alguém para, de certa forma, guiá-lo pelo caminho certo e ajudá-lo a fazer as escolhas corretas, sem que cometesse tantas falhas como antes.

Lucas tentava fazer com que Matheus voltasse à sua vida normal. Sugeriu que tivesse um círculo de amizade e uma vida social. Conseguiu convencê-lo a conversar com seu irmão, Fernando, e desculpar-se pelo incidente que quase custou o emprego do ex-marido de Helen.

Já estava na hora de começar a consertar as idiotices que havia feito com algumas pessoas que, agora, sabia que eram, na verdade, amigos.

— Você sabe que precisa fazer isso, né? — Lucas disse a ele, na semana anterior, enquanto jogavam uma partida de tênis de mesa em seu prédio — Se você pretende fazer as coisas do jeito certo, é por aí que deve começar.

— Lucas, eu arrebentei a cara do seu irmão. Literalmente — comentou — Mesmo minha ação sendo justificável, já que ele estava com as mãos em Helen, não sei se devo arriscar meu pescoço chegando perto dele.

Matheus sorriu para si mesmo ao se lembrar de seu rompante idiota

— Cara, você não conhece o meu irmão como eu. Garanto que não vai quebrar seu nariz. No máximo, vai quebrar o ossinho do seu mindinho. — Lucas tinha adquirido o hábito de debochar dos medos de Matheus e tentava trazer um pouco de humor para todas as situações. — Sério mesmo? Um cara do seu tamanho com medo do Fernando? Sei que está louco por um conselho meu, então escute bem. Você já fez muita bagunça na vida do meu irmão e da Helen. O melhor que tem a fazer é começar a limpá-la. Vamos fazer o seguinte: na próxima semana, marcamos para tomar um chope e você faz o que *deve* fazer. E não entenda isso como um convite. É uma ordem!

Sim, ele precisava fazer isso. Era mais um dos obstáculos que estavam entre ele e Helen.

O temido dia havia chegado. Matheus estava apreensivo, afinal, ambos amavam a mesma mulher. Havia uma grande chance de eles rolarem pelo chão, quebrarem garrafa ou algumas mesas e cadeiras do bar.

Vinicius também havia sido convidado e os quatro se encontraram no

bar como o combinado. No começo, foi bastante estranho, meio constrangedor. Parecia que, a qualquer momento, um arrancaria a jugular do outro. Vinicius tentou quebrar o gelo, falando de coisas idiotas e fúteis como só ele sabia fazer. Quando ambos já conversavam como pessoas civilizadas, Vinicius e Lucas deram um jeito de sair pela tangente e deixá-los acertarem suas diferenças. Outra possibilidade era que quebrassem o bar de uma vez.

— Fernando, talvez você deva imaginar o motivo de estarmos aqui — Matheus começou.

O homem a sua frente não demonstrou surpresa.

— Fiquei imaginando quando esse momento chegaria.

Matheus respirou fundo e falou de uma vez.

— Cara, lamento pelo que fiz a você no outro dia no hospital. Foi um ato inconsequente.

— Inconsequente para dizer o mínimo. Você parecia um animal, um adolescente idiota. Me atacou no meu ambiente de trabalho. Quase perdi o meu emprego por conta do seu rompante. Tem ideia do quanto estudei, trabalhei para ter a posição e o prestígio que tenho hoje? Tudo isso para vir alguém e manchar minha imagem por merda nenhuma?

Fernando tentava conter a raiva, não viera ali para brigar, mas lembrar do incidente o fez querer partir para cima de Matheus. Instinto masculino, ele presumiu.

— Você está certo. Não vim aqui para iniciarmos uma discussão. Eu estava sob muita pressão, muita coisa aconteceu em um curto período de tempo. Ver você e a Helen abraçados foi o estopim. Explodi. Garanto que repensei meus conceitos desde aquele episódio. Então, mais uma vez peço desculpas.

Matheus queria poder dizer mais. Sabia que tinha errado ao agir daquela maneira, porém não ficava muito feliz com o fato de que tinha outro homem dando em cima de sua mulher. Amigos ou não, o fato era que Fernando ainda era apaixonado por Helen.

— Desculpas aceitas. Porém, há algumas verdades que precisa ouvir — Fernando afirmou — Primeiramente, você não tem o direito de bater em qualquer pessoa que abrace a mulher que ama. Se a conhecesse tão bem

como julga, saberia que ela é gentil e educada com todos que a cercam. Fui casado por três anos com ela e sim, amo aquela mulher mais que a minha vida. Que fique bem claro que isso não me impede que deixe o caminho livre para você. Portanto, não ouse feri-la. Essa parece ser sua especialidade. Caso isso aconteça novamente, juro que vou atrás de você, nem que seja no inferno, e te farei pagar por cada lágrima que ela derramar.

Matheus o olhava perplexo. Sim, o bom médico o estava ameaçando! E pela maneira como se expressava, iria cumprir com a promessa.

— Eu não quero machucá-la, Fernando. Eu a amo — Matheus se justificou — Por mais que tente, não consigo dizer adeus a ela. Errei quando tentei afastá-la de mim e dos meus problemas. Precisei perdê-la mais uma vez para perceber que se tirar ela de mim, não me sobra nada. Dessa vez, vou fazer do jeito certo. Quero aquela mulher para mim. Preciso dela em minha vida.

Fernando o olhou pensativo. Estava tentando decidir que atitude tomar em relação a Matheus. Não seria fácil entregá-la de bandeja a alguém que já a havia magoado. Entretanto, a sinceridade no olhar do homem a sua frente finalmente o fez tomar a decisão mais sensata. Helen o amava. Não havia mais nada a fazer, a não ser tentar protegê-la.

Capítulo 28

Para Helen, se afastar de tudo e todos havia sido uma necessidade. Seus amigos sentiam sua falta, mas ela sabia que era preciso. Usou aquele tempo para colocar a cabeça no lugar, repensar suas escolhas e traçar suas metas para o futuro. O único de quem não se afastara completamente foi Fernando. Após duras tentativas, conseguiu convencer Vinícius a desistir a parar de perturbar Samantha.

Depois de longas conversas com a mulher que havia destruído sua vida, resolveu que havia chegado a hora de passar por cima das diferenças. Todos tomam decisões e se arrependem. Por um lado, ela havia criado um grande problema. Por outro, havia se doado completamente ao irmão e à sobrinha. Se a motivação foi culpa ou amor, não tinha como saber. O que podia fazer era dar a ela uma segunda chance e deixar o que aconteceu no passado. Era hora de focar no futuro. Perdoá-la não seria uma coisa fácil de fazer, mas viver com toda aquela raiva não ajudaria em nada.

Passar um tempo *desplugada* foi bom. Ela queria estar com Matheus. Todo aquele abismo entre eles a estava matando; o silêncio dele parecia não ter fim. Não que ele estivesse realmente calado. Nos últimos meses, foi surpreendida diversas vezes com pequenos bilhetes em lugares inusitados — em sua casa, em seu carro ou até mesmo em seu trabalho — com uma única palavra:

Neoeav.

Não sabia como ele conseguia aquilo, mas aquecia seu coração a cada vez que encontrava o pequeno papel.

Três meses e nenhum encontro. Estava começando a se desesperar. Parecia que ele havia virado fumaça de repente, mas quando estava prestes a desistir de esperar, um daqueles bilhetes misteriosos aparecia para lhe dar força.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Estava sozinha com seus pensamentos, em sua bancada de trabalho, quando sentiu seu celular vibrar indicando uma nova mensagem. Seu coração saltou em disparada ao ler o nome de Matheus em sua tela.

Helen, o nosso amor é o único que pode diminuir o abismo que nos separa. Não desisti de nós, nem poderia. Então, não desista de quem somos. Eu sei que uma única palavra muda tudo. Tinha tantas dúvidas e a magoei. Agora eu sei. Quero você de volta em minha vida. Sei que o nosso amor pode salvar tudo. Daqui para frente, as coisas serão diferentes. Prometo cuidar do nosso amor. Me perdoa?

Neogaeav

Matheus quebrou o silêncio de meses assim, como se nunca tivesse ido. Sabia que ele estava focado em seguir com sua vida e conquistar algumas coisas que havia perdido ao longo dos anos. Só não achou que demoraria tanto. Releu a mensagem. Perdoá-lo era tão fácil, só que de uma forma boba sentia que ele a estava excluindo de sua vida e aquilo a incomodava.

Entrelaçou as mãos, fechou os olhos e encostou a cabeça na bancada.

Por que estava dificultando a própria vida daquela forma?

O sentimento de rejeição insistia em ficar, mesmo que algumas atitudes dele dissessem o contrário. Lembrou-se do anel de noivado. O tinha perdido em algum momento durante a última semana. Aquilo devia ser um sinal para desistir, mas seu coração insistia em amar Matheus acima de tudo.

Recordou-se do que não contou aos amigos. Em nome da busca de sua paz interior, iria fazer uma viagem sozinha. Só Fernando sabia da sua pequena aventura de apenas uma semana. Estava de malas prontas e seu voo sairia às cinco da tarde. Tinha certeza deque eles entenderiam quando explicasse suas razões. Escolheu Arraial d'Ajuda, uma pequena cidade à beira-mar na Bahia. Parecia um ótimo lugar para recarregar suas energias.

Matheus estava irritado com Samantha. A irmã não atendia o celular nem respondia suas mensagens.

— Aconteceu alguma coisa com a Olívia? — ela perguntou, confusa, ao retornar a milésima ligação dele.

— Não. E se tivesse, você provavelmente não saberia. Por que não

atende essa porcaria de celular, Sam? Se você não sabe, hoje é o dia da minha viagem.

— Que viagem, Matheus? — ela questionou, fazendo com que ele bufasse impacientemente — Ah, aquela viagem misteriosa. Posso saber o que você está aprontando?

— Fique tranquila, não planejei fugir e deixar minha filha com você — garantiu — Será apenas uma semana e você nem vai sentir a minha falta. Te avisarei para onde estou indo assim que sair da cidade.

— Nossa, que irmão mais misterioso... Tem certeza de que não pode me adiantar nada?

— Sam, pare de falar e venha logo para cá! Tenho menos de uma hora para estar no aeroporto.

A irmã parecia estar acompanhada, mas não conseguia reconhecer a voz. Com certeza, era masculina.

— Chego aí em dez minutos — ela disse e encerrou a chamada.

Matheus estava na sacada do apartamento, com a filha no colo e olhando fixamente para a portaria do prédio quando a viu. Ela usava um vestido longo e florido, óculos de sol e a cabeleira ruiva presa em uma trança. Seu coração acelerou. Ele arriscaria qualquer coisa para amá-la outra vez.

Helen entrou no taxi e se foi.

— A tia Helen vai ser minha mamãe? — A filha o tirou de seus pensamentos.

— Se o papai fizer tudo certo, provavelmente sim — ele respondeu, colocando-a no chão e ajoelhando-se à frente dela — Torça muito, porque nós dois precisamos dela, não é mesmo?

Olívia sacode a cabeça em um sinal afirmativo. A criança sentia falta de Helen. As duas haviam se aproximado bastante antes da confusão acontecer.

A pequena alisou a pequena caixinha de veludo em sua mão. Olhava para ela de forma curiosa, como se não entendesse o motivo de algo tão pequeno criar mudanças tão grandes.

— Esse anel é tão lindo... Ela vai aceitar, papai. Por que você me fez pegar ele emprestado da tia Helen se vai dar para ela de novo? Essa parte eu

ainda não entendi.

Matheus sorriu e passou a mão pelo rosto da filha.

— Esse é o nosso pequeno segredo — ele piscou e beijou-lhe a testa — Esse anel é a garantia de que ela aceitará nossa proposta. Onde está o seu desenho? Vamos deixar ela sem meios de dizer não.

— Tá aqui — ela disse e entregou um envelope rosa cheio de glitter com um papel dobrado dentro — Faz tudo direito, papai Do jeito que eu te ensinei. Vi no filme que você tem que dar flores para ela, depois vai se ajoelhar e vai dizer que eu e você precisamos dela — ela disse, apontando o dedinho para o pai e para si — Promete?

— Claro!

Abraçou a filha e agradeceu aos céus por tê-la ao seu lado. O que seria de sua vida sem aquela garotinha cheia de planos mirabolantes?

Um sorriso brincou nos lábios dele. Logo estariam no mesmo voo e Helen não fazia a mínima ideia disso.

Capítulo 29

Helen abriu seu livro, tentando esconder o nervosismo, e deu de cara com um pequeno papel dobrado. O que estava escrito?

Neogean.

Olhou de um lado para o outro, surpresa. Não seria possível que ele estivesse ali.

Como ele conseguia fazer aquelas coisas sem ser pego?

Escolhera o assento do corredor para evitar um possível ataque de pânico. Não que tivesse algum tipo de fobia por estar dentro de um avião, mas sempre ficava assim antes da decolagem. A comissária informou que os últimos passageiros haviam entrado.

— Uma mulher tão linda não deveria viajar desacompanhada. — Helen sentiu um arrepio em sua nuca e seu coração disparou loucamente ao ouvir aquela voz.

— Matheus?! O que faz aqui? — ela exclamou, virando-se para fitá-lo. Ficaram presos nos olhos um do outro até que um passageiro os interrompeu.

— Seria bom se você sentasse, moço — o homem repreendeu Matheus.

— Desculpe — ele pigarreou e disse voltando-se para Helen — Viagem de negócios. Pode me dar licença? Meu assento é ao lado do seu.

Só agora ela percebeu que os assentos ao seu lado haviam ficados vazios. Uma tempestade de emoções invadiu o corpo de Helen quando ele sentou. De repente, aquele avião parecia minúsculo. Todas as velhas emoções estavam de volta. O ar lhe faltou. Ele estava ali e os sentimentos antigos se misturavam aos novos em um frenesi quase incontrolável.

O analisou pela visão periférica. Ele estava vestindo uma calça cáqui, uma camiseta branca — que mais parecia uma segunda pele sob os músculos do abdômen dele — e uma jaqueta de couro preta finalizava o look de *vestido* ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

para causar. Só podia ser brincadeira. Ela seria torturada durante as três horas de viagem. Matheus exibiu um sorriso presunçoso, pois percebera que ela o olhava disfarçadamente.

Não se renda a esse sorriso idiota Helen. A sua voz interior repetia como um mantra.

O homem ao seu lado inclinou o assento, tirou os óculos, fechou os olhos e virou o rosto para a janela. Ele a estava testando em um cabo de guerra silencioso. Qual dos dois aguentaria mais tempo sem falar? Estava determinado a fazê-la perder. O sorriso patético no rosto dele desafiava a autoconfiança dela.

— Tudo bem, desisto. Não vou passar horas ao seu lado sem falar nada — Helen disse — Que fique registrado que você é um trapaceiro idiota que sabe perfeitamente como me fazer entregar os pontos.

Matheus a encarou com um sorriso vitorioso.

— Você nunca soube perder, querida, e eu sempre fui um bom trapaceiro. Certas coisas não mudam, nem com uma batida na cabeça. Sobre o que quer conversar?

Ele tirou algo do bolso e começou a brincar com o objeto. Aquilo a irritou até conseguir distinguir o que era. *H. Neogeav.* Ela conseguiu identificar a palavra escrita dentro da aliança. As lágrimas ameaçaram cair. Tinham escolhido juntos aquelas alianças. Depois que sumiu, achou que nunca mais a veria novamente.

— Que tal começarmos por promessas não cumpridas — ela sugeriu, retirando a aliança da mão dele e sentindo o descompasso do próprio coração.

— Tem certeza de que quer falar sobre isso aqui?

— Claro! Você provavelmente vai virar fumaça na hora que o avião pousar e eu nunca saberei o que realmente aconteceu entre nós.

— Ok! Essa foi ótima, Helen. Mas que tal começarmos por uma noiva que não foi atrás do noivo quando o perdeu? Quem sabe por um casamento não mencionado? Também podemos começar por um namoro baseado em mentiras que acabou mal...

Ali estavam as dúvidas de Matheus; o que lhe causava sofrimento. As faíscas foram palpáveis. Eles se encararam por longos minutos sem falar

nada, como se o silêncio pudesse responder perguntas complicadas. Matheus tocou a mão dela hesitante.

— Você não respondeu minha mensagem — sussurrou — Sei que leu, mas quero perguntar novamente olhando nos seus olhos: me perdoa, ruivinha? — Ele encostou os lábios na mão de Helen, dificultando sua capacidade de raciocinar direito. — Sei que quebrei muitas das promessas, mas que droga! Agi como um adolescente idiota e tive ataques de ciúmes impróprios. Sim, mas e você? Ao que me consta, depois que sumi, você nunca foi atrás de mim. Simplesmente aceitou minha partida sem contestar. Não me revelou, no nosso reencontro, quem era de verdade e o que representei para você um dia.

Ela levantou a outra mão, pedindo para que ele parasse. Não podia ser acusada daquela forma.

— Tem ideia do que passei quando você sumiu? — ela disse, fechando os olhos. Tentou conter aquela onda de dor e raiva que lhe atingiu como um soco no estômago — Prestei queixa do seu sumiço na delegacia e o delegado deu início às investigações depois de muita insistência. Após alguns meses de angústia, ele me chamou em sua sala, com um sorriso debochado no rosto, e me mostrou um registro de uma câmera de segurança. No vídeo, você entrava em um carro sem placa acompanhado de uma mulher que ninguém havia identificado. Agora sei se tratar de Samantha.

Matheus estava estupefato diante de toda aquela história. Ela havia procurado por ele!

— Não sei se me perdoaria se fosse você — ele confessou em meio à confusão de sentimentos que sentia.

— Claro que perdoaria. Afinal, a culpa não foi inteiramente sua.

— Por que não me contou tudo? Por que escondeu o relacionamento que teve com Fernando? Sinto muito, ruiva, mas foi extremamente difícil ver a minha namorada abraçada a outro homem como se a sua vida dependesse daquilo!

Helen riu, limpando uma lágrima teimosa.

— Não aconteceu bem assim, Matheus. A maior parte disso é fantasia dessa sua cabeça maluca. Realmente, cumprir promessas não é o nosso forte, mas precisava agir da daquela forma com Fernando? Ele é importante para

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

mim, me apoiou em momentos que achei que não ia conseguir, me tirou do meu próprio abismo e eu o amo por tudo isso.

— Sêrio que ama aquele cara? Sou ciumento, Helen. Sempre fui. Não quero ter mais motivos para entrar em brigas. Acho que já passei da idade. Só que te ver com outro homem me enche de raiva e sinto vontade de socar o filho da mãe.

— Não, você não vai fazer isso. O amor que sinto por ele não é o que pensa — ela explicou. Estava feliz por conseguir, finalmente, verbalizar o que sentia — O nosso amor é lindo, mas não é *esse* tipo de amor que compartilhamos.

— Por favor, poupe-me dos detalhes, Helen. — Se remexeu inquieto na cadeira — Eu tinha razão em ficar louco de ciúmes como qualquer pessoa. Coloque-se no meu lugar. — Ela se imaginou naquela situação. Já havia passado por isso quando viu o vídeo de Matheus e Samantha. A sensação era horrível. — A verdade é que não tenho palavras para explicar o que você causa em mim. Ora vamos, ruivinha! Não devo ser um cara tão ruim assim, afinal, me apaixonei pela mesma mulher duas vezes, e a última vez foi avassaladora.

— Quando se tornou esse cara? Porque acho que perdi muita coisa sobre você nos últimos anos.

— Querida, quando a vida nos dá um choque de realidade é preciso mudar de atitude diante dos problemas. Pelo que me lembro, você gostou muito desse cara cheio de atitude que invadiu a sua vida.

As bochechas de Helen começaram a queimar e ele a tocou.

— É uma das muitas coisas em você que me deixa louco!

— Esse seu novo “*eu*” me faz lembrar de umas loucuras que fizemos uns meses atrás.

— Quer reviver novamente? Estou aqui.

O homem pegou a sua mão e a levou aos lábios quentes. Havia esquecido a habilidade dele de fazer com que todo seu corpo virasse uma gelatina apenas com um toque.

A última frase dele a fez desistir de tantas explicações.

A vida é muito curta para perder tempo com brigas inúteis e discussões

sem sentido. Não seria melhor se gastassem o tempo se perdoando, se beijando e se amando?

Ele não podia ser sua outra metade. Havia tantas partes diferentes entre eles que talvez nunca se encaixassem. Ele não a completava, simplesmente bagunçava sua vida todas as vezes que entrava nela. Era o tipo de bagunça que fazia o que sentiam aumentar cada vez mais, desejar cada vez mais a presença um do outro.

E o que seria do amor se não fossem as diferenças?

Ficaram de mãos dadas com seus rostos tão próximos que ela sentia a respiração dele em seus lábios. O olhar de Matheus tinha aquele incrível poder de fazer seu coração disparar, suas mãos suarem e suas pernas fraquejarem. Por sorte, estava sentada.

Seus lábios encontraram-se, desesperados. Era mais do que amor. Era completude. Sem o outro, um não poderia ser feliz. O beijo era carregado de saudade, de vontade, de paixão. Não era o suficiente. Queriam mais. Precisavam de mais.

A voz da comissária de bordo os interrompeu, quebrando a mágica. O avião estava prestes a pousar, e Helen havia chegado ao seu destino. Lembrou-se de que não sabia para onde Matheus estava indo.

— Não disse para onde vai, Matheus. — Ela apertou a mão dele quando sentiu o trem de pouso tocar o chão.

Ele exibiu um sorriso enigmático, omitindo a resposta propositalmente. As pessoas começaram a se levantar e pegar suas bagagens de mão.

Despediu-se com um olhar triste e andou vacilante sob o olhar de Matheus para a saída.

Capítulo 30

Aquele lugar era um paraíso, tudo perfeito. Helen ficou extasiada com tanta beleza.

Havia descansado bem depois da ótima noite de sono. Tomou o café da manhã e seguiu em direção à praia particular da pousada.

Desde que desceu daquele avião, tudo estava diferente dentro dela. Foi tomada por uma paz que não sabia ao certo de onde vinha. Estava tudo muito claro. Tão límpido e cristalino quanto à água do mar a sua frente. Sabia exatamente o que sentia por Matheus e não havia nada para confundi-la.

Sentou na espreguiçadeira, tirou a saída de praia, encarou o mar em toda a sua imensidão, fechou os olhos e inspirou o ar salgado.

O toque de mensagem do celular interrompeu a tranquilidade. *Matheus*. Ela leu o nome na tela.

Obrigado por me amar apesar de tudo. Prometo recompensá-la.

Me espere.

Neogeev

A mensagem a fez imaginar que ele sabia exatamente onde ela estava. Sorriu com a possibilidade de Matheus estar ali. Levantou-se e olhou de um lado para o outro a procura dele, mas não o encontrou. Andou um pouco até que seus pés tocassem a água e se perdeu por um momento, admirando o mar. De repente, ouviu uma voz que conhecia muito bem.

— Linda manhã, não acha, moça?

O coração dela disparou. Matheus tinha se materializado atrás dela, envolvendo-a em seus braços e sabia que ele não a soltaria nunca mais. Apenas se permitiu sentir o aroma amadeirado que exalava dele e os braços fortes que a envolviam

— Achou mesmo que eu a deixaria sozinha em um lugar tão lindo depois de tudo que me disse naquele avião?

Hellen apenas riu com a lembrança das palavras que antecederam o beijo.

"Quer reviver novamente? Estou aqui."

— Helen, estou aqui porque quero recomeçar a nossa história. Quero esquecer tudo que nos machucou, que nos afastou. Querida, sei que toda história de amor é assim, cheia de idas e vindas. Se chegarmos juntos ao fim, que importância tem todo o resto? — Ela riu. Aquela era uma frase típica de Matheus. Do Matheus antigo. Do otimista. — Confesso que a nossa parece a mais louca de todas. Nós somos um casal imperfeito, mas as nossas diferenças nos tornam melhores. Mesmo assim, gostaria de acordar todas as manhãs ao seu lado, ver o sol aquecer seu rosto e saber que sou o motivo desse brilho em seus olhos. Provavelmente, essa será a última chance que a vida nos dará para tentarmos encontrar um ao outro no meio de toda essa bagunça — ele sussurrava as palavras em seu ouvido, deixando-a sem equilíbrio — Eu amo você e não quero que essa doença idiota, minha irmã, seu ex-marido ou qualquer outra coisa possa nos separar outra vez.

Ela estava sem palavras. *Oh Céus!* Queria Matheus mais do que tudo. Desde que apareceu novamente e se viu envolvida por ele outra vez, soube que nunca conseguiria dizer adeus aquele homem. Sabia que, lá no fundo, nunca o deixaria ir outra vez. Tinham tido a oportunidade para esclarecer tudo o que aconteceu nos últimos anos e nas últimas semanas. A verdade não os afastou; fortaleceu ainda mais os laços entre eles.

— Matheus, não consigo te dizer adeus. Por mais que eu tente... — as palavras dela foram sufocadas por um beijo avassalador que lhe roubou o chão.

Por ela, Matheus se reinventaria, enfrentaria seus medos e sua doença.

Um beijo. Um toque. Um olhar. Sempre falavam muitas coisas, e aquele momento expressava todas as palavras não ditas, as desculpas não pedidas. A hora de juntar todos os pedaços e seguir em frente havia chegado. A muito contragosto, ele cessou o beijo. Algumas coisas ainda não haviam sido ditas.

— Minha filha me fez prometer que eu faria tudo como manda o filme

de etiqueta das princesas — Matheus afirmou e afastou-se por um momento. O sorriso no rosto era largo e genuíno. Enfiou a mão no bolso, retirou um envelope rosa cheio de glitter e estendeu para ela.

Com as mãos trêmulas, Helen abriu o envelope. Havia um desenho infantil engraçado de três pessoas de mãos dadas e logo abaixo as palavras, escritas em letras garrafais e tortas, fizeram seu coração derreter.

QUER SER MINHA MAMÃE?

Helen enxugou as lágrimas e apertou o papel contra seu peito.

— Casa comigo? — Matheus disse por fim. Estava ajoelhado aos pés da mulher que amava — Vem ser minha para sempre. Dessa vez, sem interrupções.

— Você roubou meu anel? — ela perguntou em meio a risos — Como conseguiu isso?

— Digamos que eu tive uma mini ajudante muito eficiente. Você ainda não respondeu minha pergunta: casa comigo?

— Nunca diria não a um pedido desses. Especialmente vindo de vocês dois!

O anel foi recolocado no anelar direito, de onde nunca deveria ter saído. Matheus depositou um beijo na mão dela e logo depois a puxou para um beijo que selava, mais uma vez, o compromisso deles. Helen tinha lágrimas nos olhos e um sorriso emoldurando seu rosto.

— Me perdoe por tanta bobagem que fiz ao longo desses sete anos? — Matheus afagou os cabelos da noiva à espera da resposta.

— Claro que perdoo, mas o que te faz pensar que eu também não tenha que ser perdoada?

— Eu já perdooi você. Vamos esquecer esse passado triste que tivemos — sugeriu, sentando-se na espreguiçadeira e a trazendo para seu lado — Já que vamos começar do jeito certo, tem uma coisa que você precisa saber. Não estou aqui por mero acaso. Há um mês, Fernando me fez jurar que eu não voltaria a te machucar e prometeu colaborar comigo. Uma semana atrás, ele me contou o seu plano secreto de fuga.

— Sabia que tinha o dedo de alguém aqui. Não estou surpresa. Fernando me prometeu que tentaria me fazer feliz, e é exatamente assim que

me sinto agora.

— Essa coisa que vocês têm me incomodou bastante, mas Samantha e o próprio Fernando conseguiram fazer com que eu entendesse e aceitasse — confessou — Ainda não engoli totalmente, mas aquele cara é digno do meu respeito por tudo que fez por você.

— Ele é uma pessoa incrível que merece ser feliz. Nem uma vida inteira agradecendo seria suficiente para o que ele fez por mim, e até mesmo por nós.

Matheus não queria mais falar sobre o ex-marido de sua noiva. Ele tinha Helen em seus braços. Finalmente as coisas se resolveriam e poderiam ser felizes.

— Almoça comigo hoje? — ele perguntou baixinho no ouvido de Helen — Durante os próximos dias, tenho muitos planos para nós dois. Confesso que a maioria deles inclui você na minha cama. Precisamos recuperar o tempo perdido, ruivinha.

A boca dele procura a dela em uma fome insaciável. Sem pensar duas vezes, Matheus se levantou e estendeu a mão para ela. Caminharam em direção ao chalé onde estava hospedado.

Quando finalmente trancou a porta, pôde olhar para a mulher a sua frente com toda a luxúria que o consumia. Vê-la ali, pronta para tudo aquilo que ele queria oferecer, fez com que ele se sentisse mais vivo do que nunca.

Se por dentro ardia com a paixão, por fora manteve a calma. Em passos lentos, se aproximou dela, deixando-a ciente do que estava por vir. Palavras não eram necessárias. Ela sabia, assim como ele, que o momento havia chegado. Haviam esperado por muito tempo.

Se olhavam intensamente. Sem tocá-la, começou a desabotoar a saída de praia que usava. A respiração dela estava ofegante, assim como a dele.

Não tardou para que estivessem completamente despidos. Não apenas de roupas, mas de inibições. O passado — e os sofrimentos que ele causou — não pertenciam aquele momento. Só eram permitidos o amor e a paixão que sentiam um pelo outro.

Haviam se rendido aquilo que sentiam. Era inevitável. Matheus precisava tê-la mais uma vez. Queria sentir o corpo dela estremecendo com o

prazer que ele proporcionaria.

A tomou em seus braços, depositando-a sobre a cama. Lentamente, permitiu que seus lábios percorressem o corpo dela por inteiro, deixando-a completamente arrepiada. Com todos os problemas que enfrentara, havia esquecido o quão sensuais eram os sons que sua noiva emitia quando estava sendo amada.

Ela estava pronta, assim como ele. Em um movimento único, porém controlado, encaixou a última peça do quebra-cabeça. Finalmente, estavam unidos.

Ambos estavam entregues ao desejo, e o ato era a forma que tinham de se expressar sem palavras. Eram gestos, sons, cheiros e toques que demonstravam o quanto se amavam e precisavam do outro.

Epílogo

— Quer sossegar o facho nessa cadeira, Helen? — Tati ordena, irritada, enquanto tentava finalizar a maquiagem da amiga.

— Eu tenho o direito de ficar nervosa no dia do meu casamento! — se justificou.

— Também tem o direito de ficar linda para o meu irmão — Sam diz, dando uma última olhada para o vestido de noiva esticado sobre a cama — Teve um ano inteiro para ficar nervosa, cunhada. Agora, curta seu momento sem estresse.

— Um dia eu também vou casar que nem uma princesa, não é tia Helen? — Olívia disse em meio a nuvem de tecidos que era seu vestido de florista.

— Vai sim, meu amor, mas ainda vai demorar muito tempo — Helen riu, pensando na possibilidade — Espero que até lá consigamos maquiadoras que não briguem conosco.

A garota abriu um sorriso.

— Pronto, agora vamos colocar esse vestido com cuidado para não desmanchar o meu trabalho perfeito. Sam, o que faz aí parada? Venha me ajudar e pare de ficar olhando para Helen feito boba. Ela não merece toda essa sua admiração. Lembre-se de que seu namorado é meu irmão. Posso fazer da sua vida um inferno num estalar de dedos.

De uma forma que ninguém entendeu, Tatiana e Vinicius entraram em um relacionamento. Os dois pareciam completamente apaixonados. Era lindo de se ver.

— Tá doida, Tatiana? — Sam disse entre risos — Ainda bem que cão que ladra não morde. Caso contrário, eu estaria ferrada com essa minha cunhada.

— Gente, eu estou aqui, tá bom? — Helen interrompeu a briguinha das duas — Preciso de ajuda para me arrumar e não que vocês duas fiquem nessa discussão idiota que todo mundo já sabe onde acaba.

— Cale a boca, Helen — As duas falam em uníssono.

As coisas tinham voltado ao seu eixo. Depois do pedido de casamento, a vida de Helen e Matheus mudou completamente. Ficavam o máximo de tempo juntos e Olívia adorava tudo aquilo.

Sam tinha se revelado uma ótima amiga, sem todo aquele peso que guardava antes. Sua amizade com Tatiana chegava a ser cômica. As duas não perdiam a oportunidade de se alfinetar, mas no final elas sempre se entendiam. Samantha tinha um dom para cuidar de bebês e a doce Julinha se derretia toda para a tia. E Tatiana se aproveitava disso.

Os rapazes se entendiam muito bem. Por mais que Fernando ainda ficasse desconfortável com toda aquela situação, ele cumpriu com o prometido e manteve-se ao lado da amiga.

— Sabe que amamos você, não é? — Tati falou, emocionada. Ela tentava segurar as lágrimas que teimavam em cair. Ver a amiga vestida de noiva era maravilhoso. Melhor ainda era saber que Helen se casaria com o amor de sua vida.

— Está linda, Helen. Vocês merecem ser muito felizes. Vai lá e arrasa cunhada — Sam a abraça, igualmente emocionada.

— Vamos, Sam. O Lucas está me deixando maluca por causa da Julia. Por que os homens todos não podiam ser pais perfeitos como o Matheus? Invejo a sua sorte, Helen.

As amigas se vão, a deixando sozinha.

Helen suspirou ao ver seu reflexo no espelho. O momento que sonhava desde a adolescência chegou finalmente. Seu vestido não era extravagante. O corte simples, que ia até o seu joelho, realçava as curvas do seu corpo. A maquiagem leve, os cabelos ruivos — presos apenas por duas presilhas reluzentes — contrastavam com o véu branco. O buquê de rosas lilases completava a sua beleza delicada. Seria uma cerimônia íntima no final da tarde, apenas para os familiares e amigos no sítio dos pais de Tatiana e Vinicius.

Aquela angústia que sentia antes não fazia mais parte do seu cotidiano. Estava feliz e isso que importava.

— Vai afundar o gramado se continuar andando de um lado para outro desse jeito, Matheus — Vinicius brincou, com um sorriso idiota no rosto.

— Já se casou alguma vez na vida, Vinicius? Acho que você não pode dizer com propriedade o que estou sentindo agora.

— Isso foi uma indireta? Porque se foi, quero que saiba que eu é que tenho sido enrolado por sua irmã!

Os amigos riram de Vinicius.

Fernando encarou Matheus por um momento. Sentia-se feliz. Durante o ano que passou, muitas coisas mudaram. Tinha encontrado alguém. Larissa o completava de uma forma que pensou que apenas Helen faria. Estavam noivos e ela tinha sido bem recebida por todos os seus amigos. Nos últimos meses, vivia em um estado constante de felicidade.

— No que está pensando, querido? — Larissa o tirou seus pensamentos.

— No quanto tenho sorte de ter encontrado você — respondeu, envolvendo-a em seus braços — Você abalou as estruturas do meu mundinho perfeito, e eu gosto disso.

— Eu já disse que amo você hoje?

— Já, mas não me importo que repita, afinal, sou um cara repetitivo — Ele a beija, apaixonado — Eu te amo, Larissa. Obrigado por tudo que tem feito por mim nos últimos meses. Sei que você será a esposa perfeita.

— Vamos parar com essa *pegação*. O local é público e tem crianças no recinto — Vinicius interrompeu o momento do amigo. Segurava Julinha, a sobrinha deles, no colo. — Larissa, você está uma gata. Pena que eu virei um homem sério e de família, senão o Fernando não teria a mínima chance com você.

— Cale a boca, Vinicius. — O amigo lhe deu um soco leve no braço — Deixe a minha noiva em paz.

Larissa já estava acostumada com as loucuras de Vinicius. Ela trabalhava como enfermeira no hospital.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

— Pelo menos não é a sua irmã que ele está enrolando, Fernando — Matheus disse, tentando fugir do seu nervosismo.

— Graças a Deus desse mal eu não soffro — Fernando sorriu com a brincadeira — Mantenha a calma. A Helen não vai fugir. Eu garanto.

— Tomara que não.

Samantha chegou com a cerimonialista, e todos sentam para aguardar o início da cerimônia. Matheus foi para seu lugar no altar à espera de Helen. Seu coração pulava descompassado dentro do peito. Quando sua filha desceu as escadas, deixando para trás uma trilha de pétalas de flores, ele teve que lutar para segurar as lágrimas. Sua princesa estava linda e radiante.

De repente, a música cessou e o burburinho das pessoas o deixou inquieto. A marcha nupcial começou a tocar e Helen surgiu no topo da escada. Por um breve momento, tudo parou. Matheus não sabia mais como respirar. Aquela mulher era dona do seu coração e de sua vida há muito tempo, mas agora era oficial. Ela estava radiante. Nada convencional, mas nem por isso menos bela.

Quando Helen chegou ao altar, seus olhos estavam marejados. Matheus a recebeu e entrelaçaram os braços. A juíza iniciou a cerimonia com todas as formalidades, mas nenhum dos dois ouvia o que ela dizia. Eram apenas os dois e o amor que os envolvia.

— Ter você para sempre ao meu lado, Helen, foi uma decisão que tomei há muitos anos. O nosso amor sobreviveu a todas as reviravoltas da vida — Matheus iniciou seus votos, que ele mesmo escrevera, com a voz embargada — Essa pequena palavra gravada em nossas alianças manteve o nosso amor vivo. Obrigado por ser essa ruivinha tão insistente que roubou meu coração por duas vezes. Vou passar o resto da minha vida fazendo com que nunca esqueça o quanto eu amo você.

As lágrimas escorreram pelo rosto dela enquanto ele beijava a mão com a aliança.

— A nossa caminhada até aqui não foi fácil, mas quando vi você com aquela princesinha loira nos braços, eu soube que nunca mais iria conseguir me afastar de vocês. Gostaria de dizer que roubar seu coração duas vezes foi proposital — as pessoas riram — Eu amo você, Matheus, e uma vida inteira ao seu lado não será suficiente.

Matheus não esperou a autorização da juíza e simplesmente agarrou Helen, sua esposa, e a beijou, selando o amor que superou inúmeros obstáculos, porém enfrentou e sobreviveu a todos eles.

Foi preciso que eles se perdessem um do outro por um tempo para que percebessem que eram melhores juntos.

Por caminhos diferentes, no fim, ambos procuravam a mesma estrada. E sim, haviam se encontrado novamente. Aquele momento selava o compromisso de se amarem até o fim de seus dias, com a certeza de que nem tudo acontece como gostaríamos, nem tudo precisa se encaixar perfeitamente para dar certo. Pois quando existe amor para um novo recomeço, poucas coisas importam.

FIM